

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**O SER E O ESTAR SENDO SURDOS:
ALTERIDADE, DIFERENÇA E IDENTIDADE**

Gladis T.T. Perlin

Porto Alegre

2003

Gladis T.T. Perlin

O SER E O ESTAR SENDO SURDOS:
ALTERIDADE, DIFERENÇA E IDENTIDADE

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de Doutorado em Educação.

Porto Alegre

2003

Dados Internacionais de catalogação na publicação

Biblioteca setorial de Educação da UFRGS, Porto Alegre, BR-RS

P451s Perlin, Gladis T.T.

O ser e o estar sendo surdos : alteridade, diferença e identidade / Gladis T.T. Perlin.- Porto Alegre : UFRGS, 2003.
f.

Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação,
Porto Alegre, BR-RS, 2003. Skliar, Carlos Bernardo, orient.

1. Identidade - Surdo. 2. Diferença - Alteridade - Surdo. 3. Educação - Diferença. 4. Pedagogia do surdo. I. Skliar, Carlos Bernardo. II. Título.

Gladis T.T. Perlin

O SER E O ESTAR SENDO SURDOS:
ALTERIDADE, DIFERENÇA E IDENTIDADE

Orientador:

Prof. Dr. Carlos Skliar (UFRGS)

Banca examinadora

Prof. Dr. Paddy Ladd (Universidade de Bristol-Inglaterra)

Profa. Dra. Lodenir Karnopp (ULBRA)

Profa. Dra. Marisa Worraber Costa (UFRGS)

Profa. Dra. Maura Corcini Lopes (UNISINOS)

+++++

Às vítimas do ouvintismo!

+++++

A G R A D E C I M E N T O S

A ajuda que os acadêmicos costumam receber na execução da tese para a obtenção do doutorado acontece em forma de agencia causal. Registrar a reminiscência de todos que atuaram e atuam ao conduzir este ensaio de minha tese me deixa em situação de repetir. Repetir uma extensa e pretensa lista de participações em que cada qual se sobressai em vários momentos e sob diferentes temáticas de construção e de desconstrução. Então, diante das múltiplas generosidades, proponho este arrolamento com lugares de gratidão e de honra para todos.

A evolução deste ensaio acumulou uma carga de reconhecimento para com o professor orientador Carlos Skliar que desde aquele encontro, nos cruciais dias da “deficiência”, tem oferecido a mim e aos surdos, continuamente, oportunidades de participar de suas experiências, inestimáveis momentos de caminhada conjunta e oportunidades de prática e de exploração virtual nos incalculáveis momentos teóricos.

Os colegas surdos Wilson Miranda, Marianne Stumpf e Gisele Rangel, têm especial menção como companheiros de muitas e muitas horas na trama das encruzilhadas do povo surdo, na investigação epistemológica, nos programas diretos, nas análises continuadas, compartilhando os momentos decisivos pela empatia, afeição e diálogo.

Meus colegas do Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos especialmente abertos e interlocutores nos estágios deste ensaio. A convivência significou uma lição de aperfeiçoamento contínuo.

Muito atenciosamente, o povo surdo que com seus depoimentos, seus movimentos, seus embates, animou as calorosas tardes de chá e que tem comandado, nestes anos de pesquisa, o repensar das incompletudes, perspectivas e prioridades. Dentre eles merecem especial menção os professores de língua de sinais e os intérpretes desta língua de sinais um quadro de referência que merece a gratidão pela labuta diária, pelo prazer compartilhado, pelas trocas e embates conjuntos.

Companheiro formidável, José Bittencourt, teve a atitude de reverenciar a serenidade no meu lugar de ensaio, sua presença foi carinhosa e abundante durante os produtivos dias. Presença freqüente e insubstituível.

A minha mãe Hermínia e a meu pai Domingos (em sua memória), pelas raízes da linhagem estampada nos depósitos subterrâneos, marca de constantes epifanias.

Todos os participantes do projeto: *investindo na língua de sinais no interior*, com custeamento da FAPERGS, que contribuíram como escoadouros de colheitas substanciosas que me ensinaram a repensar a prática e os peneiramentos teóricos.

Os organizadores e os meus alunos dos Cursos de Formação de Professores de Surdos cuja contribuição à reflexão nos tempos que eu precisava semear em campo as ponderações que vieram ao ensaio, abriu colheitas para novas, abundantes e profundas reflexões.

O teto acadêmico da UFRGS, os muitos Seminários no PPGEDU, o encontro com os professores e os colegas destes Seminários ofereceu variados ingredientes para este ensaio e igualmente contribuíram os outros meios acadêmicos como FEEVALE, GALLAUDET, UDESC, UFPEL, UFSC, ULBRA, UNICAMP, UNIUI, UNISC, UNISINOS, que ofereceram incentivos e suportes para moldar estas tramas do ensaio.

O Professor Paddy Ladd e a Janie Gonçalves da Universidade de Bristol - Inglaterra pelas horas extras de nostalgia ao narrar a fonte de antepassados surdos e acorreram ao constatar meus momentos de avanços perturbados neste ensaio.

A lição dos poetas ... é daqueles que procuram ser adivinhados e não querem comandar absolutamente nada; eles desejam ouvir e não se fazerem escutar... (Skliar 2003)

...os surdos se engajam em uma prática, um diálogo interno e externo contínuo. Este diálogo, não somente reconhece que a existência enquanto uma pessoa surda é na verdade um processo de tornar-se e manter-se surdo, mas também reflete diferentes interpretações de deafhood, ou o que ser uma pessoa surda em uma comunidade surda pode significar. (Ladd, 2003)

R E S U M O

Esta Tese escrita em língua de fronteira aproxima-se das referências imediatas do ser e do estar sendo surdos elucidando a epistemologia que introduz o seu conceito de diferença, conceito naturalmente firmado no interior, no chão onde reside o povo surdo. O textual do ser e do estar sendo surdos se desenvolve no embasamento de uma temporalidade diferente, no propósito das experiências, das trajetórias que acompanham o discurso utilizado. A perspectiva que o pós-colonialismo, o pós-estruturalismo e os estudos culturais oferecem para os estudos surdos nos meios que possibilitam a estabilidade como espaço para o encontro da alteridade, diferença e identidade se sobressaem como propositores de nova ordem. Ser surdo, naturalmente envolve um processo vital. O evento discursivo da diferença e da afirmação política do ser surdo introduz o resultado elucidativo da matriz produtiva que se constituem em produções políticas. A tese introduz a meta e aos reflexos que adentram questões de alteridade diferença e identidade. Introduz nos campos da experiência do ser e do estar sendo surdos, introduz inclusive nos campos do povo surdo, sua história, sua cultura. No momento perpassa os espaços cruciais da diminuição vivida nos terraplenos da educação, da inclusão, dos meios sociais, das produções decorrentes que vêm a abundar no campo colonial subjacente. E revela que não se pode sugerir passivamente a linha de argumentação que passa pela lógica da ideologia opositora ou insistentemente denominada lógica do colonialismo ou lógica do ouvintismo. É esse o vaivém que introduz a uma política de representação da diferença do ser e do estar sendo surdos contrapondo a proposta ambivalente da perigosa presença de suas estratégias bem como do historicismo e do periodismo.

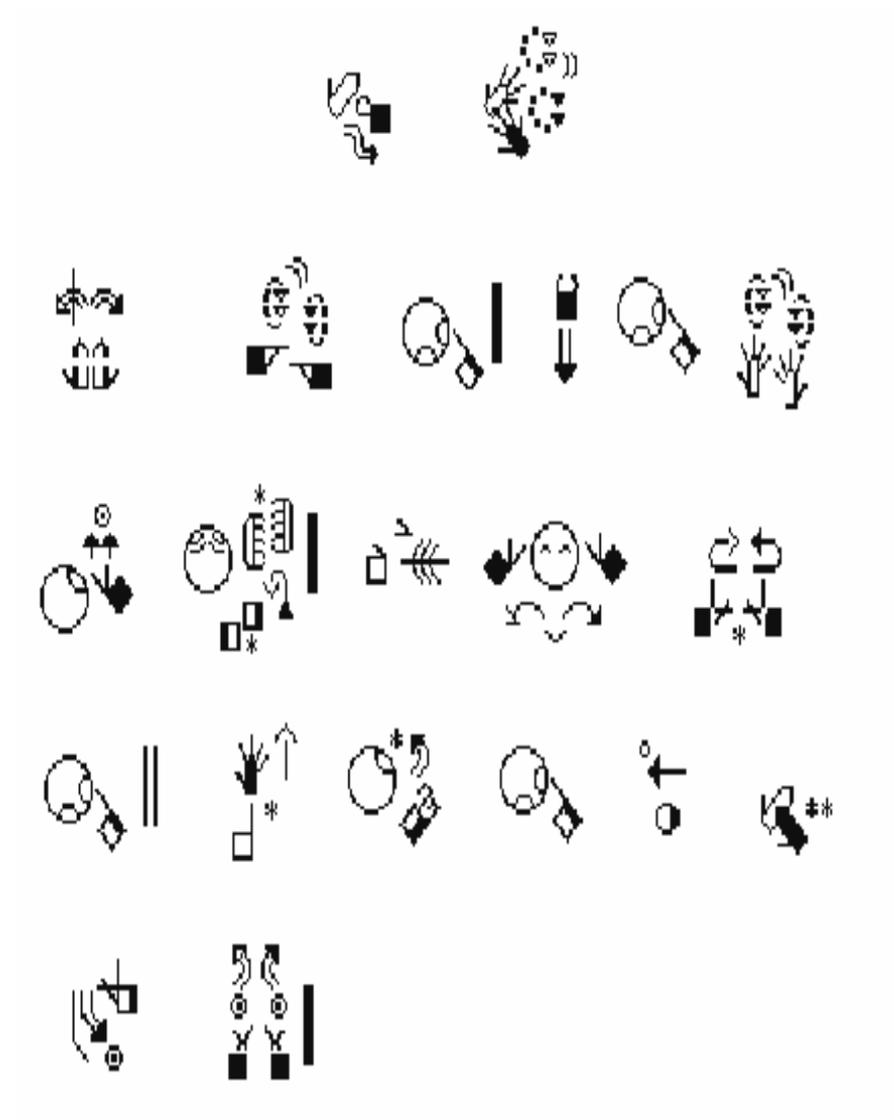
Palavras-chave: surdos, povo surdo, identidade, diferença, alteridade

A B S T R A C T

This thesis has been written in a frontier language in an attempt to approach closer references to what Deafhood¹ is, elucidating an epistemology that introduces the concept of difference, a concept that has been agreed by nature in deaf people's inside, in the core where deaf people reside. It is also important to bear in mind that Deafhood writings are elaborated based on a different temporality, according to the purpose of experiences and journeys that accompany the discourse being used. The perspectives that Post Colonialism, Post Structuralism and Cultural Studies offer for Deaf Studies, by providing stability and building space for discussions regarding alterity, difference and identity, make these theories stand out as proponents of a new order. To be deaf naturally includes a living experiential process. Discourse events about difference and political assertiveness regarding Deafhood bring about elucidating results of a productive source that can generate political output. This study, therefore, presents aspirations and reflections of aspects concerning alterity, difference and identity. It puts together aspects of Deafhood experience also including matters such as deaf people as a 'people' on their own, with their history and culture. In our days this discussion also needs to take into consideration crucial spaces in the fields where deaf people experience social subtraction such as education, inclusion and other social settings produced by underlying colonial fields. This situation reveals that we can not adopt passively the argument line that goes through the opposing ideology, often called the logic of hearing colonialism or *ouvintismo*. Thus, this is the discourse dynamics this work develops by introducing Deafhood as a politics of representation of difference as opposing the ambivalent proposal of the dangerous presence, its strategies, historicism and periodism.

Key words : Deaf people, Deaf people as a people, identity, difference, alterity

¹ Deafhood concept coined by Ladd (2003). According to Perlin, Deafhood can be translated in Portuguese language and in this dissertation as 'ser surdo' – 'to be deaf' or 'estar sendo surdo' – 'to be beig deaf', the last one a transient state expressed by the verb 'estar' in Portuguese Language in opposition to the verb 'ser' – the two forms 'verb to be' can be translated in Portuguese language – Translator's note.



Resumo escrito em língua de sinais

S U M A R I O

APRESENTAÇÃO – No ensaio de uma tese.....	16
INTRODUÇÃO – Celebrar o ser e o estar sendo surdos.....	25

P A R T E I

MEU COMPROMISSO COM A TEORIA	30
1.1 - O lugar da teoria.....	31
1.2 – O Pós-modernismo na crítica a autoridade das práticas costumeiras.....	33
1.3 – O Pós-estruturalismo e a diferença de ser o outro.....	34
1.4 - Pós-Colonial e nova linguagem.....	35
1.5 – Estudos Culturais um espaço de centralidade da cultura.....	37
1.6 - Excursionando nos campos de Estudos Surdos.....	37
1.6.1 - Estudos surdos ou estudos modernos?	38
1.6.2 - Estudos Surdos: o enunciado cultural.	41
1.6.3 – Encontros no vale sagrado.	42
1.6.4 - Questões de autoria de Estudos Surdos.....	44

P A R T E II

AS MARCAS DA PESQUISA.....	45
2.1 Terrenos de origem deste Ensaio.	45
2.2 - A questão recuperada.....	49
2.3 - Um pouco da questão privada.....	51
2.4 – Inquirição, indagação, inquisição.	52
2.5 – Transitando na língua de fronteira.....	54
2.6 - Fugindo de ter-me de narrar na lógica perversa.	56
2.7 – O moldar da investigação.....	57

P A R T E III

TRAJETÓRIAS DO OUTRO.....	58
3.1 - A questão de ser o outro.....	58

3.2 - Formas de ser o outro surdo.....	62
3.2.1 - A questão de ser o outro surdo numa temporalidade de transformação.....	63
3.2.2 – As outras formas de ser e estar sendo o outro surdo.....	65
3.2.3 - Ser o outro olhando o significativo do outro.....	66
3.3 - O ouvinte: o outro para o surdo	68
3.4 – Designação aos surdos.....	75

P A R T E IV

TRAJETÓRIAS SEM HISTORICISMO	78
4.1 - Quem fez rumos da história do povo surdo?	79
4.2 - A réplica re-visionária da história.	81
4.4 – Drenando os terrenos das organizações surdas.....	83
4.5 – A questão da cultura surda na resistência.....	86
4.6 – História apesar de sob deslize ouvicêntrico.....	88

P A R T E V

SER E ESTAR SENDO	92
5.1- Estar sendo surdos.....	93
5.2 - A experiência do ser surdo.....	94
5.3 – Estar sendo surdo e o outro surdo.....	96
5.4 – Formas traduzíveis de narrar o ser surdo.....	98
5.5 - O traduzível do ser surdo.....	99
5.6 - Passar pela experiência de ser surdo.....	101
5.7 - Interferência da violência epistêmica: periodismo e acomodação.....	104
5.8 - Resistências: embates e territórios conquistados.....	106
5.9 - Os dias da diminuição.....	107
5.10 - Experiências de diminuição	108

P A R T E VI

EPIFANIA: O SER E O ESTAR SENDO SURDOS.....	113
6.1 – Ser surdos, povo surdo, nação surda	114
6.2 – Celebrar a surpreendente disseminação	115

6.3 - O espaço já constituído do povo surdo	117
6.4 – O outro surdo – questões de alteridade, diferença e identidade.....	118
6.5 - A conspiração de ser surdo.....	119
6.6 – Ser surdo: a demanda simbólica da diferença dos povos surdos	121

P A R T E VIII

AS PRODUÇÕES DO SER E DO ESTAR SENDO.....	121
7.1 - A construção da identidade dos povos surdos.....	124
7.2 – As significâncias discursivas.	126
7.3 - Produções culturais.....	128
7.4 - Língua como centro dos segredos	132
7.5 A escrita da língua de sinais.....	134
7.6 - Estar sendo surdo e a política.....	138
7.6 - O discurso da diferença da pedagogia dos surdos.	139
7.6.1 - O discurso da diferença na educação dos surdos.....	141
7.6.2 - Pensando o aspecto da educação que temos.....	142
7.6.3 - A variante.....	144
7.6.4 - Como pensar o espaço do outro?.....	145
7.6.5 - O olhar para o surdo?	146
7.6.6 - Porque precisamos de Pedagogia da diferença?	146
7.6.7 – A pedagogia da diferença como pedagogia dos surdos	148
7.6.8 - Pedagogia da diferença e professores surdos.	148
7.7 - Inclusão/Exclusão?	149
CONCLUSÃO – Há conclusão?.....	150
BIBLIOGRAFIA.....	152

Ilustrações de Maristela Alano
direitos reservados

A P R E S E N T A Ç Ã O

NO ENSAIO DE UMA TESE

Confesso que a evolução desta tese me deixa entre dois mundos, pois passo a produzir em ensaio na língua de fronteira². Utilizo-me da língua de sinais como meio de comunicação e me utilizo da escrita de outra língua e me sirvo dela para falar da diferença de ser na trajetória de um povo, inclusive de denunciar entre muitos que nos impediram a língua escrita.³

² Língua de fronteira, assim denomino a o português, língua escrita que tramita ao meu lado. Não posso dizer que é minha outra língua, pois minha língua é em signos visuais. E desta língua oral utilizo a leitura e a escrita. Mas as utilizo numa forma não tão expressiva de modo a que me fuja a política da palavra quando ela está numa dimensão auditiva. Bakhtin propõe: *O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo o que é ideológico possui um valor semiótico.* (1997, p.32). Claro que capto a parte visual desta língua. Corro o risco de cometer equívocos com o uso que devia ser mais completo. Tampouco o português será minha segunda língua? Talvez não! Se fosse segunda língua eu teria de ouvir para usá-la com sua estrutura escrita e pronunciá-la com suas intensidades como sendo uma usante da mesma. Derrida, em circunstâncias semelhantes, cita o monolinguismo como parte da língua que tem e que o precedeu desde sempre (1997, p.14) e cita inclusive a outra língua como língua estrangeira.

³ A língua de sinais escrita, pelo que se tem informação, vem desde 1817, quando o professor Bebian criou um sistema de escrita de língua de sinais. Como o professor L'Epée não considerava importante a língua de sinais escrita, pois impunha o francês escrito o sistema caiu no esquecimento. Lá na França como aqui o mesmo problema do surdo não estar indo a universidade pelo fato da língua escrita local ser um entrave. É triste e segundo a pesquisadora Stumpf, que detectou que neste ano de 2003 que a Universidade de Paris está colocando um curso de graduação de língua de sinais, o mesmo que no Brasil existe sob coordenação do MEC. Mas estes cursos visam o ensino da língua de sinais para ouvintes!

Confesso que a evolução desta tese tem igualmente uma despesa pessoal com a força das questões surgidas entre os principais ativistas surdos⁴. Os termos de embate cultural, seja através de lutas de campo, seja nas tardes de chá⁵ ou na roda de chimarrão, assumem corpo nesta trajetória fascinante.

A melhor maneira de apresentar esta tese é registrar, já no seu início, o propósito que move a fazê-la. Com vistas, não quero elencar listas cuidadosamente elaboradas de trajetórias percorridas, mas deixar a pessoa que tem nas mãos esta arquitetura acadêmica a par das questões que se sobressaíram na elaboração desta tese de doutorado.

No especial, pretendi destinar esta tese para descer ao fundo das questões de alteridade do ser surdo. Descer fundo visto que não consigo conceber o ser surdo longe da articulação da diferença seja ela cultural ou na situação conflituosa dos embates por um outro espaço possível para sobressair como outro surdo de mim, como povo surdo⁶ no espaço pós-colonial, bem como também da agência do fomento do discurso da dominação. Na minha tese pretendo inclusive olhar os diferentes caracteres do ser e do outro surdo na sua identidade, pensar, sublinhar a construção dessa identidade na enunciação da diferença cultural. Talvez entre por alguns momentos por espaços onde

⁴ Sempre que me referir aos surdos estarei me referindo a esta diferença que geralmente agrega em torno de líderes mais achegados da política surda no interior do povo surdo. Raras vezes vou me referir aos surdos de outro conjunto onde eles não participam das lutas da civilização, pois estão em malhas ouvicentricas.

⁵ Tardes de chá aludindo aos momentos que descontraidamente o grupo de pesquisadores surdos discorriamos as artimanhas do ser surdo e ser povo surdo afluía uma linguagem pós-colonial. Geralmente servia chá. Tardes de chá para mim identificam momentos de descontração nas quais afluía, com toda a intensidade, a simbologia do ser e do estar sendo surdos longe das tensões da presença da cultura hegemônica onde as exigências de usá-la desviam as atenções do próprio, da diferença, do ser o outro surdo. Narrativas pós-coloniais que dificilmente se conseguem em entrevistas estruturadas, narrativas que vez ou outra os surdos falam.

⁶ Quero definir aqui visíveis diferenças entre povo surdo e comunidade surda. Povo surdo é tido como o grupo de surdos constituído com língua, lugar e cultura específica. Comunidade surda trata de um aspecto mais híbrido na constituição epistêmica como um grupo instável de pessoas que a constitui. Tanto podem ser os surdos, os ouvintes filhos de pais surdos, os intérpretes e os que simpatizam com os surdos. Quando cito comunidade surda faço distinção entre os sujeitos que compõem/estabelecem articulações que geram as necessidades de ser grupo do grupo, como constituição de sujeitos sociais em tempos e espaços específicos. Na minha pesquisa de mestrado distinguia a identidade surda como constituidores desse

precisamos necessariamente determinar o modo de representação da alteridade e produções culturais para a sobrevivência. Uma certa essência.

I

Alteridade, diferença e identidade, conceitos pelos quais transitei e transito sempre tendo em vista meu discurso afirmativo da representação da diferença surda. São conceitos que de forma simétrica ou assimétrica independem entre si. Fixo-me no conceito da **alteridade** quando percebo que ser surdo tem sua autonarrativa sem a narração da interpretação da agência do colonizador. O conceito de alteridade na sua forma mais radical pega o conceito “ser surdo” e suas conotações no espaço de pós-colonialismo e da filosofia pós-moderna respeitando a temporalidade. Igualmente o conceito de ser surdo aqui usado não se evidencia pela existência ou não do ouvintismo⁷. O conceito de ser surdo confirma o surdo, da mesma forma que o conceito ser negro, ou conceito ser índio. Assim, dentro de posições culturais, a palavra ser surdo assume uma política para a identidade e diferença e a alteridade.

Do mesmo modo a **diferença** que na minha maneira se atrela mais ao aspecto cultural e a identidade, as formas de se fazer o eu prevalecer diferente pelas situações da sua constituição nas diferentes tramas de poder social.

As paragens da **identidade** surda e suas múltiplas identidades surgiram durante o meu Mestrado em Educação. Foi aí que constatei o ser surdo com suas identidades

agrupamento, mas hoje destingi que aqueles que são surdos e que tem uma certa autonomia política são constituidores do povo surdo.

⁷ A representação do ouvinte que aparece com uma suposta superioridade sobre o surdo e inerente ao pensamento eurocêntrico foi denominada ouvintismo por Skliar (1997 p. 259) que utilizou este termo para descrever as políticas ouvintes sobre os surdos. Para Foucault o poder e o saber estão perfeitamente implicados. Neste caso de pose da comunicação tendo-a como superior e impedindo ao surdo de desenvolver a sua comunicação em língua de sinais, logicamente o poder ouvinte esta legitimado. Durante este ensaio de tese temos inclusive o momento de presenciarmos em outras forças de poder coercitivo como o historicismo, o periodismo. Para simplificar a referência, passo a utilizar o termo “ouvintes” (ouvintes aspados) para os que não aceitam o surdo como o diferente, bem como nos momentos em que há surdos que compartilham desta mesma idéia e que provocam para discursos conflitantes aceitando os discursos do ouvintismo, voltando-se para a diversidade cultural provocado amnésia motivada.

culturais, multifacetadas, suas múltiplas experiências surdas e em constantes translados do ser surdo. Com o tempo constatei um outro surdo que se move pelo diferente na construção da alteridade. Um outro surdo que entra na fixação da alteridade, como signo da diferença cultural e histórica. Um outro surdo que se insere nas modalidades da cultura para constituir aí sua representação válida que o identifica como diferente. Um outro surdo que rechaça o estereótipo e tem na cultura sua principal forma de defesa contra esta taxação estereotípica ou estratégia discursiva das forças de poder. Um outro surdo que tece sua alteridade, diferença e identidade no espaço do povo surdo, do outro surdo, do ser surdo no momento da temporalidade pós-colonial. Foi ali que divisei nas múltiplas identidades dos outros surdos vistos em dois diferentes terrenos: o outro surdo na capacidade física, agindo como parte desta capacitação social, o outro surdo participante de sua validação social, marcadas pelo outro de luta, de enfrentamento das teorias ouvicêntricas, no historicismo, no diferencialismo, no periodismo, na enveredação pela posição do diferente.

II

Quero apresentar a mulher, surda, híbrida⁸ que sou, o que molda minha alteridade, identidade e diferença. As minhas experiências como surda envolve a transição do outro na audição para o outro surdo. Ela se processou como um apagar de signos⁹ auditivos, o colocar uma montanha branca sobre estes signos e o passar a signos visuais detentores de ventilações para palavras com epistemologia visual. Uma outra experiência está no jeito de ser surda que captei ao longo dos últimos anos. Passei a

⁸ Eu não nasci surda e quando tinha 7 anos, momento em que iniciava meus primeiros passos na escrita e leitura, veio a meningite que me deixou sem nenhuma possibilidade de captação natural de sons auditivos. Longe disto ser uma barreira, constituiu-se num desvendante mundo. Como parte desta diferença eu deveria constituir uma alteridade com as outras alteridades rochosas do povo surdo. Meu encontro com os surdos e sua cultura tinha de acontecer, mesmo tarde, quando eu já tinha perdido a noção dos signos constantes da palavra falada e conservava em meu repertório um punhado de palavras mal pronunciadas e mal significadas, dados todos os alvoreceres durante o espaço de 10 anos. Foi um encontro de significações profundas, um espaço maravilhoso onde a gente gostava de estar, porém condenado enfaticamente naquela temporalidade na qual só existiam olhos para o mundo ouvinte.

⁹ Bakhtin (1997) refere que cada palavra é constituída de signos: cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do outro ou como coisa qualquer. Durante meu ensaio me utilizei freqüente deste termo para designar a diferença da constituição de palavras ouvintes por signos auditivos da constituição dos sinais (palavras) da língua de sinais por signos visuais feitos pelos surdos, do mesmo modo quando interpretar palavras em português o surdo fará através de signos visuais.

conhecer a vida dos surdos, conviver com surdos. O contato denunciava minha diferença, meu novo jeito de ser, de narrar-me, de viver, de agir. E aí o meu desvendante mundo: como me achar na representação de menos-valida numa situação destas? Como engolir tudo o discurso ouvicêntrico ativista que me fixa na desordem, degeneração, repetição demoníaca da deficiência? A estratégia foi apaixonar-me pela efetivação de uma política que aguçando sua crítica interna do signo da agência capaz de ditar os termos de alteridade, diferença e identidade e suas imagens capazes de interpelar. Desde então minha vida é feita entre surdos. Não se trata que estou usando minha alteridade, diferença e identidade para utilizar-me de uma diferença, transformando-a em algo militante como poderá transparecer nesta tese. Estes termos estão aí para que possamos conversar com eles. Quero poder conversar com nosso jeito de ser surdos deixar as narrativas transbordar, resgatar as histórias, tornar a história transparente, introduzir o que a política está a reivindicar. Quero conversar e para isto, servi-me de teorias que me ajudam a desmascarar o estereótipo que é a principal estratégia discursiva ouvicêntrica¹⁰ em relação ao surdo, para deixar aí transparente o nosso jeito de ser. Sei muito bem, contudo, de minhas limitações para estes aspectos.

III

Com base neste envolvimento me propus produzir uma tese que focalizasse nada mais que as narrativas surdas. O campo aberto me permite abordar o ser surdo, as produções de significados a partir da alteridade, diferença e identidade, constantes no povo surdo captando inclusive os sintomas mais sérios sob a diretiva da política colonialista. Nesse espaço me concebo como o outro do ouvinte, o ouvinte que não sou, o surdo que sou, a minha alteridade.

IV

¹⁰ Alguns ouvintes já não tem mais desta atitude ouvicêntrica. Alguns surdos a assumem, seja porque para eles as teorias ouvicentricas são corretas, seja porque foram induzidos a aceitar.

Igualmente pode transparecer um elencar dos campos de embates¹¹ do povo surdo nos quais participei e participo constantemente. São campos do dia-a-dia, campos que propõem uma nova civilização para o povo surdo.

Diante disto suporto uma preocupação como seja não intervir ideologicamente e imaginar, mas seguir o movimento empolgante, a realidade constatada no dia-a-dia que levam a emergência de uma afirmativa na agência: a cultura, a alteridade, a diferença e a identidade do surdo.

V

Quando pesquisadores surdos ou ouvintes usam estas linguagens dos embates em aproximação com teorias pós-modernas, pós-estruturalistas, com Estudos Culturais os Estudos Surdos¹² tomam novos ares, isto precisando o afastamento da representação ouvinte como essencial e reorganização das posições do povo surdo, do ser surdo, sua alteridade, sua participação histórica, sua diferença, seu novo outro no espaço pós-colonial que oferece terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação dando possibilidade aos novos signos de alteridade, diferença e identidade, pontos inovadores no ato de redefinir-se surdos. Esta questão de mudança na maioria dos casos apresenta caráter cultural ou emerge das teorizações diversas que as teorias citadas propõem.

VI

O rio principal que irriga esta tese é constituído, como já disse, pela trajetória do povo surdo, seus embates de fronteira, suas vitórias e conquistas.

¹¹ Os campos de embates são: pelos surdos na Universidade, pela pedagogia da diferença, pela regulamentação da língua de sinais, na defesa da escrita de língua de sinais, pela formação de professores surdos e professores ouvintes de surdos, contra a política de integração escolar, e outros que não cabe elencar.

¹² Os Estudos Surdos no que refere, evidenciam hoje uma *paisagem*, com seus próprios rios ou cursos em diversas universidades. Eles exercem influência sobre diversos setores sociais. Dedico parte de um capítulo enfatizando a espessura dos Estudos Surdos em função do tempo e do espaço, dos lugares com a linha de Estudos Culturais que hoje está posicionando algumas comunidades acadêmicas para o que salientamos serem os Estudos Culturais Surdos.

VII

Ao fazer este ensaio¹³, nesta tese, não me propus outra coisa que pegar a idéia do meu estruturado tema da proposta de pesquisa. Claro que cultivei outros terrenos que os da intenção inicial de produzir em aspectos do corpo surdo para aspectos ensaístas do ser outro surdo. Mas como todo ensaio é mais aberto ou mais fechado que o trabalho teórico tradicional, ele nega a sistemática crescente e a nega sempre mais para se bastar a si mesmo, inclusive trabalha enfaticamente a forma de expressão, visando absorver também conceitos e experiências, além de teorias.

VII

Proponho agora ao leitor olhar, apreciar, criticar, vivenciar a noção de emergência de um pensamento verdadeiramente radical que nunca vem à luz sem projetar neblinas incertas sobre as amplas planícies sagradas¹⁴.

Na primeira parte desta tese cito o meu *compromisso com a teoria*, trato a questão presente de forma bastante complexa como o é para mim. Não me proponho uma discussão sobre as multifacetadas teorias, mas uma elucidação rápida desde as diferentes teorias devido a dificuldades de nomeá-las. Dificuldades que vão desde a tradução destas teorias para o português e conseqüentemente para a língua de sinais. Conseqüente, escrevo-as sobre a própria instabilidade e quase definição. A partir dessa perspectiva, me refiro a determinadas e contraditórias descrições da diferente temporalidade e onde sobressai o outro surdo. Faço um elenco das ferramentas teóricas com as quais passo ao intento de desvendar os significados para produzir o conhecimento. Excursiono pelas correntes de pensamento que me movem no campo da crítica e que possibilitam a aprofundar o ser surdo e as práticas do povo surdo, bem como as significâncias presentes na temporalidade significativa que os acompanha.

¹³ Nos contatos com o orientador, decidi-me fazer esta tese em forma de ensaio, visto ser mais poética à forma de narrar que escrever de maneira formal.

Na segunda parte da tese vou narrando minha forma de colher e ficar por aí tecendo as malhas do ensaio realizado com a pesquisa.

Na terceira parte objetivei ensaiar sobre as trajetórias do outro, nas quais sobressaem as diferentes formas de ser o outro, um certo deslocamento permanente que acompanha o outro aquilo que pode ser denominado como mexer com as tradicionais narrativas que parecem estar disponíveis para apenas uma forma de ser. Ao mesmo que falo das diferentes formas de ser surdo. Meu propósito nesta parte do ensaio da tese é em primeiro lugar, enfatizar as formas de ser seja do surdo ou do ouvinte, quanto a este último dou espaço as formas de ele representar os surdos. Alerto inclusive para a existência de nomeações contraditórias, divergentes, ambíguas.

Na quarta parte me entusiasmo com a diferença de ser o outro surdo. Falo da História, o ser outro surdo, ser povo surdo das produções culturais e identitárias, dos guardados históricos.

A quinta parte contém alguns aspectos do passar pela experiência de ser o outro surdo. O moldar-se como somos, o estar sendo na alteridade surda.

Na sexta parte sobre a epifania. O objetivo nesta parte é, sobretudo, citar epistemologicamente a existência de uma certa força que marca a presença do ser e estar sendo surdos, bem como a emergência do povo surdo como fato em que ele está aí e o que torna mais significativo é esta emergente presença das múltiplas experiências surdas.

E finalmente a sétima parte contém as produções decorrentes do ser e do estar sendo surdo. Tento ensaiar sobre as produções que possuímos, ou nos estão disponíveis, para introduzirmos sinais simbólicos, linguagens, a *performance* do povo, do ser surdo, da cultura, da pedagogia, enfim nossas produções enquanto diferentes do ouvinte

¹⁴ Próximo de Cuzco no Peru tem o vale sagrado dos Incas. Que significações simbólicas de um povo se

sintetizam o que constitui a materialidade concreta da cultura, do povo, dos sujeitos, da educação, da língua, das identidades.

E que cada uma dessas partes cede a uma construção de olhar, ou melhor, citar as tramas do ser surdo. Gostaria de deixar claro que não é meu propósito colocar aqui uma planície de certo modo acabada, linda, reformada e inteligível de uma totalidade, de intento e impulso de explicar o total, o completo. Não tenho qualquer bojo para esta obra. Dessa forma, ao ler certas páginas pode-se deparar com a carência, mesmo com a imperfeição a desarmonia. Outro aspecto trata de busca ou fuga de palavras corretas ou mais próximas, contemporâneas ou mais admissíveis. Alerto inclusive que na minha língua de fronteira percorri livros e mais livros para encontrar as palavras que melhor coubessem na significância; daí possíveis são as palavras “pegadas” aqui e ali que se prestam ao ensaio na trama desta tese chega às vezes a idéia, outras subverte a ordem. Alerto também que a leitura complexa da teoria pode por vezes transparecer menos profunda. Contudo este ensaio construiu o que está construído.

I N T R O D U Ç Ã O

CELEBRAR O SER E O ESTAR SENDO SURDO

A celebração do ser e do estar sendo faz com que esteja vivendo numa temporalidade social significativa. A filosofia pós-moderna e os Estudos Culturais abrem o espetáculo ao ser e ao estar sendo.

Surgem os panoramas de “ser” nas culturas, cenários de velhas culturas deteriorando, culturas desenraizadas, culturas surgindo em rebentos, novas culturas. Cenários de “ser o outro” que transitam por territórios desiguais, espaços hegemônicos, fronteiras estabelecidas, espaços roubados, outros com máscaras de validação social, outros que lutam pela hegemonia, pela globalização, pelo poder. Em contraste, lado a lado, sobrevivência, exposição, excluídos, menos-valia-social¹⁵, invalidez. Surgem aspectos que se descortinam entre os legados do passado e a sensação de desorientação ou de medo que se ergue frente aos novos panoramas pós-modernos.

Nos terrenos em que a cultura ocupa a posição da centralidade, temos o “ser o outro” no centro, nas fronteiras ou periferias; temos locais centrados, hibridizados, fragmentados, inabitáveis. Inclusive na temporalidade, outros que vivem e lidam nas diferentes gerações. Sob este cenário, ventos de formações discursivas varrem as

¹⁵ Entendo que a menos-valia-social não é o mesmo que incapacitação social ou invalidez total do outro. Muitos “outros” podem ter uma espécie de menos-valia para determinada posição social, como por exemplo, os surdos. Porém não significa que estarão numa incapacitação total, como seguidamente lhe é imposto ou atribuído, pois ela pode ser contornada.

diversas superfícies excluindo, fazendo com que outros se apossassem do mesmo espaço. Espaços disputados, conquistados, abandonados. Sempre serão espaços, nos quais se determina a valia de uns e de outros por estranhas forças de poder.

Nos cenários dos espaços e dos tempos vejo diferenças entre o contemporâneo e o passado, diferenças que são mudanças significativas. O “ser o outro” do passado se mostra nos campos de vitoriosos e de vencidos, de colonizadores e de colonizados, de deficientes e de excluídos e contrastam com os atuais “outro” de privilegiados, de sujeitos sociais que se validaram e têm autonomia sobre “outros” desvalidados, refugiados, exilados, deslocados; em detenção em que a representação de incapacitação social é o elemento crucial.

Neste espaço presente, evocando a temporalidade, a partir de um movimento no qual, no centro, impera os regimes de poder e de verdade que se significam apenas diante um *território* que, como afirma Foucault (1996), *é sem dúvida uma superfície com aspectos geográficos, mas é antes de tudo uma superfície de terrenos politicamente constituídos que controlam por um certo tipo de poder*. Estes tipos de poder seguidamente impõem a diversidade aplicando o limite e a separação de culturas.

Uma forma que impera na marcação da diferença dos outros não pela diversidade, mas pelas tramas das forças de poder: exclusão, segregação, políticas e normas preestabelecidas. É dentro dessas forças de poder que as alteridades, diferenças e identidades dos “outros” são moldadas ou estabelecidas, precisamente porque elas são constituídas dentro e não fora desses espaços, dessas representações. E neste espaço vigora igualmente uma política baseada no deslocamento cultural, fundado em uma representação das fronteiras diferenciadas entre um e outro blocos e as posições possíveis para cada um.

Em meio a essa estratégia hegemônica acontecem os movimentos sociais que enfatizam diferenças de marcas culturais, deslocam por outras vias sua própria narrativa a qual tentam acostumar-se a partir de suas praticas e alternativas no enfrentamento das

fronteiras estabelecidas e territórios privilegiados de outros, detentores de poder que os habitam.

Nestes espaços sobressai o “outro” surdo, e o “ser outro surdo” que concebe suas próprias fronteiras, articula sua diferença, estabelece seus limites, molda seu território como povo¹⁶ diferente. Um outro onde a linguagem é mudada para falar de identificações, de diferença e as modalidades enunciativas da atuação cultural como tentativa de transformar a relação diferente e aos múltiplos outros que podem ou não ocupar terreno constitutivo do povo surdo.

Entre o que é apresentado sobressai as novas linguagens dos discursos críticos de humanidades tais como os Estudos Culturais, os grupos diferentes, história e filosofia que refletem a aproximação das teorias culturais. Em muitos aspectos elas já fizeram com que presenciemos uma virada histórica.

Abraço a idéia de cultura surda como os sistemas partilhados de significações constituídos por sujeitos que utilizam experiência visual. Cada movimentação, cada nova significação, como as ondas sobre o lago, movimenta a cultura surda. Na verdade os novos ventos agitam em ondas, eles identificam qualquer oposição entre o “nós surdos” e o “você ouvintes”. A marcação da diferença identifica e ventila novamente a alteridade e providencia a identidade e a diferença.

E neste espaço experienciado, nesta trajetória feita, inicio uma difícil tarefa. Estou consciente que é preciso preparar terreno e defender a uma tese em tempo preestabelecido. Consciente igualmente de que estou transitando com uma língua que é inacessível na sua parte mais essencial¹⁷ para traçar imagens de uma defesa cujo

¹⁶ Sem rechaçar o termo comunidade surda, preferi a denominação de povo surdo para designar o grupo diferente, seja porque o uso do termo é mais antigo, seja porque quando se refere à questão cultural requer inclusive um povo que a pratique, visto que a diferença constitutiva do outro surdo rente a um significado e uma realidade própria.

¹⁷ Talvez eu devesse explicar aqui que apesar de minha constituição híbrida, utilizo a língua visual, ou seja, língua de sinais, e passo a interpretar em português. Construindo significados dentro de uma experiência visual e não auditiva, é a resposta do por que me faltam palavras escritas, frases de significado que aproximem da complexidade do pensamento na língua visual. Pensar em língua visual e

conteúdo mais se assemelha a paisagens visuais, cujas idéias ventiladas, não em uma língua oral, tampouco provenientes de um pensamento auditivo. Minhas idéias terão a interferência hegemônica da língua de fronteira, ou seja o português escrito. Estou consciente de que terei de escrever nessa língua¹⁸ que não se presta para minha atual visão por imagens e se apresenta como um bloqueio, um estorvo para meu pensamento corrente em língua de sinais¹⁹. De forma que estou colocando desordenadas palavras, no entanto isto não significa chegar a uma rejeição, uma depreciação desta língua que é parte da cultura ouvinte. Significa antes a pretensão pura e simples da necessidade de transito na língua de uma cultura que hoje, os Estudos Surdos, podem intitular de cultura visual.

Nas paragens de minha tese, já no inicio quero deixar em relevo que pretendo um ensaio, uma tentativa de ensaio para uma ênfase da paisagem na qual está o ser e o estar sendo surdo. Quero, com toda possibilidade visar o ser e o estar sendo surdo na alteridade, diferença e identidade, em ser sujeito e ser povo surdo. Quero visar o discurso surdo, a produção de estratégias de alteridade, diferença e identidade para a diferença de ser e conseqüente à diferença cultural. Quero visar estas posições assumidas, vividas, experienciadas, habitáveis, do ser e estar sendo surdo, no espaço do povo surdo e sua conquista de espaços sem as máscaras que o problema da representação anômala propõe. Não pretendo considerações que reproduzem a relação de dominação do tipo de colonialismo dos ouvintes sobre os surdos ou que cria novas significâncias para negociação de fronteiras específicas. Talvez me detenha em algum ponto a desmascarar esta forma predatória sobre o surdo e o povo surdo, pela posição de

sinalizada e pensar em uma língua oral/auditiva e escrita tem conotações diferentes, pois continuamente está-se na situação de quem não conhece o outro lado, isto é o lado auditivo.

¹⁸ O português escrito, contido de signos auditivos, para o surdo terá de adaptar-se a estrutura da língua de sinais. Tenho desenvolvido a escrita em português devido à leitura e meu cuidado atual para escrever ressaltando a imagem...

¹⁹ A língua de sinais escrita existe em pesquisa, está iniciando campo para seu desenvolvimento com aplicação em escolas de surdos. A presença desta língua na atualidade já permite o fluxo corrente do pensamento surdo escrito nesta língua. Quanto a mim, teria de regredir anos no estudo desta escrita, tempo percorrido pelos atuais pesquisadores. No Seminário de Língua de Sinais, realizado pela FENEIS/RS, em julho 2001, a palestrante surda Marianne Stumpf fez uma palestra inédita utilizando a escrita da língua de sinais como veículo de comunicação. Os propostos desta palestra estão em arquivo de datashow.

força ouvinte no que ela constantemente repete a si mesmo, no entanto não pretendo me deter aí.

Estou consciente de que o ser e o estar sendo surdos imerso atualmente nos campos nos quais as produções da vigilância buscam legitimação para as estratégias, através da produção de conhecimentos para manter o surdo na sua incapacitação, ou como modo a justificar sua conquista e que a mudança para a legitimação da diferença, vai aos poucos conquistando terreno com a sombra da nuvem de dialogo empurrada pelos ventos dos discursos dos outros que se unem em liames em que dividem o repertório de poder e resistência.

Quero deixar bastante claro que tive a pretensão de questionar as produções do ser surdo para a alteridade à diferença e a identidade. Identificar a representação surda através das produções de alteridade, diferença e identidade como se representa para o surdo. Sondar como o ser surdo se apresenta para o surdo, ou seja, os reflexos do outro surdo em face de gerações e cultura surda. Como o outro surdo vence com o outro *disabled*²⁰ e se recusa a ser material bruto através do qual outros impõem posições de poder e vai constituir o povo surdo.

Há algo que me impediria de dizer que o ser e o estar sendo surdo é o próprio princípio de organização do povo surdo, o lugar de enunciação política da representação transformando continuamente as enunciações do ouvintismo continuamente presente pela posição hegemônica que ocupa nos espaços e territórios do universo dos discursos?

²⁰ Para Mitchel and Snyder (1997), as subjetividades *disabled* são constituídas na luta contra as projeções políticas e alcances na manutenção da *disability* como alteridade, por parte dos que se posicionam contra a possibilidade da diferença. Esses privilegiam trabalhos que delineiam vidas físicas de pessoas com *disabilities* com elas retratam e refletem o sujeito conflituoso da *disability*.

P A R T E I

MEU COMPROMISSO COM A TEORIA

Entre o que é apresentado como fruto e distorção da “metateorização” européia e a experiência radical, engajada do Terceiro Mundo, pode-se ver uma imagem espetacular daquela polaridade a-histórica do século dezenove entre oriente e ocidente que, em nome do progresso desencadeou ideologias imperialistas, de caráter excludente do eu e do outro. (Bhabha, p. 43).

Minha principal preocupação no rio condutor desta tese não é a teoria, muito embora ela seja um dos aspectos de importância e ocupe lugar de destaque por determinar inclusive o lugar de narrar, a linguagem, a imagem. Será sempre preciso um lugar uma estrutura para depois iniciar estes espaços polemizados de uma tese? A teoria coloca umidade, peneira, enxerta, se apresenta como terreno fértil a essas metas, no entanto estruturas pré determinadas nem sempre são acessíveis a todas as necessidades de elucidação.

Uma exigência, assim sendo, a interferir. As narrativas, as linguagens da teoria assumem lugar. O que exige de se ver é se “novas” linguagens da teoria e estruturas predeterminadas refletem e refratam as divisões capazes de se reproduzir o discurso do outro em sua alteridade, diferença e identidade que se refaz na soma do poder e do conhecimento.

1.1. O lugar da teoria

Reconheço que para fazer uma tentativa de desvendar, um ensaio da alteridade, da diferença e da identidade do ser e estar sendosurdo, no espaço de uma tese nos inícios deste século requer ferramentas que lhe garantam presença e possibilidade de ser, aparecer na sua veemência. Não se justifica a existência do povo surdo a não ser pela possibilidade de autorizar experiências em torno do ser surdos, que se esparrama entre a experiência e a existência. Igualmente não se justifica captar uma realidade a não ser com as ferramentas que garantam acesso a esta diferença de ser, de estar sendo. As tantas descobertas de nossa temporalidade - cultura, alteridade, diferença e identidade - vem do introduzir-se, aprofundar-se mediante posições teóricas. Menciona-se sempre que é preciso recorrer às ferramentas que facilitem qualquer pretensão de adentrarmos na redescoberta do ser, do outro, de sua pertença a um povo, que facilitem inclusive a pretensa²¹ possessão da verdade da realidade, unindo-se em causa comum.

Cito o encontro do ensaio como um dos primeiros contatos que me nortearam e posterior que possibilitaram abrir clareiras na densa selva, para esta tese, tenho de valer-me do que concorre para colher/captar/adentrar a cultura, a alteridade, a diferença e a identidade do ser surdo como sujeito do povo surdo, o estar sendo surdo e devo utilizar-me de ferramentas que darão possibilidades de enfatizar o que pretendo, colhendo a idéia do novo, seja recolhendo a parte da necessidade e da nostalgia de ser surdo.

Para construir este ensaio como percurso no qual tomo argumentos, tenho bem presente que não conseguirei recolher a babel das possibilidades que estes estudos conferem. Vezes sem conta vou citar apenas superficialmente outras apenas incorporando novos conceitos na delimitação daquilo que pretendo no processo citação teórica como Veiga-Neto sintetiza:

Não (há nessas abordagens teóricas) um porto seguro, onde possamos ancorar nossa perspectiva de análise para, a partir dali, conhecer a realidade. Em cada parada nós, no máximo conseguimos nos amarrar às superfícies. E aí nós construimos a

²¹ Possuir a verdade não vem ao caso. Este ensaio quer narrar, independentemente de ter ou não ter a verdade.

*nova maneira de vermos o mundo e com ele nos relacionarmos
(...) (Veiga-Neto, 1996, p.30)*

A delimitação que a escolha de um referencial pode provocar é evidente. Os muitos referenciais concorrem para clareiras em outras direções de que posso me servir durante estes ensaios no campo da produção do conhecimento.

A teoria não é uma linguagem de meios requintados, tampouco uma linguagem ingênua. Quando ela se destina a descrever o ser e sua história, a estrutura de sua subjetividade e seus sistemas de representação cultural ela tem aspectos próprios. Assim, meu transitar pelo pós-modernismo, pós-colonialismo e pós-estruturalismo envolve intenções precisas. Claro que mal entendo, de passagem, a babel das linguagens que perpassam estas teorias. Claro que tenho em vista afastar o caráter excludente do eu e do outro, bem como do povo surdo e sei que estas linguagens produzem a lógica que torna possível conferir sentido simbólico à especificidade.

1.2. O Pós-modernismo na crítica a autoridade das práticas costumeiras

Minha utilização da teoria pós-moderna emerge nestes momentos de hibridismo cultural, o cruzamento de fronteiras culturais e de identidades, as situações de incertezas e instabilidade.

Justifico meu uso desta teoria, pois como diz Huysen: *(A) dimensão crítica do pós-modernismo reside precisamente em seu radical questionamento daquelas pressuposições que ligaram o modernismo e a vanguarda aos propósitos de modernização.* (H, 1992, p. 24) O pós-modernismo assume toda uma crítica contra as metanarrativas que geram a menos-valia-social, contra as fontes tradicionais, as práticas e discursos que mantêm o outro e povos inteiros subjugados, dividindo, excluindo, rechaçando suas culturas, minimizando-as.

Para Silva (2.000, p 93),

O pós-modernismo.... é o movimento ligado à idéia de que várias transformações culturais e sociais permite descrever o presente período histórico como suficientemente diferente do período conhecido como modernidade para ser caracterizado como uma época histórica – a pós-modernidade.

Uma mínima racionalidade é suficiente para observar com olhos pós-modernos os espaços de poder que realizam uma agência. Também oferecem espaços possíveis para visualizar o sujeito que expressa sua angústia de origem, o sujeito com uma aflição desnecessária que tortura sua própria cultura ante a imagem hegemônica da aporia cultural.

A perspectiva do pós-modernismo me força a repensar as praticas culturais no que elas têm de repetição descontinuada de conceitos universalizantes, de predomínio de legitimação das posições dominantes. Inclusive que se adentram reproduções de padrão. Entre os pensadores, ultimamente tenho encontrado Jean Baudrillard que aceita a conexão entre o código e a representação ou produção não que seja exclusivamente a imitação, mas como diferença entre a repetição na diferença e o original.

1.3. O Pós-estruturalismo e a diferença de ser o outro

A minha utilização do pós-estruturalismo me leva ao encontro com a alteridade. Ao mesmo tempo me auxilia a visualizar o ser surdo como o outro, na sua diferença infinita, na sua identidade que vem a ser refletida como real, como lugar habitável, como espaço de ser o outro, o diferente, longe dos estereótipos, da tragicidade, da anormalidade, da deficiência. Inclusive, ironicamente, sempre assinalei a presença de teorias que mantinham surdo na anormalidade. Estes estudos possibilitam a relevar do ser surdo a sua própria realidade e verdade, a representação do eu e do outro, a dimensão profunda dos signos e sua função simbólica. Este espaço, na temporalidade dá a significação da linguagem na formulação sobre a identidade pessoal.



Desenho. 1: Povo surdo: movimento que molda a diferença.

No pós-estruturalismo a significância do termo ouvintismo, por exemplo, está no terreno, mais como denúncia contra toda política de obrigação a copiar identidades, de objetivação visando curar, normalizar, copiar a mesmidade no surdo, tendo por modelo o ouvinte.

Meu encontro com autores como Michael Foucault, Jacques Derrida, Emmanuel Levinas possibilitou olhar os processos lingüísticos e discursivos e também as estruturas que mantêm processos fixos e rígidos de significação.

1.4. Pós-Colonial e nova linguagem

Minha utilização da teoria pós-colonial surge desta posição de que é possível descrever sobre os surdos a história de exploração, de obrigação de narrar-se como ouvinte²², de incluir-excluir a língua oral oficial. O pós-colonialismo representa este

²² No decorrer desta tese, minha posição sobre colonialismo ora enfoca de maneira a nomear o oralismo, uma posição que ora se apresenta iluminista, ora colonialista em situação mais eurocêntrica. No contexto latino-americano o colonialismo é mais bem definido pelo termo ouvintismo, termo de mais riqueza epistemológica e que além do oralismo contém a imposição aos treinos do som e inclusive obriga a narrar-nos como ouvintes.

outro espaço no qual a análise se concentra no complexo das relações com a construção da alteridade do povo surdo, inclusive suas relações de poder em face da presença hegemônica ouvinte e suas práticas colonizadoras que repulsam o reconhecimento do ser o povo surdo e sonham com uma máscara semelhante a sua.

Utilizar a narrativa pós-colonial é estar no “além” como diz Bhabha (1998, p. 27) é residir num espaço onde se faz parte de uma redescrição da contemporaneidade cultural. É acreditar que se está noutro lado, escutando significados diferentes daqueles produzidos na relação colonizador/colonizado. Muito embora como assinala Costa (1998 p.245). *Nem todas as vozes que falam em um grupo carregam a mesma legitimidade, segurança e poder para se fazer ouvir e acolher.* Na verdade não estou preocupada de apresentar a totalidade das mudanças, mas as significâncias pós-coloniais subjacentes a certas transformações.

A presença do pós-colonialismo denuncia práticas de controle nas quais divisamos os mecanismos aplicados. Inclusive insiste na identidade cultural e na identidade política: *constituídas através de um processo de alteridade*, como expõe Bhabha (1998 p. 241).

Notam-se lugares nos quais exclusive vigoram práticas híbridas entre os surdos, visto que requerem uma sujeição disciplinada e que não se dá sem marcas, sem renúncias à alteridade.

As práticas do colonialismo que levaram os surdos narrar-se como ouvintes e que receberam o nome de ouvintismo e propõem a existência deste outro campo conceitual que se adentra na constituição de sempre novos conceitos, novas enunciações epistemológicas que se utilizam termos, mudando suas significações e gestando novos²³.

O outro termo que estou utilizando é ouvicentrismo, ou a simples descrição do ouvinte como modelo do surdo.

1.5. Estudos Culturais um espaço de centralidade da cultura

É então nos Estudos Culturais que encontro acesso aos campos planos em que surge a possibilidade de restituir as culturas sua realidade como contorno real de vida, criticando as representações dominantes que mantêm culturas dependentes. Do meu contato com a teoria cultural, aprendi a questionar de forma radical as concepções dominantes sobre os surdos. Até que as teorias culturais me conduziram conseqüentemente à teoria que me ajudou a entender porque os espaços da cultura surda, os locais da cultura ficavam expostos às determinações ouvicêntricas, e os surdos tinham capturadas suas formas de produzir cultura. E, no confronto com os espaços culturais, as posições surdas se apresentaram inclusive complexas, mutiladas, reestruturadas, desanimadas, rejeitadas, consideradas inferiores e mantidas na inaptidão. Neste espaço assim, quase generalizando, a linguagem falada era uma linguagem imitando os derrotados como se nada de bom saísse daí, apesar da riqueza cultural emergente.

A posição enunciativa dos estudos culturais enuncia uma série de discursos cujas estratégias remetem à representação do outro. Produz sistemas representativos de significação. E envolvem distintas formas de subjetividade social. Esses conceitos teóricos permitem descrever os sujeitos culturais pós-modernos, sua diferença e os processos pelos quais tramita essa diferença.

1.6 - Excursionando nos campos de Estudos Surdos

Tenho presente a minha investigação que inclusive adentra o campo dos Estudos Surdos e suas aproximações com outros campos. É bom enfatizar que os Estudos Surdos não se apresentam como uma totalidade homogênea. Eles se dividem em estudos que se aproximam de qualquer campo teórico. O meu ensaio acolhe o momento que

²³ Por exemplo, o uso de termos como minorias, movimento, excluídos inviabiliza o uso de termos como :povo surdo.

fazem encontro com os Estudos Culturais, como as teorias do pós-estruturalismo e pós-moderna.

Igualmente estes Estudos Surdos divergem, visto que não se apresentam numa totalidade, apresentam-se com as suas formas de análise cultural, bem como a sua diferença no momento que são praticados por surdos ou por ouvintes.

Dado que os Estudos Surdos possuem territórios com suas depressões, declives, relevos, cumes, planícies, ligações de terra, necessito de posição e delimitação devido a sua complexidade e versatilidade.

1.6.1 Estudos Surdos ou estudos modernos?

Os Estudos Surdos se constituíram de qualquer forma com o empréstimo de ferramentas de outros movimentos teóricos. Assim, pode-se dizer como Skliar (1999), que em pleno século XXI, *os surdos continuam formados, narrados, julgados, pensados, produzidos e controlados dentro de práticas e teorias de controle*. É importante, inclusive observarmos nas produções baseadas na descrição de autores sob os Estudos Surdos, as representações sobre surdos, em sua maioria, com que abordagem os discursos e os enunciados que as tornam visíveis e constitutivas da realidade. Sob que metáforas e linguagens são denominadas as citações sobre os surdos? Casos em que a autoridade e as práticas costumeiras denominam como surdez²⁴, como deficiência ou como doença.

Existe também a posição, a mesma que Bhabha (1998 p.59) descreve referendando o desconhecimento cultural, quando diz que: *O outro é citado, emoldurado, iluminado, encaixado na estratégia de imagem/contra/imagem de um esclarecimento serial*. Isso faz com que a representação ouvinte se imponha com toda

²⁴ Entre os surdos estamos abandonando a palavra surdez no que ele representa com sua epistemologia de deficiência/doença e partindo para o ser surdo na alteridade, diferença e identidades surdas. Entre os

sua força homogeneizadora. Daí a redundância numa representação que geralmente apresenta o caráter excludente da cultura surda, da diferença e da alteridade; entrando o princípio do elitismo, da diversidade, da homogeneidade e do universalismo.

Este discurso constituído tem sua historicidade, teve seus inícios diretamente com os profissionais²⁵ que trabalharam diretamente com os surdos. Os profissionais se apresentaram em campos distintos: escola e clínica. As representações para surdos na escola e na clínica foram produzidos em articulações discursivas que os representam, nomeiam, definem, limitam, explicam, normalizam e mesmo alteram sua identidade. Este olhar sobre o surdo ganhou espaço na sociedade, na escola, no currículo feito e conduzido por ouvintes, traçou um procedimento de separação da alteridade. Da mesma forma a clínica, enfocando o problema clínico, trouxe os termos de corpo surdo pensado a partir da falta de audição, falta da fala. Na clínica o corpo surdo é alvo tido como anormal devido à surdez. Apresentado como o corpo a corrigir. Sinalizando com Foucault, a norma estabelece a deficiência e conseqüentemente hoje, deficientes todos aqueles com uma “necessidade especial”. Em vista disto, em confronto com a norma, o corpo surdo, em termos teóricos foi transportado para o quadro da deficiência. Inseridos entre os deficientes continuou-se com a estratégia da hegemonia e os surdos tiveram diluída sua representação na imaginária representação ouvinte, voltou-se à modalidade enunciativa dos processos coletivos da redundante escola-clínica, seja em Educação Especial, seja em clínicas diferentes. Igualmente não fica longe o historicismo como alerta Foucault, marcado por produções que continuamente proliferem com suas narrativas fazendo emergir o homem ocidental moderno com seu outro, confrontando qualquer afirmação neste método de análise. Pode-se deduzir como uma leitura colonial do outro espaço que, conforme Bhabha (1998, p 60), Fanon tem sugerido uma leitura oposicional destas formas.

surdos já vigora esta nova epistemologia inclusive em inglês temos o *Deafhood* que atenta para a maior ou menor incidência da diferença do ser surdo. *Deafhood* se contrapõe a deafness (o mesmo que surdez).²⁵ Skliar (1999) cita que o controle do sujeito deficiente por experts e aficionados da medicina, que a população em geral não vislumbra, é antes uma forma de falta de compreensão das estruturas contemporâneas de poder e conhecimento.

Skliar (1998, p.30) já referia que estes estudos surdos deixam em aberto as práticas nas quais imperam como ponto de partida nas tensões de ambivalência.

{Os) Estudos Surdos problematizam justamente aquilo que em geral não é problematizado, nem na educação especial, nem em outras abordagens desta temática. O nosso problema, em consequência, não é a surdez, não são os surdos, não são as identidades surdas, não é a língua de sinais, mas sim, as representações dominantes, hegemônicas e “ouvintistas” sobre as identidades surdas, a língua de sinais, a surdez e os surdos. Desse modo a produção é uma tentativa de inverter a compreensão daquilo que pode ser chamado de “normal ou cotidiano”.

A meu ver ainda há muitas narrativas recentes de estudos surdos que continuam sendo investigações nas quais os discursos sobre os surdos se apresentam ambivalentes.

Entrando nos espaços de domínio dos estudos daquilo que chamam de surdez, percebo os aspectos cruciais de sua enunciação devido à diferença destas paragens. Surge o momento em que o surdo ou mesmo o ouvinte passa a narrativas do corpo como ouvinte, falante. Aparece o momento em que o surdo cambaleia na sua identidade, convive com a competição ou que deixa o corpo exposto ao domínio, inclusive ziguezagueia o momento em que o povo surdo caminha com toda sua força.

Neste espaço o corpo surdo é colocado em contato com a representação ouvinte surge o momento da clínica que o corpo surdo é colocado em relação à máquina detentora de possibilidades de som. Por meio de aparelhagens de alta tecnologia, se coloca o surdo em face às possibilidades de captação do som. Viver sob dominação ciborgue implica em perder o humano como quer Haraway? Não me preocupo em citar aqui as pesquisas de Haraway (2000) e dizer que o ciborgue vive do outro lado da fronteira do organismo, e ele depende da máquina para seus contatos com o humano. É o corpo surdo em contato nos estreitos limites da máquina em relação à surdez como

deficiência, como doença necessitada da cura. O iluminismo tardio está se apossando destas possibilidades ciborgues para determinar em suas malhas a volta da homogeneização, da representação ouvinte.

Neste espaço a evidencia do conceito do corpo surdo preso a teoria do corpo ouvicentrico e que sem olhar o lado do corpo diferente, labuta para que esta teoria dê sua contribuição impondo princípios organizacionais políticos estabelecidos, revertendo para a continuidade da anomalia cultural.

1.6.2 Estudos Surdos - o enunciado cultural.

Fugindo a questão das práticas que imperam como ponto de partida a questão do historicismo ou da normalidade e desviando da ambivalência, surge a questão sobre onde conter o deslocamento da verdade. Em novo campo conceitual, existem outras narrativas aproximando-se de outras linhas de investigação, aproximam o modelo cultural, da vida surda.

Este campo de Estudos Surdos se constitui num campo de conhecimento elástico onde se avolumam as possibilidades a partir de teorias e práticas de significação. Podem retratar as marcas no campo cultural surdo devastado; podem reforçar a afirmativa da cultura surda e, inclusive nomear hibridismos.

Meu argumento interroga a partir da perspectiva de Estudos Culturais Surdos, esta compulsão cultural de ser, de tornar-se ou ser visto como humano na sua agência cultural. A prática de definições do ser surdo a partir deste contexto rechaça idéias hegemônicas e detêm contextos próprios. Isto, no campo anterior possibilitaria choques entre as diferentes concepções tendo em vista as múltiplas visões da enunciação do termo e de interpretações que as diferentes teorias possibilitam. Tenho a impressão de que o termo ser surdo é um terreno de versatilidade e torna possível a multiplicidade de visões do termo em vista de ele ser traduzido ou sob efeitos.

Como nos diferentes estudos, o que se coloca em questão são as diferentes posições dentro dos Estudos Surdos. Nos terrenos que o olhar sobre os discursos e as propostas que os Estudos Surdos assumem na representação do ser surdo e sua produção como cultura. Hoje já se pode vislumbrar alguns pontos de investigação nos Estudos Surdos, inclusive aquela produção dos Estudos Surdos que se preocupa em mapear a tendência à perspectiva do surdo, os movimentos, a particularidade, a alteridade. Estes Estudos Surdos possibilitam inclusive questionar ou problematizar em diferentes tendências, ou formulações nos campos língua, educação, filosofia, organização, política e diferença, bem como sua constituição de subjetividade, identidade, diferença, alteridade.

É preciso sempre ter presente que nas circunstâncias discursivas, muitos autores preferem citar como Estudos Surdos em que se mencionam as alteridades surdas do ponto de vista cultural, e as formas de dizer e de se dizer como o “outro” surdo não são variadas, obedecem a estrutura cultural. Os Estudos Surdos estão com o pressuposto de narrar o sujeito surdo inscrevendo suas formas de ser surdo na sua alteridade e na sua diferença. Claro que este espaço dos Estudos Surdos pode ser constituído em conta com as teorias pós-modernas, pós-estruturalistas ou pós-colonialistas ou Estudos Culturais. Nesta produção não importa se entram pesquisadores surdos e ouvintes, mas sua forma narrativa se unifica pela forma de narrar a alteridade, ou inclusive na sua diferença como sujeito surdo com toda sua força de discurso produzindo e refletindo seus objetos de referência, bem como o ser surdo toda sua cultura, necessidades que ele tem, pois deve viver na sociedade ouvinte.

1.6.3 Encontros no vale sagrado

A falta de reinscrição dos Estudos Surdos sob o atual e instigante contingente do prefixo pós: pós-modernismo, pós-estruturalismo, pós-colonialismo não é simplesmente uma questão de ausência de racionalidade. Talvez seja simplesmente uma necessidade de se deslocar para além, o além que não é um abandono, mas um trânsito para a

temporalidade. E a temporalidade como define Bhabha, é instável, complexa, impondo uma sensação de desorientação, um distúrbio de direção. Ela passa por meio de tais distinções históricas e filosóficas das diferenças culturais para enfim instalar naquele espaço discursivo onde existe a questão da capacidade e da diferença que acompanham cada cultura humana. O problema então é da questão da cultura como ela vem representada, em sua totalidade de experiência do povo surdo.



Desenho. 2: *Pesquisadores: O outro surdo, uma alteridade que é identificada, porém com o olhar crítico, inclusive, insistentemente, mediante um ouvicentrismo despolitizado*

A aproximação com os Estudos Culturais que se interessam inclusive pelas questões de cultura e identidade podem dar mais continuidade a este ponto de encontro dos vales sagrados para a diferença surda. Para Veiga-Neto, (2000, p 48) *os estudos culturais são, ao mesmo tempo, um campo de conhecimentos e de militância*. A agência cultural que os Estudos Culturais remetem para os Estudos Surdos é a possibilidade de acesso às múltiplas experiências culturais do ser surdo e que remete para aquela zona de instabilidade onde se sobressaem os surdos que são ativistas políticos que acompanham o povo surdo.

1.6.4 Questões de autoria de Estudos Surdos

Uma outra é posição dos Estudos Surdos é sobre sua constituição. Diferenciam-se quando feitos por pesquisadores surdos ou por ouvintes. Nestes aspectos entram sempre diferenças nas narrativas. Enquanto os estudos feitos por surdos levam a dificuldade de narrativas na língua oficial, os estudos feitos por ouvintes contêm a acessibilidade da linguagem escrita, inclusive a narrativa sobre o diferente.

As pesquisas feitas por pesquisadores surdos são ainda pequenas para referência num universo de referências. Elas existem lado a lado em aspectos como cultura, língua e história. Há possibilidade e discursos, que deveriam constituir-se pela força da transmissão do conhecimento de jeito nativo.

Existe uma tendência a afirmar sobre a radicalidade dos Estudos Surdos praticados por pesquisadores surdos. Em alguns espaços acadêmicos existe a denominação de Estudos Surdos somente para significações produzidas por pesquisadores surdos. Entra então a pergunta: Qual possibilidade de se dizer que os Estudos Surdos são feitos por pesquisadores surdos e as teorizações sobre surdez são feitas pelos ouvintes? Uma situação embaraçosa. No momento não existe nada que seja simplesmente puro em qualquer dos lados desta linha de divisão. Porém o lado surdo se mostra cheio de promessas, mesmo que ele seja ambíguo, como é o caso de surdos que escrevem sobre si mesmos, ainda nas malhas do poder. A deficiência e a subjetividade não existem fora da história e da linguagem, fora de culturas ou de relações de poder e os Estudos Surdos se apresentam dentro destas relações de poder.

P A R T E II

AS MARCAS DA PESQUISA

Entramos num tempo de produções inusitadas, problematizações e transformações. Ensaiar com estes espaços que empreendem uma desconstrução das assertivas da modernidade e do estruturalismo, requer um modo e uma exposição inevitavelmente interessada e ao mesmo tempo propor aos interlocutores um arranjo adequado que possa ser aprazivelmente gestor.

Não defendo uma estratégia de se conseguir as linguagens, defendo uma estratégia de seguir linguagens. Linguagens teóricas que perpassem os momentos de encontro com o campo de pesquisa. Linguagens peneiradas, silenciosas, carregadas de compromisso ativista, quando muito radicalmente subordinado à agenda do povo.

2.1 Terrenos de origem deste Ensaio

Os solos férteis que se formaram nos últimos anos em torno das questões da alteridade, diferença e identidade são interessantes e permitem transitar pelas repercussões dos conceitos e suas novas linguagens. O afastamento das tradicionais representações como o historicismo, o culturalismo presente na vigência do orientalismo, o conceito unitário de cultura, seus maléficos enunciados sobre populações inteiras taxando-as de minorias, subalternidades, deficiência teve efeito surpreendente. A força destas questões, mexe com as possibilidades de pensar as representações do ser surdo, sua alteridade, diferença e identidade, as implicações que se sucedem às significâncias nos movimentos e embates.

Reflico sobre a necessidade de entender a alteridade e a diferença e a identidade cultural de um povo. Não como produções de identidades minoritárias, geradas numa hegemonia, sócio-histórico-cultural, mas na sua posição como fragmentadas como detentoras de símbolos e práticas que moldam um povo diferente.



Desenho 3: Nas tardes de chá germina a nostalgia que traz à tona as longas e opressivas histórias de dominação, de imposição da língua oral e do reconhecimento equivocado. Nelas emerge a visão da cultura-como-luta-política, onde nos colocamos na posição de nós mesmos como surdos.

A minha pesquisa se constitui em indagar o diferente o ser surdo inclusive o povo surdo em zonas intersticiais entre sujeitos e povos. Não importa onde e como indaguei. A minha pesquisa não tem espaço nem tempo definidos. Movi-me em espaços e temporalidades que me permitiram ler²⁶ significações para minha produção. Ora estou em territórios surdos, ora ouvintes, ora nas fronteiras hibridizadas, ora nos tempos atuais, ora vasculhando marcas do passado. Movida pelas teorias citadas que me permitem indagar, indagar, indagar! Indagações com ou sem questionamentos, indagações motivadoras de comparação, indagações sobre um suposto eu diferente apesar das representações. Indagações que fizeram inclusive classificar representações

²⁶ O pós-estruturalismo usa o termo inscrição. Portanto ler as inscrições nos lugares e tempos também é fundamental para as estratégias de captação, intervenção... Estes dispositivos são centrais a teorização de Michel Foucault no que ele tem denominado formas de poder 'governamentalidade'.

admiti-las ou excluí-las. Indagações que obrigaram a um “peneiramento”, uma purificação.

Não fiz perguntas. É claro que não há uma resposta para perguntas. A pergunta sempre tem vários significados, todos igualmente aceitáveis. O que é intrigante é o fato da pergunta comportar um evento ou carregar uma mensagem ou ter um significado. Pode ser uma metamensagem para representar uma resposta. Entre as muitas respostas não há respostas. Apenas surge o fio da essência quando se captam as significâncias dizendo algo, sobre ser outro e sua diferença como surdos. A “diferença” tem sido marcada, é uma preocupação constante e recorrente na representação de minhas perguntas simples, sem objetivos, sem tensões e deixando o outro se narrar, desabafar, colocar à tona seus sonhos expressar e me deixar escutar a representação de si mesmo como surdo, na qual inclusive interfere por vezes a minha própria experiência de ser.

Os sistemas de representação que os surdos têm são imaginários e me permitem deslocar da cultura para a alteridade, a diferença e a identidade produzir suas constituições, através de suas visões. De modo geral, a representação também se desloca dessas posições possibilitando estratégias ambivalentes com constituições culturais diversas para a cultura diretamente como significados de representação e estereótipos subjacentes.

Detive-me naquela representação de Woodward (2000, p.17) quando remete ao povo diretamente e suas praticas simbólicas.

As práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido a nossa experiência e aquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível àquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas e

os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões.

A representação compreendida em Woodward oferece possível resposta às questões sobre a alteridade, a diferença e a identidade e depende das ferramentas com que olharmos a representação. Se isto indica que existem representações culturais que moldam os sujeitos e os constituem de determinadas formas, também evidencia que são múltiplas as representações e que inclusive podem se apresentar como práticas e estratégias criadas para regular o outro e para ensiná-lo a controlar-se dentro da cultura, a assumir a igualdade cultural e a descartar posições que não o igualem a seus pares.

A mesma autora (W. 2002, p. 55), apresenta esta posição do sujeito na assimilação cultural como um *processo de dissolução da subjetividade*. Compreendo que há outros processos como o cruzar de fronteiras. Desta forma a construção da subjetividade na representação cultural poderia equiparar-se a uma construção sobre as ruínas. Tudo pode evidenciar o processo para tornar-se, para vir a ser o outro.

A formulação desta teoria permite questionar a representação. Permite transitar por questões que evidenciam a legitimidade e o direito do outro ter suas próprias produções culturais: Como a representação vê o outro e quem é o outro? O que poderia determinar o outro diferente da representação proposta? Quem este outro quer ser e como a representação determina o que ele quer ser? Qual a representação que determinada posição que o outro é para si? Os conceitos da alteridade, diferença e identidade aparecem aqui como uma estratégia para determinar a posição da representação do outro²⁷, vem como a feita pelo outro e supõe o outro como o diferente, o ser em sua subjetividade. Neste aspecto o outro ventila a alteridade, diferença e identidade, nas estratégias discursivas de sua própria resistência? Estas questões entram em campo se pensarmos os conceitos separadamente.

²⁷ Determinar o outro como o outro, seja o outro que eu vejo, seja o outro que eu sou.

A **alteridade** pode formar parte da diferença cultural entendida e aceitável. Sem que se tenha de pesquisar a cultura, ela pode imbuir-se de aspectos aceitáveis culturalmente nas marcas da identidade presente em qualquer cultura. Cultura e alteridade encontram-se juntas, ao mesmo tempo em que são diferentes. Contraditoriamente, a alteridade pode formar parte da diversidade cultural, pode sujeitar o outro aos discursos da invenção da alteridade, do estereótipo, da marginalização. Não é por este prisma que pretendo atuar, mesmo que o reconheça como presente quando se trata de meu campo de pesquisa.

Sondando a teoria cultural para a **diferença** podemos provar que o discurso hegemônico produzido na sociedade, deve fazer com que o sujeito sinta e perceba forças culturais contraditórias e propostas discursivas homogenizadoras. Os múltiplos discursos da diferença apresentam uma ventilação para a renovação, para a insubordinação, a rebeldia contra os aspectos coloniais.

Sobre a **identidade** ora me fixo na Identidade dos povos, ora me fixo nas identidades culturais. O que me interessa não é ficar aí analisando o surgimento de identidades minoritárias, fendidas, mesmo que faça rápida alusão a elas, interessa-me de sobremodo em seguir a linguagem e o discurso para descobrir o “novo” que se encontra na imagem icônica, na diferença (estrangeiridade). Interessa-me seguir as identidades fendidas que se metamorfosearam.

2.2 - A questão recuperada

No passado, antes que eu tivesse idéia de fazer meus objetivos a minha escolha aconteceu durante o encontro com a Teologia da Libertação²⁸ particularmente com o teólogo Gustavo Gutiérrez que tem jogado elementos orgânicos no terreno de meu jeito de pensar o povo surdo. A pesquisa que ele realizou com a vida de Bartolomé de Las Casas²⁹ e sua defesa ardente dos pobres de seu tempo (os povos indígenas e escravos

²⁸ Fiz Curso de Graduação em Teologia na PUC - RS, concluído em 1985.

²⁹ Gutiérrez (1972)

pretos), inclusive aqueles pobres sentados pelas calçadas dos países latino-americanos, chorando sua causa perdida cujas vidas encontram espaço para suas narrativas no livro “*Cómo hablar de Dios desde el sufrimiento de los inocentes*”³⁰ jogou também um papel importante em minha decisão de busca/encontro de teorias possíveis.

E sou convencida firmemente que este encontro com a Teologia da Libertação, dentre outros, iria me levar a uma escolha de teorias que objetivam as minhas questões iniciais, o encontro com as teorias dos Estudos Culturais, Pós-estruturalistas, e Pós-colonialistas me possibilitou adentrar pelos terrenos onde a poderia representar as relações de exploração e dominação na divisão discursiva ente os surdos e os ouvintes. Poderia eu verter minha própria limitação para a pesquisa, mas tenho comigo aqueles que vem antes e depois de mim, tenho um compromisso social de outra forma não poderia permanecer apenas influenciada por Gutiérrez. Naturalmente do encontro com Gutiérrez renasce sempre uma pergunta prática. O que fazer para eliminar a surdez³¹? Esta pergunta entra com a suposta produção pós-cultural crítica do autor a imagem inovadora do terreno social coletivo orgânico.

A pergunta remete para outros declives. Não tinha de ficar presa naquela Teologia que me deu um terreno confortável. Tinha de mergulhar no ser surdo, no aspecto do aspecto. Não o fiz com o aspecto do ouvinte que solidariza com os surdos, fiz com o aspecto do surdo que se une aos surdos e envereda também por caminhos de busca. A Teologia da Libertação foi um momento histórico particular. O “que-fazer” próprio germinou no terreno fértil entre os surdos.

2.3 - Um pouco da questão privada

A minha pretensão nos terrenos da tese, desde continuamente, era mesmo fazer um ensaio com as teorias disponíveis e aplicadas no espaço acadêmico vivido confrontando-as com as experiências vividas e sentidas buscando no encontro do povo

³⁰ O livro original sumiu de minhas mãos e atualmente a edição está esgotada.

surdo. Nunca me dei conta que poderia fazer um ensaio. O incentivo do orientador trouxe novas visões para ordenar as coisas. Não era minha preocupação inicial semear algo novo a não ser narrar de forma nova o nosso jeito de ser surdos, nosso ser povo surdo, nossa tendência a ser diferentes aquilo que outros já usaram e narraram de nós. Pode ser que alguém marque terreno no que por aí acontece alguma coisa de narrar igual, ou mesmo diferente.

O que é um ensaio? O ensaio vai colocar espaço novamente de alguma coisa já formada, já dita, já conhecida³². Nada há de novo no ensaio a não ser narrar de forma nova o que outros já disseram. É evidente que o pouco esforço de narrar as teorias como elas são e dizer do jeito de ser surdo, pode parecer uma produção despreocupada. Porém requer o esforço de captar o que se esconde por traz da máscara, por traz de cada teoria por traz de cada realidade, de cada experiência e apresentá-la na sua diferença, na sua validade enquanto significação.

A figura do ensaio assume o que se situa entre o humano e o pensado. Entre as maneiras e a reprodução mecânica da teoria, como por exemplo, a reprodução da teoria colonial. O ensaio não é um momento de incerteza intelectual e psíquica, ele é o momento de falar uma verdade, de garantir que os signos de humanidade façam parte dos signos humanos.

Ele é uma maneira de mostrar fidelidade e não contar fora do tom o que pressupõe o sentido, uma maneira de mostrar onde reside a realidade, a significância.

³¹ A surdez no sentido da alteridade deficiente, de estar aí sentado, chorando sua causa.

³² *O ensaio cita sempre de algo já formado, ou no melhor dos casos, de algo que já em outra ocasião já aconteceu. É, pois de sua essência não descobrir coisas novas que em algum momento foram utilizadas. Limita-se a ordenar de um modo novo. Porém nem sempre se limita a ordenar de modo novo, em vez de dar forma a algo novo a partir do informe, se encontra vinculado a estas formas, citando sempre a verdade sobre elas e cita de novo a sua essência.* (Lukács, citado por Adorno 1962) Tradução minha do original em espanhol

O ensaio assume em seu próprio proceder ao impulso assistemático e introduz conceitos sem cerimônias, “imediatamente”, tal como os concebe e recebe. Não se utilizam estes conceitos a não ser por suas relações recíprocas. Porém isto se encontra como um apoio nas mesmas concepções (*Adorno, 1962, p.30*)³³.

Portanto o ensaio é o relato de uma experiência que volve e revolve, interroga e examina atravessa com reflexões impregnadas daquelas proposições epistemológicas do próprio ato de significação.

Ele se apresenta como sem amarras, numa infinidade de produtividade textual. Tem inclusive a possibilidade de negociar o signo na temporalidade de um discurso ou narrativa inclusive onde a relação entre teoria e prática se prejudicam mutuamente. Pode-se então observar seu caráter desconstrutivo subjacente, ao mesmo tempo guiando o corpo do discurso de forma a provocar o desaparecimento dele e surgimento do resto que ficou como o corpo do ensaio. Surgindo daí o outro texto, o texto do ensaio.

2.4 – Inquirição, indagação, inquisição.

Indagações surgidas em tardes de chá são mais viçosas. E estas indagações têm suas diferenças. Sim, por exemplo, no momento que indaguei sentimentos de diminuição eles vieram por outros caminhos, outras paragens. Dessas situações traduzi que não adianta forçar indagações. Elas podem ser precedidas de silêncios. Silêncios que se profere serem infringidos pelo discurso que impõe silêncio, impede e torna-se sobrelevante na força das significações hegemônicas culturais que influem sobre o “ser o outro” geralmente munidas de padrões em que impera o medo devido ao modelo ouvicêntrico.

³³ Tradução minha do original espanhol.

Não me agrada dizer que selecionei poucas narrativas das muitas narrativas. Narrativas escolhidas no selecionado das significações. Narrativas posteriormente debatidas, aprofundadas nas rodas de intenso, conflitante e tenso ritual entre pesquisadores surdos. Surgem significados mais fortes do silêncio³⁴, surgem narrativas resgatadas no movimento de uma história migrante que se torna identidade, que se torna povo, que se torna o outro surdo.

Tive inclusive de sondar o híbrido migrante que nunca deixa de ter sua vingança. A fragmentação dos signos comprometidos, como sementes preciosas e insípidas, passam da negação cultural para a posição de negociação no interior cultural. Não como um transformar o ouvintizado em surdo, mas como um respaldo recheado de signos, dando-lhe movimentos e fragmentação na diferença.

Nesta pesquisa não competiu utilizar o olho da câmera³⁵ a não ser como mero registro de momentos que se negocia e capta a junção da linguagem simbólica, o fruto do que é historicamente entendido, o fluxo solto dos discursos e símbolos guardados em lugares insólitos³⁶.

2.5 – Transitando na língua de fronteira

³⁴ Não consigo identificar o surdo como significação do silêncio. Considero esta leitura como uma presença de poder, de historicismo, de hegemonia. O silêncio do surdo pode assumir um discurso político de resistência cultural. Pode inclusive conter atribuições nativas e supremacistas da identificação. Nunca será um silêncio, será sempre um mundo de significados.

³⁵ Vi-me impedida de fazer entrevistas pelo simples fato de elas não conseguirem conter a realidade. Captei através de observações, de ditos, de momentos em que o assunto é desconectado para ser novamente conectado.

³⁶ Lugares insólitos: Não se capta com alguns surdos como se gostaria as narrativas mais importantes são captadas quando menos se espera e às vezes longe do foco do equipamento de filmagem.

A polémica e já acabada discussão de ter de transitar de forma martirizante na língua de fronteira³⁷ para produzir esta tese, acontece por opção. Eu devia produzir esta tese por outros registos. Diante de mim os registos possíveis propostos sempre se afigurava: com qual tradução você contará posteriormente para o ensaio?

Excursionei pela possibilidade de produzir este registo através de filmografia, como roteiro de filme, como possibilidade de uma perspectiva nova de registo e também como sugerido pela banca que avaliou minha proposta para esta tese. De posse do plano, desisti. Eu devia munir-me de intérpretes para contatar com produtores de filmes, eu devia ter um orientador ouvinte, entendidos e *experts* em português, em filmagens, em roteiros, em cenografias, no sentido dizer; uma maioria ouvinte. O que restaria de minha história, de minha tese? Um trabalho estafante, tenso, inseguro era o que me surtia na mente. Por mais que tentasse na possibilidade a insegurança vinha de repente e se sobrepunha a possibilidades positivas. O que deduzia era a mesma experiência de que quando o ouvinte assume, o surdo entrega os comandos.



Desenho 4; A escrita dos surdos será sempre na língua de fronteira, não em português política e epistemologicamente correto como escrevem os ouvintes.

³⁷ Língua de fronteira, desde os idos de minha incursão no PPGEDU, com o orientador temos provocado linguagens no sentido de traduzir esta complicada trama que se refere ao complicado processo de produção de textos por pesquisadores surdos em português e que denominamos língua de fronteira.

Decidi produzir na língua de fronteira fazendo exercícios pela leitura constante por posições novas, por estudar como produzam a escrita. Cogitei cursos. Mal conseguia entender o que outros escrevem, o que outros dizem e tenho dificuldades de entender o que o autor quer dizer. Qualquer livro teórico em português ou em espanhol é do mesmo modo martirizante. As teorias escritas são numa língua auditiva cujos símbolos, cuja política não chegam até onde minha visão³⁸ alcança. Em minha defesa de proposta deste ensaio a lingüista Karnopp (2002) colocou que:

...o processo de escrita de um texto com esta língua de fronteira pode ser concebido como produção simbólica e material que tem lugar na dinâmica interativa entre duas línguas-duas culturas. Tal movimento interlinguístico não está circunscrito apenas na relação direta léxico (LS) vs léxico (LP), mas implica, necessariamente, numa relação sujeitos-línguas-tradução.

O argumento deixou claro que eu teria problemas, não haveria um português “politicamente correto” mesmo assim decidi arriscar por este caminho, pois seria seguro para agora e não para daqui alguns anos quando a língua de sinais escrita contar com seus tradutores. Se tivesse agora a vantagem de ter tradutores do língua de sinais escrita³⁹ estaria em melhor situação. A vantagem do discurso da língua de sinais escrita seria a sua fluência, os seus aspectos de transitar com uma língua original.

Igualmente me dou a cogitações em torno da língua de fronteira. Lembro-me de que na banca de defesa do projeto desta tese, Souza (2002), foi uma incentivadora das mudanças. *É preciso romper com o velho ranço de que o português escrito seja a única forma de produção.* Não se trata de que nos encontramos num puro destruir o que outros construíram na língua oral. Compreendo respeitosamente aquilo como está construído. Trata-se de abrir espaço para o diferente, para construir uma diferença, um espaço para a escrita na língua de fronteira. Este espaço, inclusive pode subsistir se não lhe for

³⁸ A língua visual tem outros signos para descrever, completamente diferentes dos signos auditivos.

³⁹ Escrita de Sinais cujos signos já estão aí para produção de textos, mas que no momento os tradutores são poucos.

“obrigatório” enveredar por uma opção de substituir depois para o português “politicamente correto”.

Tenho inclusive pensado a desconstrução que falo na introdução desta parte da tese e de que Gabilondo (2001, p 171) propõe e que ele mesmo não traduz como caminhada para a desordem inclusive citando a posição de Derrida⁴⁰: *essa dissociação analítica deveria ser também, na desconstrução, ao menos como eu a entendo e pratico, um retorno crítico genealógico*⁴¹. E Gabilondo prossegue falando em distanciamento como posição ou solução para o problema. No entanto ele volta a citar Derrida⁴²: *O sinal, a escrita, a marca, está no coração do presente na origem da presença, um movimento de envio ao outro, uma referencia como a différance(...) o sinal é uma ligação irreduzível*. Não nos significa, portanto que a desconstrução que pode parecer a escrita na língua de fronteira, parte para o destruir, ela parte para a construção a partir do que compreende construído e como está construído. No nosso caso, na língua de fronteira não se trata de reconstruir, mas a possibilidade de propor nova ordem a partir de uma língua intransitável a nós surdos sob o argumento de ser língua auditiva.

2.6 - Fugindo de ter-me de narrar na lógica perversa.

Ao definir minha identidade de mulher surda, latino-americana, teóloga, doutoranda em educação, quase sempre estou em situações que me consideram um exotismo no meio acadêmico, igualmente poderia ser considerada aqui com minha tese original escrita de forma também exótica porque numa língua de fronteira onde está presente uma leitura pouco confortável para qualquer ouvinte que se preze pelas vírgulas e acentos, pelos modelos sonoramente aceitos de entressachar palavras.

Claro que me exponho ao risco de perder-me ao narrar numa língua ouvinte. Ela contém palavras cujo significado entendo a partir de signos visuais, outras que mal

⁴⁰ Derrida, J. *Résistances de la psychanalyse*, Galilée, Paris, 1996, p.41.

⁴¹ Tradução minha do original espanhol

⁴² *Ibid*, p 42; tradução minha.

consigo atingir sua profundidade, outras cujos significados não adentram meus signos visuais.

Mas esta língua de fronteira pode me pôr em contato com a narrativa surda sem ser na lógica do ouvintismo que contestei e que me contesta. O ensaio simplesmente conserva o caráter de ser feito numa forma crítica por isso mesmo implica com a ideologia como propõe Adorno (1962 p. 30). Minha transação pela alteridade, diferença e identidade do ser surdo logicamente se desloca. Estou no ato de que o que tenho de narrar e ensaiar faz parte de uma rede mais ampla, da linguagem de um conjunto todo como já narrei e que a floravam naquelas tardes de chá.

Isto quer dizer que quando eu encontro um signo como “ser surdo”, devo ser capaz de reconhecê-lo e utilizá-lo como se referindo às palavras ou signos que utilizamos, ou seja, as linguagens surdas. Igualmente a minha escrita deve ser o mais possível escrita de forma a ser reconhecidos suas ideias e legível para que possa ser lida por outros. Contudo, o seu interior deve comportar uma variação crítica.

Sei das possibilidades de meus equívocos pessoais com o uso da língua portuguesa. Por exemplo, traumas fáceis pelo uso indevido de palavras. Um exemplo ocorreu na internet onde um surdo costumava encerrar seus e-mails escrevendo: *sem mais delonga!* Era constrangedor, pois ele não se dava conta, ele simplesmente queria dizer: *falei o que sei!* O que me acode é que talvez alguma linha dessa tese possa ser útil.

2.7 - O moldar da investigação

Afinal quem são os sujeitos da pesquisa? Esta pergunta ainda paira no ar. Me movimento facilmente em territórios surdos onde me permito indagar sobre o ser e o estar sendo surdos! Mas não tive um cuidado especial para convidar para o chá alguns sujeitos surdos escolhidos, alguns que iriam me falar do ser e do estar sendo surdos. Daí porque no mais das vezes os sujeitos são surdos, líderes, ou não líderes, são mulheres e

homens. Suas idades não são requisitos exigidos, nem tampouco o sexo M ou F como costumam pedir. Se são daqui ou dali também pouco importa. O que importa são as linguagens que carregam, o que importa são suas diásporas, suas experiências vividas e pensadas nas tramas do povo surdo, as estratégias de poder que eles tecem, as descobertas da diferença. O que importa é o viés das narrativas que tece o ser e o estar sendo surdos. O que importa inclusive não são somente narrativas, importa reflexões conjuntas, importa o que é resgatado. Entre ditos e outros capto as narrativas como sendo deste sujeito, ou mesmo na reflexão dilua os pensamentos deste sujeito aos meus, sua reflexão na minha e vá narrando o fio que tece a história.

P A R T E III

TRAJETÓRIAS DO OUTRO

O mundo se enche de possíveis vias de ser e atuar em forma de compromissos experimentais que o indivíduo é capaz de iniciar desde este momento.

Giddens

Nesta parte o ensaio de minha tese desliza pelas trajetórias de ser o outro. Há uma pergunta que me interpela continuamente nos terrenos da pesquisa: “quem é o outro?” Face ao ser surdo nas diferentes conjunturas do terreno, também questiono: “Quem e como é o outro surdo?” “Quem e como é o outro ouvinte?” Todas estas perguntas me interrogam pelo outro, pelo outro do outro.

Divisa as diferentes formas de ser o outro: surdo e ouvinte. O outro de mim pode ser o outro que eu sou, o outro que eu posso ser, o outro que não sou. Questões fundamentais, conforme explica Giddens (1995, p. 93) *para qualquer que vive em circunstâncias da modernidade tardia*. São questões existenciais que levam a identidade às formas de ser.

3.1 - A questão de ser o outro

Formas de ser o outro são muitas. Estas formas podem e devem estar ligadas a uma noção experiencial. Estas formas também podem e devem estar diretamente ligadas a imersão cultural.

Ser outro nos interpela continuamente. A questão do outro que é, do outro que sou e do outro que posso ser é uma constante nostalgia⁴³, um espaço a ser conquistado, uma aventura.

Confrontando pelas formas de ser o outro, de que somos o outro ou do outro que somos entramos em nossa experiência, o formamos, o narramos, o observamos, deciframos, etc. continuamente. Nos confrontamos continuamente sobre as formas de ser o outro e talvez como aquele poeta andino⁴⁴ que estava no exílio, na Europa, lançamos uma afirmação: “talvez eu seja outro”. Para o poeta, ser andino, diferente do outro europeu, no exílio que se encontrava na Europa era uma possibilidade de encontrar-se como outro um reordenar a direção do ser. Confrontando pelas formas deste ser o outro numa terra diferente nos perguntamos pelo outro que nos interpela, pela sua forma de ser, pelo jeito de ser constitutiva deste outro, pela diferença cultural. Ao mesmo tempo em que esta experiência da presença do outro nos encanta, cativa, interpela, horroriza, apavora... nos encontramos nas questões do outro que somos em referência a esta experiência da aproximação do outro.

A compreensão e a aproximação de ser outro e de o outro ser, encontra o terreno da literatura mundial plenamente fértil transmitindo visões destas diferentes formas de ser. É fácil, na literatura encontrar um destes textos pode ser o que escreve Bhabha *o gesto do outro de fala malsucedida cuja presença sem linguagem evoca uma ansiedade e uma agressividade. E o sujeito pode se redescobrir preenchendo o vazio de sua forma de ser.* (B. 1998, p.233). Para este autor, reconhecido internacionalmente, a forma de ser o outro está condizente inclusive, com o espaço cultural. Este espaço cultural pode assumir formas ocidentais⁴⁵

⁴³ Nostalgia no sentido de vir a ser.

⁴⁴ César Vallejo

⁴⁵ Formas ocidentais quando atribuímos ao ocidente a invenção do colonialismo, ou das diversas máscaras como acentua Mèlich (1998, p.170) centrismo: egocentrismo, etnocentrismo, logocentrismo. No entanto ele pode estar ligado ao nosso próprio contexto, nossa forma de nos mostrar sedimentados num conhecimento colonizador.

modernas ou o espaço da modernidade tardia na qual sobressaem as diferenças culturais.

A tentativa de uma leitura das diferentes formas de ser outro coloca logo as duas questões que traçam uma linha divisória

- trata-se, de ser um outro que, simplesmente, se inquieta pela própria estética do seu estar sendo na diferença e se dispõe à transformação que está presenciando em experiência;
- trata-se, por acaso, de ser um outro que viveu no passado, na experiência e na imersão na cultura na temporalidade política de um povo. O conceito povo pode ser melhor compreendido na modernidade tardia onde há diferenças de povo, inclusive com taxações como excluídos, minorias. Caso seja compreendido no modernismo, este povo ainda se encontra na exclusão ou na luta da predominância das culturas.

Nota-se que a narrativa através de duas questões sobre ser o outro, é complexa. Estamos em face de complexidade das diferentes formas de ser. Nunca se narrará o outro como ele é. Nunca se vai narrar o estar sendo outro através de um modelo único. Temos infinitos outros ou infinitas formas de estar sendo o outro como diz Baudrillard: *Sempre haverá uma alteridade total com seu secreto impenetrável.* (B. 1994, p.109). O ser e o estar sendo o outro no passado, o outro no presente. O presente implica em outros “outros” de acordo com a temporalidade. O ser outro que está sendo numa cultura que promove a vigilância colonial, se apresenta dessemelhante do estar sendo numa cultura diferente. Ser o outro que ainda não foi no futuro implica em traçar aspectos utópicos. Temos então terrenos onde entra a temporalidade presente, o tempo conhecido e a necessidade de outro tempo mais além.

Esta tramitação se refere a uma constante migração/emigração do eu. O eu que é ostensivo como um pêndulo. O centro destes terrenos pode ser a transmissão através de culturas, de etnias. Contêm focos daqueles deslocamentos do ser de forma anômala. Isto tanto pode ser feito de forma real como em forma de ficção estranha. Pode inclusive criar monstros internacionais com uma repetição endemoniada e extemporânea⁴⁶, bem como definir formas de normalidade.

Passamos, neste breve ensaio à possibilidade de encontrar algumas formas de narrar-se, “ser outro”, algumas formas de ser o outro surdo:

3.2 - Formas de ser o outro surdo

Nas paragens de ser o outro a questão entra no tempo do outro, numa temporalidade que envolve o presente, numa temporalidade em que a experiência de ter sido surdo aconteceu. E esse ser outro pode ser interpretada como a vivência de uma história já acontecida no interior de uma cultura, a experiência nas idas e vindas e o intercâmbio cultural com outras culturas.

A história da inclusão ou exclusão ao aspecto cultural está diretamente ligada em confronto na temporalidade significativa. A modernidade condena as culturas a passar a existir como culturas elevadas no sentido de auto-suficiência ou culturas subalternas, é inerente a ela buscar um modelo de cultura. A modernidade tardia contrariamente oferece o espaço para a leitura significativa do outro a partir de sua opulência cultural⁴⁷.

O tempo tem sido um desaliado da vida do ser surdo durante o espaço mais longo. O iluminismo e o tempo moderno possibilitaram apenas o recurso de ser surdo como maléfico em que era preciso banir dos terrenos da cultura. Entre eles se realizou o que pesquisadores da situação racial apontaram: *Qualquer comportamento negativo por qualquer membro é instantaneamente generalizado como típico, apontado para um*

⁴⁶ Posição do casal de surdas lésbicas que se decidiu, recentemente, a ter filhos surdos.

perpétuo retorno na direção de uma essência predominantemente negativa (Stam & Shohat, 1995, p. 72). Essa identidade predominantemente negativa era o ser surdo, punida com a obrigação de igualar-se aos ouvintes. Na atualidade aprendeu-se a respeitar o outro diferente, a falar com o outro se sentir que este outro entra na civilização (Baudrillard op. cit) não mais como representação cultural ou coisa de surdo.

A história de ser surdo na temporalidade moderna evidencia o excluído que traz a experiência e traduz em sua “aparência” o seu “sofrimento”, a sua “perda”, a sua vontade de transformação, a sua possível “inclusão” noutra existência experiencial. O apossamento espetacular da pós-modernidade reverte à possibilidade estereotipada do surdo e pega o discurso da diferença cultural que marca a luta contra a fixação na deficiência e pega o favor de uma representação mais próxima.

Desse modo, na pós-modernidade, ser surdo está se referindo a uma idéia velada que, sem querer, menciona formas de invenção da própria existência ligada a questões de experiência e vivência em seu povo. Questões de experiência seja no povo surdo no sul, em nosso caso, ou seja, no povo surdo de outras regiões, ser surdo sempre traz a marca cultural do espaço geográfico devido à presença de diferentes etnias, na miscigenação cultural acontecendo. Vivência que é experiência sob seus rituais de possessão e autopossessão de uma memória. Vivência que e existência conectada a uma etnia, a uma espécie de grupos minoritários etnocêntricos. A vivência radical do espaço geopolítico vivido por um consensual contíguo de tradições históricas ou grupos surdos étnicos orgânicos. Esses grupos vivem em um contínuo e profundo processo de redefinição. No caso do poema⁴⁸ de Vallejo (1984, p. 220), ser o outro é algo que conspira contra e a favor das produções anômalas que o prendem a uma etnia. Do mesmo modo, ser o outro surdo nunca estará preso a uma etnia⁴⁹. Vallejo diante disto

⁴⁷ No modernismo tardio é impossível partir de uma questão de maior ou menor valia cultural

⁴⁸ *Talvez eu seja outro;*

andando ao amanhecer, outro que anda

em torno de um disco longo, de um disco elástico:

mortal figurativo, diafragma audaz

⁴⁹ Continuamente me refiro ao modo de ser surdo como pessoa detentora de experiência visual. A essência de sua identidade inicia quando ele passa as experiências visuais de natureza visual e não auditiva.

mostra ansiedade, que investe contra o suporte de que vive uma inquietação estranha contra o duradouro. Inquietação em suas relações antagônicas. O ser e o estar sendo o outro surdo em meio a uma representatividade ouvinte, será sempre esta inquietação estranha que difere no momento de ser nos espaços do outro surdo.

3.2.1 - A questão de ser o outro surdo numa temporalidade de transformação

Entre ouvintes o surdo vive como se fora o outro que não o deixou ainda, que esteja sendo, na iminência de desaparecer. Ele vive como se fora um nômade entre o ser e o estar sendo e o vir a ser, constante entre as hibridações e a fuga delas. Entre minhas pesquisas um surdo me afirmou:

Vivo entre ouvintes e sinto raiva por ser surda, quando não entendo e não sou entendida. Não me acostumei a ser surda. Meu sonho é ser ouvinte, o que gostaria muito. Sinto-me com crises de nervosismo e tensão por ser surda. Isso me deixa desnorteada, revoltada pela situação. Sonho sempre em ser ouvinte. Sinto-me triste por não poder ir mais longe. Sinto que estou numa loucura para poder ser ouvinte (MI.).

Na verdade este surdo sente-se na sensação de que talvez não seja ele mesmo, ele é o outro diferente, o outro que não é ouvinte. Mas será que esta leitura do eu se aparenta ainda na base significativa da modernidade que o sujeito não consegue ver-se como o diferente? Será que este surdo não tem contato com o seu outro diferente? Será que ele é obrigado a narrar-se como ouvinte devido ao estereótipo que ronda a figura do surdo nos terrenos da modernidade?

Mas há outros terrenos, depoimentos de momentos em que o surdo está se referindo a possibilidade de uma leitura diferente de si a partir do encontro de uma

temporalidade e de um espaço significativo cujas significações ultrapassam os aspectos vivenciais e remetem para o além onde se projeta. Ou pode ser esta sensação do poeta Vallejo: “talvez eu seja o outro andando ao amanhecer”. Há surdos que se percebem surdos. E defendem ser surdos com uma ousadia desmesurada. Vamos a cena 26 do filme *Som e Fúria*, onde a personagem surda: Nita discute com a personagem ouvinte: Mary sobre a menina surda que realizou um implante:

Mary: Nita, ela é feliz no mundo dos que ouvem. Deixe-a em paz. Porque precisa de uma identidade surda?

Nita: porque ela não sabe o que é ser surda. Não tem idéia, pois os pais não lhe disseram que é surda. Ela me perguntou o que é a língua de sinais. O que é isto Mary? Eu me senti péssima. Fiquei muito magoada. Ela não sabe nada de sinais, nenhuma palavra sequer! Age como se tivesse audição. (Toma, 2002, p. 130).

Nesta passagem a interpretação de ser e estar sendo o outro surdo, a variação do outro surdo poderia ser mais bem compreendida como uma invasão de significações. O ser e o estar sendo surdo se apresenta como um acontecimento no sentido que alguma coisa irrompe para desfazer as significações anteriores de pertença a uma tradição, um povo, uma posição de exclusão. Forças subjacentes concorrem para descentrá-lo do seu povo, raça, cultura ou etnia com novo talhe si próprio, para produzir a perda das suas palavras, na erupção de novas significações. O ser o outro surdo que passa a inquietar o ouvinte possui conotações em que a cultura revive o passado com os rituais de possessão da anormalidade. O transformar vai acolhendo a transformação esquecendo, ou melhor, negando significações do ponto de partida anômala, projetando novo ponto de partida. E o vendaval de uma mudança que faz da vivência do surdo algo parecido com outro tão improvável quanto impossível.

Neste contexto de diferentes relações provocadas pela outra cultura que não a do surdo coloca diante de uma proposta de arqueologia da transformação do outro. Bhabha (1998, p.59) diz ser possível entendermos tal tradução ou transformação se compreendermos a tensão no interior da teoria crítica entre sua delimitação cultural e

sua força revisionária. Um aparte está em dizer que o surdo continua o outro em face da cultura moderna significativa como o excluído, o anormal. O ser outro, a alteridade que impera aqui é na diferença. O surdo se sente um deslocado, um estrangeiro, um único, sente sua alteridade. Ele não é e não está sendo com a coletividade ouvinte, onde ele vive a diáspora, o sentir-se deslocado, o ter raízes surdas e estar no momento como o outro que é o que ele está sendo. Diante do ouvinte ele é surdo e o seu porte como normalidade o denuncia na diferença, faz dele uma alteridade irreduzível. Isto me coloca de novo com Baudrillard, desta vez como pergunta: Por que esse está em busca de uma alteridade mais dura?

3.2.2 – As outras formas de ser e estar sendo o outro surdo

Esta outra forma que o surdo entende seu ser surdo entre ouvintes como estereotipado é diferente da forma que o surdo aspirando ser o eu ideal outro, seu ser e estar sendo surdo, sua alteridade, sem artifícios de grandeza, sem pressupostos maléficos, simplesmente objetivando a ser o eu normal, o eu normal surdo. Cumpre notar que o surdo aqui vive o contexto do povo surdo onde é saliente seu ser diferente. Contexto em que o pós-modernismo fixou suas regras como cultura, como posição onde se está sendo o outro normal, onde o preceito inexistente com seu poder que inclui e diferencia.

O surdo que está na conjuntura do povo surdo consciente de não ser excluído, de estar na norma, na fixidez e pensando não estar de acordo como a norma ouvinte é o que se define como surdo. Utilizar este momento do estranho de si leva a perceber diferentes possibilidades interpretativas de ser e estar sendo o outro, ou seja: ora relacionar a ambivalência traumática de uma história pessoal, uma história de se viver em uma cultura étnica com uma história tradicional de minoria marginalizada e se realizar o ato migratório da tradução cultural pura e simples; ora referir-se a este eu ideal do eu constituído no tempo, na normalidade contemporânea, a sua alteridade surda.

A primeira como situação de imigração da situação do eu na conjuntura do mundo moderno; a última de situação diferente. Como o surdo que tem raízes no passado, temos duas diferentes posições de olhar o eu. O ser outro na posição do centro do círculo de em que está o povo surdo e a posição na fronteira em que se agitam os sujeitos surdos híbridos.

3.2.3 - Ser o outro olhando o significativo do outro

Cabe continuar na questão dos que campeiam pelo ser o outro surdo num diferente contexto. Interessante olhar outras formas de ser o outro, interessante conseguir entrar nos diferentes outros possíveis ou ansiados, almejados ou cobiçados, apetecidos, ou talvez nem pensados irrefletidos e inconscientes modos de ser outro. Minha intenção continua na referência do título que por si faz uma breve referência a uma possível leitura das formas de ser outro.

Ser o outro no contexto, na temporalidade social significativa implica estar dentro da temporalidade, da forma de ser o eu. Santamaría (1998, p.47) tem uma forma de dizer a armadilha como *uma constelação de pré-noções e tópicos dos quais está sociocentricamente armada nossa ótica*. Esse porte mostra a outra face da armação, do ser o outro, onde se pode analisar o outro para que ele seja refém ou diferente de mim. Ou para espelhar-se no outro ou fazê-lo refém de si. Evidentemente neste contexto vão se encontrar outras formas diferentes de ser o outro, formas diferentes da leitura do ser o outro surdo. No entanto talvez consiga um ensaio, aqui apenas, o ser o outro significativamente num aspecto.

O que me leva a enfatizar formas de ser surdo numa espécie de aceitação cultural sem posições de superioridade cultural, enfatizando a diferença, acontece no confronto com as teorias utilizadas. Duas posições: a do “ser outro” e “estar sendo outro” que facilmente é visível no ser outro dentro da diferença cultural. Cito esta pressuposição com palavras de Bhabha: *vidas estranhas que acontecem com povos subordinados a normas étnicas e que são obrigados a recuperar suas histórias reprimidas*. (B. 1998,

p.65) se refere à fixidez demasiada do outro numa etnia ou cultura, ou a sua alteridade, o estar sendo que identifica não a anormalidade, a exclusão, o “sofrimento” mas o eu presente que pode vir a ser pela migração e imigração constante no sentido diferencial. Este aspecto reporta-se longe de uma visão antagônica, uma visão do outro de acordo com a mesmice, o aspecto colonialista. E a visão do outro de ainda não ser o que pode ser. O ainda não sou o outro que posso ser.



Desenho 5: Em termos de alteridade - disse Baudrillard – tudo é possível: convívio, comunicação instantânea, redes. O que é preciso é uma forma dual, antagônica e irreduzível

O que vem a refletir a necessidade de se compreender como “ser o outro surdo” ou “estar sendo o outro surdo” na migração para alteridade, a diferença e a identidade. A declaração de Vallejo⁵⁰: *andando ao amanhecer* está na fruição, definição, demarcação de uma identidade em relação a ser fendida, em relação ao ato de ser e estar sendo, articular com o corpo coletivo, sua posição em espaço de fatura. Assim ser o outro no antagonismo, na sua diferença, envolve alegria e insatisfação. O termo: *andando ao amanhecer* surge contingente e disjuntivamente no ora estar na hibridez cultural, ora estar na inscrição da memória cultural.

⁵⁰ Idem, op. cit

E na instabilidade da diferença, no vislumbrar do *andando ao amanhecer* que se amortece no andando em *torno de um disco longo, de um disco elástico* e remete para o interior deste círculo elástico no qual se desvenda a opulência do significado da cultura constituída das diferentes experiências do estar sendo. Ali se desvenda o outro antagônico, o outro na sua maleabilidade cultural e vivencial capaz de estabelecer a troca evitando uma política da polaridade e emergindo como outro no termo cultural.

Esta última referência ao outro surdo que envolve a conciliação dos excluídos remete para o outro que posso ser. Remete para o ser outro na sua sensível diferença. Nunca haverá um ser outro como modelo de outro. Há sim uma imaginação do outro, uma leitura parcial, velada do outro no qual se refletem outros dos outros. Infinitos outros. Sempre terá um outro que sou, um outro que vou ser, um outro que “*anda ao amanhecer*”, um outro que é diferente. Importa ser o outro diferente em contato com outros diferentes. Importa rasgar esta pedagogia que me faz ansiar pelo produzir o outro igual, na mesmice que exclui o diferencial; importa deixar esta produção do outro como o diferente na sua infinita capacidade de transformar. Importa eu me sentir o outro *andando ao amanhecer*, compreender a temporalidade significativa que me envolve e compreender a temporalidade significativa do outro para com ele ser outros, pois todos somos constantemente outros.

3.3 - O ouvinte: o outro para o surdo

Focalizar a existência do outro ouvinte se apresenta como estratégia crucial, uma vez que o ouvinte também é o outro, ou como diz Mèlich (1998, p. 171) *o outro não é o resultado do meu conhecimento*. Naturalmente, o ouvinte é o outro não como eu o conheço. Ele é simplesmente o outro. Como entre nós surdos o modernismo, bastante presente, vai decaindo devido à crise dos fatores do colonialismo radicado desde séculos, a filosofia pós-moderna e os Estudos Culturais tomam sua grande oportunidade histórica para a emergência das diferenças que secularmente nos refrearam, conseqüentes dos constantes desvios e intercâmbios epistemológicos que se produzem entre os discursos. O que os novos tempos colocam às claras pode parecer

estranho. Os ouvintes se consideraram desde sempre homens, normais, não havia outros normais senão eles, não aprendiam dos surdos. Eles eram os outros, as alteridades modelo, as identidades modelo, a pedagogia modelo. Eles eram os homens. *E não havia nenhum outro* (Baudrillard, 1994 p. 109).

É natural a nós surdos presenciar situações tocantes devido a rupturas da diferença de ser surdo e ser ouvinte. Rupturas que tendem a mexer com as estratégias de ser o outro na essência cultural. Rupturas que se compõem no ser o outro, no projeto da modernidade ou o projeto do outro anormal. Para ilustrar, pretendo citar aqui, um fato constatado entre as narrativas surdas além de outros infinitos sempre presenciadas e experienciados e que determina este “ser outro ouvinte” na sua superioridade estabelecida pela normalidade.

Em um grupo de surdos, num debate o ouvinte que apoiava tinha mostrado anteriormente uma bela, intensa e sincera defesa em torno do ser surdos. Cercados que estávamos pela maioria ouvinte, naquele momento, como por encanto, a defesa do ouvinte que estava ao nosso lado, tornou-se frágil, rompeu-se como se fora um delicado frasco, misturou-se a posição hegemônica dos ouvintes. Na sua intenção de ser aquele que dizia apoiar a nós surdos, de repente nos traiu e pegou de novo o espírito colonizador do grupo ouvinte e não pôde ficar do nosso lado como pretendia, prometia, e teimava desde sempre ficar” (MI).

O que estava aí? Naturalmente a experiência ouvinte cultural na qual se inclui o ouvinte e da qual ele teme ser excluído, naturalmente a experiência da normalidade na qual ele é superior e se ela se diluir se exclui dessa superioridade. E igualmente a natural segurança epistêmica e talvez o problema da invenção do outro a partir de si.

É próprio do outro ouvinte mover-se numa cultura que o limite ofereça a condição de sua existência individual? O que faz com que o ouvinte se socorra desta especificidade de uma cultura particular ao considerar que qualquer que seja seu lugar

na sociedade, todos aqueles que pertencem a essa cultura levam de alguma maneira sua marca e ele se espelhe nela?

Uma pergunta surge no enredo: Quem é este outro ouvinte? Para ter uma noção, sobre este ouvinte que se instaura num processo teórico moderno pode ser visto por duplas faces pela face da experiência e da essência.

A lógica da civilização: onde a civilização é a fala, a escuta. Neste ponto o ouvinte se converte num “colonizador” e diante do outro surdo coloca uma falta, uma deficiência, uma menoridade, uma menos-valia social, um diferencialismo. À parte de domínio do mundo real: a escrita e o raciocínio que constitui o poder sobre as leis, identidades, representações, determinações. E atribui ao outro surdo adjetivos degradantes, deprimentes como: minoria lingüística⁵¹ minorias, menos válidos por não ser iguais aos ouvintes, incapacitados, desabilitados, necessitados de “ter a fala como o ouvinte tem”.

Este modo de experiencial como outro ouvinte, na posição da sua alteridade cultural também, inclusive leva dupla face:

A diferença de ser: este ouvinte é o outro que experiência a fala, a escuta, a leitura, a lógica de ser ouvinte.

A alteridade que este ouvinte não tem: ele é um “privado” de ter tentativas de sinais expressivos para tudo. Um privado de experiências visuais para tudo. Os outros ouvintes são os outros “não capacitados” para inventar uma língua de sinais na sua originalidade, de criar uma cultura exclusivamente visual.

Todos os mecanismos disciplinários de ser ouvinte contribuem para criar um perfil do ouvinte em suas conotações de normalidade. Em sua dimensão de normal, inspirado na concepção de Michel Foucault, como consequência do poder torna difícil entender o surdo com outros processos. A invenção do outro anormal está ligada a este processo da normalidade. A minha tese é que não é possível no mundo constituído pala

⁵¹ A meu ver o adjetivo de minorias lingüísticas é aviltante desqualifica nossa língua de sinais, rebaixa-a como outros adjetivos e a coloca em condição inferior, não na condição de riqueza e diferença... Esta denominação será sempre um transtorno e variavelmente indicativa de esforço para a inclusão

normalidade admitir o anormal sem uma profunda crise devido aos conhecimentos ideológicos gerados por esta normalidade. A concepção deste primeiro estado do ouvinte é a idéia de ausência de audição, a idéia de selvagismo que pode advir da não-utilização da fala, da leitura e da escrita na forma do ouvinte. Longe dele ficam as concepções em contrário. Este ato remete ao outro uma parte do que reside nele próprio e daí a transferência de atribuir ao outro algo do que já é simbólico em si entre mesmo e outro. Esta posição não introduz ainda a alteridade de ser o outro diferente. Mas a esta alteridade mais dura de que fala Baudrillard, para a evidência deles que é a alteridade total.

Skliar em seu livro *E se o outro não estivesse aí?* dá um espectro do que é este detereminar o outro normal a partir de um outro normal.

O outro globalizado ou localizado num puro exotismo. O outro global. O nome politicamente correto do outro. A exclusão, a desqualificação, a desfiliação, a rejeição do outro. A (falsa?, fictícia?, ilusória?, ordenadora? controladora?) promessa de inclusão do outro: existem, acaso, outras espacialidades, espacialidades outras para o humano? Pode o outro não ser outra coisa diferente de uma imagem velada do eu mesmo? Afugentar a mesmidade e refugiar-se em sua alteridade? (S. 2003)

A tarefa dos surdos é fazer visíveis os novos mecanismos de produção das diferenças em tempos de globalização. Para o caso o desafio maior é uma descolonização das ciências no que dizem referentes. A mostra da alteridade, uma alteridade radicalmente forte enquanto durar este espectro.



Desenho 6: *Estou buscando o encontro com o outro surdo, quero o encontro. Eu vejo seu rosto que é o meu!* (G).

A afirmação das diferenciações do outro ouvinte está continuamente especificada através ds narrativas dos surdos é colocada como uma marca de diferenciações ainda mais perpetrantes no dia-a-dia. A atitude de diferenciar induz a colocar o outro na forma vazia de si. Diferenciar também implica numa situação de proximidade, de outro de coação, de eliminação do outro. O problema é de quem traduz os significados.

O surdo, bem como o ouvinte pratica o ato da diferenciação. Assim o cotidiano dos surdos confronta diferentes tipos de ouvintes que procuram se aproximar dos surdos com objetivos de uma fabricação da própria posição.

Nas narrativas temos aqueles ouvintes que nem sequer se preocupam em dominar a língua de sinais, de ver a alteridade surda ou o surdo na sua diferença, sua necessidade é transmitir de si, como aqueles que querem a todo custo trazer o surdo para sua religião, sua música, sua língua, sua oralidade. Algumas narrativas citam que os surdos *se sentem ir aos arrastões... que não são capazes de discernir a tempo porque é melhor assim que nada...* (MI). Como por exemplo, o ensino da música que tem a contestação dos surdos. Continuemos com as narrativas:

Claro que há ouvintes que querem ensinar música, mas tão entranhadamente que querem ensinar só música e para isto sabem alguns sinais... E aprendem estes sinais para ensinar só isto. E como o surdo não tem escolhas, tem este tempinho, esta atenção do ouvinte e de tal forma que a transforma em lazer... E aceita e vai... (MI).

Um outro, o fato de ouvintes que não entendem nada dos surdos, não entendem nada de língua de sinais os quais os surdos referem nas narrativas como: *Não adianta para nós, eles não entendem nada de surdos explica-se e eles voltam com mesma idéia sempre.* (M.) O que leva a esta indiferença? Impera o que posso citar como ignorância do outro, como transformar o outro em “ausência”. Esta forma de “sedimentação” ouvinte não consegue perceber além de si e de seu mundo, de sua normalidade, não consegue ouvir a alteridade do outro surdo. As narrativas surdas seguem:

Em nossos cursos de formação de professores acontece, depois de horas e horas de aula, depois de meses sob forte esquema de representação da diferença surda, de aulas de língua de sinais com professores surdos, alguns ouvintes nos vomitam de novo: "deficiência", "deficiente auditivo", "surdo-mudo"... nada aprenderam de sinais que foram ensinados, deixando os instrutores surdos indignados. (MS).

Há a diferenciação do outro ouvinte que a partir de conceitos feitos pelos surdos introduzem algumas mudanças, porém continuam a uma sedimentação na normalidade-anormalidade. As narrativas surdas a este respeito identificam o problema do conceito do outro surdo: *Estes professores só querem diploma para ter em mãos 50% de aumento. Não dá, deve-se exigir a mudança, o estudo, a captação da idéia; estes ouvintes são uma acomodação...* (MS).

E tem também aqueles que a forma de denominar a alteridade é: os ouvintes simpatizantes aos surdos e que tentam aprender um pouco a língua de sinais para se

comunicar com os surdos, tipo aquele sabe fazer alguns sinais. As narrativas surdas seguem: Gosto de ir lá naquela *agência, porque tem aquela pessoa que sabe um pouco e tenta se comunicar* (NI).

Aqueles outros simpatizantes admitem a alteridade, a diferença de "ser surdo" também inclusive se dividem em categorias de acordo com maior ou menor compreensão. Alguns, além de narrar a alteridade surda, também entram na política pelos surdos vão até conseqüências extremas As narrativas surdas prosseguem:

...mas estes ouvintes fazem pelos surdos, fazem tudo tem quem luta com objetivo de se promover, não importa se é o surdo que está do lado deles: conseqüência surdos acomodados, leis que não combinam. Estes são aqueles que nós surdos podemos dizer não são dos nossos, querem se promover, fazer "caridade" são dominadores. (N.)

Outros de posse de sinais, entram na política pelos surdos vão até conseqüências extremas sempre incentivando os surdos. *Estes são aqueles que nós surdos podemos dizer são dos nossos, tem nossa confiança.*(CA). Os ouvintes filhos de pais surdos, bem como os irmãos, os pais parecem pertencer à última relação, pois compartilham muito da experiência visual dos surdos. Diferentemente dos ouvintes que sabem a língua de sinais, como os intérpretes e alguns outros profissionais. Alguns são indiferentes pelas características do colonialismo que os ouvintes lhes infundiram, outros fazem um trânsito de aceitação entre as duas culturas (ouvinte e surda). Outros entram na política surda e são tidos como continuadores das lutas políticas do povo surdo em resumo podem transitar entre as diferenciações anteriores...

3.4 – Designação aos surdos

Baudrillard cita suas leituras sobre os índios do sul da Patagônia que tiveram um destino miserável, pois que por quatro séculos estiveram longe da civilização até que os brancos os exterminaram completamente.

Os brancos eram para eles os estrangeiros: em um dado momento se denominam a si mesmos “homens” : é o nome que eles se dão a si mesmos, seu próprio nome são eles. Logo se denominam “alikalufs”, o nome que eles davam aos brancos: os estrangeiros e os brancos os denominaram com este nome⁵².(B. 2000, p. 108)

A assertiva de Baudrillard é de colocar aqui a elucidação do nomear o outro a partir de si que não nos vejamos tentados a traçar equivalências ali onde impera a mais terrível ambigüidade. Não se deve determinar o outro por princípios que já são milenares para os outros serem sempre os mesmos. Seria admitir uma ingênua, arrogante, egocêntrica e voraz mesmidade.

...que os outros devem ser sempre os mesmos outros – isto é: só alguns e poucos outros; aqueles outros que podemos nomear quase sem esforço; que outros “outros” nunca serão admitidos no território da “diversidade”; e que nós não somos nem os outros “diversos” nem muito menos os outros “outros. (Skliar, 2002)

E aqui passo a dizer-lhes que, por obséquio, não vamos lançar simetrias onde não temos como nomear o outro. Especialmente, que não insistamos mais em nomear o inominável. *Um discurso que não se sustém que será incoerente, inconsistente... porque*

⁵² Los blancos eran para ellos los extranjeros: en un momento dado, se denominan a sí mismos “hombres”: es el nombre que ellos se dan a sí mismos, su propio nombre son ellos. Luego se denominan

faz o impossível com o sentido (Derrida, 1997, p.14). Por que persistir em denominar o surdo de deficiente? Andersson, o conhecido pesquisador surdo fez uma lista de quantas denominações estereotipadas foram dadas aos surdos e encontrou 12 denominações em sua maioria termos clínicos. Ambivalentes estas proposições, ambivalentes estas superioridades e estes atos nomear o ser e o estar sendo. O fato nos leva a pensar melhor a respeito do ser outro, as suas diferentes formas de ser, em nossa identidade, na alteridade do outro, do que no ser do outro, do que em sua identidade. Deixo a Skliar (2003) a conclusão: *Nos obriga a fragmentar a nós mesmos, a retirar de cima de nós aquele tempo e aquela temporalidade em que o outro era, podia ser, devia ser, não podia ser, um artifício mímico da mesmidade.*

P A R T E IV

TRAJETÓRIAS SEM HISTORICISMO

O sujeito colonial é sempre sobredeterminado de fora. (*Fanon*)

No ensaio sobre as transformações audaciosas e freqüentes por que passo o ser surdo me importa lançar um olhar ao passado. Os surdos atravessam diferentes tempos, tendo inclusive, histórias de um passado amarrado; raízes históricas em que as teorias do historicismo destroçaram os melhores achados; seus feitos rechaçados. Em resumo, um passado rico que poderia reverter muitas e muitas páginas de tese. Se entrarmos no espaço onde o surdo produz sua história as suas referências representativas, encontraremos referências que traduzem sua cultura, sua particularidade, sua alteridade, sua diferença, sua identidade, seu modo de ser como povo. Notadamente os pontos surdos por que estamos repassando contem o alinhamento sem a coesão do discurso disciplinado dos campos coloniais, pela ventilação da polaridade performativa.

Em uma primeira interpelação da história nota-se que os surdos iniciaram por acaso e logo atingiram posições suficientemente fortes para encontrar sua imagem e significado como povo (Perlin, 2002, p.48). Notadamente esta posição foi suficientemente forte para lançar uma sombra sobre a imagem do disciplinador e construir signos diferenciados para o eu surdo, distinto do outro ouvinte. Conseqüente esta diferença se espalhou pelo mundo impondo-se com toda sua força e como presença cultural. Como houve banimentos, os seus lugares de refúgio, lugares se tornaram lugares “*o onde é bom de se estar*”. Lugares perfigurativos, orgânicos para outras possibilidades intrínsecas maiores. Territórios onde a individualidade em oposição às alteridades de outros povos germina em contraste com os outros terrenos onde ela morre por falta de material orgânico. Espaços outros onde tramita a língua à custa dos surdos mais antigos. Devido a interferências outras, os possíveis agentes depredadores

do oralismo, estes espaços constituem-se em locais de sobrevivência pelo espaço liminar de significação que é marcado internamente. Surgem organizações surdas⁵³ que rapidamente se espalham. A transgressão/repressão das normas orais é forte e o poder inclusive propõe outras interferências como as Associações de Surdos Oralizados.



Desenho 7: Para o colonialismo, o sujeito diferente, ou seja, com algum comportamento estranho, é o sujeito maléfico.

Vêm as produções da cultura, da língua, da luta por direitos. Surge a organização mundial dos surdos que une e aponta sempre mais para a busca e conquista de valores, colaborando para que muitos surdos residentes em países subdesenvolvidos possam despertar para ações visando encontrar espaço para os seus direitos. Por aí seguem os rumos da história dos surdos descortinando até vir a ser o que é a FMS⁵⁴ hoje.

4.1 - Quem fez rumos da história do povo surdo?

⁵³ As atas das reuniões de surdos de Paris registram que houve no povo surdo, o início de organização no ano de 1834.

⁵⁴ Federação Mundial dos Surdos

O historicismo não poupou o povo surdo. A sua teoria na literatura histórica teve efeito. O povo surdo foi narrado através da representação da invalidez. Assim, é evidente que esta sua presença fez seus maléficos:

As teorias historicistas olhavam o outro desde seu ângulo único e específico, acentuando a diferença e a separação (...) podiam conduzir a uma construção de um “outro” tão diferente que parecia inferior ou menos humano. (Larraín, 1996, p. 90)⁵⁵

As modalidades enunciativas do historicismo fazem o surdo narrado, sobredeterminado como mito, como elemento inútil, sem vida. Os rumos desse historicismo não vão iniciar mudança com o reconhecimento da língua de sinais. Nem muda de sobremodo com a introdução da língua de sinais na educação. Com a utilização da língua de sinais os surdos repetem nesta nova oportunidade no direito de usuários da mesma e as diferenças entre surdos e ouvintes acontecem numa situação na qual ambos são usuários de línguas diferentes. Os novos rumos educacionais que se apresentam inclusive promovem outras frentes de atuação.

A exaustão provocada pela constante do modernismo, o constante narrar o surdo com uma representação equivocada e por fim as fissuras abertas pelo pós-modernismo, sustentou uma certa nostalgia como a presença de um processo sentido também em outros campos e já mencionado por Huyssen (1992 p.25):

Na verdade uma crescente nostalgia pelas várias formas de vida do mundo passado parece ser uma forte tendência subjacente à cultura. (...) E é tentador desqualificar este ecletismo histórico, encontrado não somente na arquitetura, como também nas artes, no cinema, na literatura e na cultura (...) Será que talvez expresse igualmente uma insatisfação genuína e legítima com a modernidade(...)

⁵⁵ Tradução minha do original em espanhol.

Novos rumos acontecem na vida surda e em vista de outros olhares que propõem mudanças. As narrativas do historicismo continuam a se preocupar com suas aspirações de manter o universalismo. Trata-se de um universalismo no qual impera as posições coloniais e imperiais. Foucault mostrou nestas narrativas da história as exigências contidas. Ele coloca o seu discurso numa contra-história repetindo, Foucault, *que não entende por este termo a soma de todos os textos que uma cultura guardou*. A erradicação destas ideologias um processo que cresceu diante do progresso filosofia da diferença.

4.2 - A réplica re-visionária da história.

Esta história dos surdos, feita pelos surdos que presentemente temos em mãos, resgatada do historicismo, é fruto de uma nostalgia cuja agência final foi o empenho efetuado aos lugares por onde andaram os surdos no passado e os caminhos da transformação histórica já percorridos. O povo surdo tem assistido a cisão subversora e aos indícios de uma tensão criativa que re-apropria de novo as dimensões simbólicas da história surda pelos registros da cultura surda vivida no passado, deixadas à margem da história oficial.



Desenho 8: Banquetes de Paris: Será que nossa única saída é a adoção de uma oposicionalidade ou a invenção de um contra-mito originário da pureza radical?

Esta história de povo surdo começou em 1834 no momento em que os professores surdos Ferdinand Berthier⁵⁶ e Lenoir⁵⁷ decidiram mobilizar os surdos (Perlin, 2002, p. 48). Se o desígnio inicial era exaltar de início o homem ouvinte em que favoreceu a entrada da língua de sinais na educação dos surdos, tal efeito não teve repercussão. Notadamente os registros das Atas dos Surdos de Paris não se voltou logo contra os discursos dominantes, mas para sua diferença cultural. Assim crescia um pequeno grupo representativo, como parte do todo: professores, pintores, gravadores, empregados, sumidos da elite, todos movidos por uma necessidade de encontrar-se. Não era então a referência da discriminação, mas a descoberta da alteridade surda essencial na articulação das identidades diferenciais que podiam discriminar o ser e o estar sendo surdo.

A presença surda, não narrada na história oficial, foi descobrindo nos banquetes⁵⁸ improvisados para os encontros onde entre surdos se falava muito de política evidenciando inclusive o aspecto passa despercebido como povo surdo e nação surda. Sobre os banquetes Ladd (2003) tem uma versão de quem pesquisou nas fontes:

Não se deve inferir que um único discurso surdo existia. Os banquetes de Paris reuniam uma elite masculina, eles também se dissolviam e se reuniam em torno de argumentos baseados em termos políticos surdos, tais como as prioridades políticas que a comunidade enfrentava no momento. Todavia, os textos dos banquetes revelam não somente um alto nível de discurso surdo, mas o fato de que esses discursos contemplavam também certos princípios com os quais surdos menos literatos e oradores se identificavam. Nesse sentido parece existir neles uma base

⁵⁶ Ferdinand foi um dos professores surdos do Instituto de Paris. Ao que conta este Instituto tem vários outros professores surdos.

⁵⁷ Outro professor surdo e colega de Ferdinand, mais tarde ele seria diretor da Escola de Lyon, na França.

⁵⁸ A assertiva dos banquetes onde estavam reunidos somente os surdos parecem com nossas distraídas tardes de chá onde se revela com toda a intensidade a narrativa substancializada de nossa diferença cultural. Inclusive tenho experienciado que onde se encontra apenas um surdo ele sucumbe à força do colonizador, quando ele se encontra em grupos conseqüentemente ele expõe sua narrativa que parte para o evento ou legitimação de sua fonte, a interação cria um território cultural. .

unitária para outros discursos que, de outra forma, poderiam parecer divergentes. (Ladd, 2003 : 112)⁵⁹

O que poderia ter evidenciado neste espaço de tempo talvez às tensões existentes entre a decadência iluminista e a emergência de outros signos? O espaço de interação cultural solidário encontrado naquela reinscrição que desviava a atenção iluminista ou colonialista do oralismo? A reinscrição surda de si contém uma crescente e dinâmica epifania. O cruzamento das fronteiras culturais diz Bhabha (1998, p. 308), permite a liberação da essência do eu. Esta liberação não é mais que a alteridade, o sentir-se na diferença, a elucidação para a direção da própria identidade.

4.4 – Drenando os terrenos das organizações surdas

Na história oficial, o historicismo não permite narrar o que acontece em 1834, data de início das organizações surdas. Mas estas narrativas das organizações puderam ser guardadas à margem da história oficial, em Atas que os pesquisadores hoje descobrem nos arquivos do Instituto Nacional de surdos em Paris.

Em minha dissertação de mestrado, já escrevia em 1998 sobre esta busca da diferença, este elo que distingue um povo do outro e que faz com que o povo surdo determine a marcação simbólica de sua diferença não pela nacionalidade, classe, raça, etnia, mas pela cultura.

(Para o povo surdo,) contam as instâncias que afirmam a busca do direito do indivíduo surdo ser diferente nas questões sociais, políticas e econômicas que envolvem o mundo do trabalho, da saúde, da educação, do bem-estar social (Perlin, 1998, p.71).

⁵⁹ Tradução do original em inglês por Janie Gonçalves.

E esta tendência a buscar aspectos simbólicos que possibilitam a diferenciação deste nascente povo não diferencia das proposições de Woodward como uma das discussões centrais a discussão entre o que define a nós como surdos..

Não se trata de uma essência, mas de diferenças que podem fundamentar suas afirmações tanto na história quanto na biologia; por exemplo, certos movimentos políticos podem buscar alguma certeza na afirmação da identidade apelando seja a verdade fixa de um passado partilhado seja a verdades biológicas atuais, seja culturais. *O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade.* (Woodward 2000, p. 15)

É importante notar que esta busca da diferença de ser em alguns aspectos se torna bastante insistente, em outros ela é mais amena. Isto é importante, pois sempre há espaço para trocas com os ouvintes. Sobre os lugares onde se reúne o povo surdo, contesto Mottez (1992) ele repete o historicismo ao afirmar que os surdos formam um povo sem território e que seus clubes tomam este lugar e eles se sentem em sua casa, no lugar onde eles dominam. Mas existe um aspecto mais sutil e mais profundo, mais difundido, raiz do povo surdo daqueles tempos que tendem a justificar, consciente ou inconscientemente: é a presença freqüente da identidade cultural e de civilização dos surdos sem ser necessária a dos ouvintes sobre os surdos, igualmente sem ser necessária a dos espaços territoriais que conseqüentemente se apresentam imaginários⁶⁰.

Uma certa transparência discursiva se percebe. A produção de significados para a constituição do povo surdo, diante de elementos surdos capacitados e eficientes historicamente, inclusive representantes privilegiados do povo surdo podia mesmo ter

⁶⁰ Territórios imaginários seriam os espaços onde há surdos organizados. Por exemplo, Porto Alegre pode ser citado como um território de lutas surdas onde a maior força se concentra nos campos de educação, mesmo que haja aspectos lingüísticos e jurídicos, onde os surdos impõem sua pedagogia da diferença, inclusive que já foi palco de lutas contra a inclusão. Para Anderson (1993, p. 23), estes espaços territoriais serão sempre imaginários no momento que ele propõe uma abertura para o conceito mediante signos expressamente visuais, concebidos por meio da representação da identidade. O mesmo se pode dizer de Paris como território do início do povo surdo.

uma “loucura” nativa, devido à presença dos efeitos do poder para a transparência da problemática dos debates nestas reuniões.

O efeito do povo surdo foi quando as associações foram construindo uma complementaridade de significados que produzia o momento de transparência discursiva. Ao contrário do historicismo feito, o povo surdo não estava ainda numa interpelação acabada, simplesmente articulava o leque dos significados até a possibilidade de disposição de um significado que super-significa e diz algo que se situa ao lado do argumento, algo ao lado da verdade da cultura. Trata-se de um significado que é culturalmente estrangeiro, diferente, porque é afastador da compulsão colonial e tem um efeito que impõe e propõe o nome de povo surdo.

O que havia de novo para aqueles surdos recém-reunidos em Paris eram as narrativas de sua diferença, o argumento cultural de suas conquistas, as dúvidas e certezas as capacidades e aptidões. É bastante certo que estes encontros enfatizaram os ricos refinamentos da aparência da língua de sinais, a posição que ocupava e sua estrutura. A reprodução conjunta de suas necessidades foi dando espaços associativos que possibilitariam conquista de novos territórios surdos.

Na educação as experiências surdas estavam desenvolvidas por uma pedagogia própria que lhes possibilitava educar o surdo de forma transparente, convencional e provada. Narrativas da atuação do professor surdo Huet⁶¹ nos dá indícios desta forma

⁶¹ Eduard Huet (o seu nome é Eduard e não Ernest) nasceu em 1822 na França estudou no Instituto Nacional de Surdos de Paris, onde se formou professor. Mais tarde era professor e diretor do Instituto de Surdos de Bourges. Em 1855 Huet emigrou para o Brasil propositadamente desejava a fundação de uma escola de surdos. Naquele tempo no Brasil não se tinha uma idéia pública da educação dos surdos e inclusive as famílias relutavam em educa-los, dificultando a Huet. No entanto, ele contava com auxílio da nobreza ligada ao governo. Em Janeiro de 1856 apresentou o programa para a educação de surdos e dois anos mais tarde apresentou os seus sete alunos ao Imperador e realizou o exame público de seus alunos, de acordo com os moldes daquela época, entusiasmando o público que assistiu, frente aos resultados que eles alcançaram. No entanto, logo em seguida, em 1861, Huet reconheceu que não podia mais continuar a frente do Instituto de Surdo, nesta época já existiam dezessete alunos surdos estudando no Instituto. Nota-se que a forma de ensinar os surdos utilizada por Huet era da didática especial dos surdo-mudos como era

hábil de educar por eles desenvolvida. Berthier, em 1730, acreditava numa pedagogia que se equipara hoje aos processos da pedagogia da diferença ou que chamamos de pedagogia dos surdos⁶².

Estas atividades se desenvolviam, mas não sem o efeito do poder colonialista. Segundo se pode deduzir de Skliar (1997): no Congresso Internacional de Paris em 1879, ainda vigoravam os ouvintes defendendo a língua de sinais na educação dos surdos e constantemente os próprios professores surdos. Tal posição era exclusiva da França, onde surdos e ouvintes, uma comunidade dava apoio ao povo surdo. A história oficial registra embates entre os defensores da língua de sinais e do oralismo (colonialismo). O oralismo, conforme deduzido de Skliar (1997) foi praticamente imposto aos surdos do mesmo modo que a Alemanha desejava impor ao mundo sua política excluindo a posição da França como líder neste campo.

4.5 – A questão da cultura surda na resistência

Uma crise intensa entre a cultura surda e a sociedade em geral ocorreu a partir de 1890. O povo surdo passou a ser estereotipado porque insistia em manter o status cultural e lingüístico. A proposta colonial (oralismo) era sempre para o contorno cultural da maioria e sua dependência do conceito de fixidez.

Nisto o aspecto marcante para toda a história dos surdos são as mudanças culturais por que a cultura surda tem de passar. A produção de diferenciações e

chamado naquela ocasião. Huet também se interessou pela formação de professores surdos, porém o pouco tempo de permanência no Brasil não foi suficiente para esta profissão pudesse se desenvolver. Em 1965 Huet viaja para o México influenciado pelo convite para fundar uma nova escola de surdos naquele país.

⁶² Tenho orgulho de dizer que a pedagogia dos surdos pode ser evidentemente mais prática que os velhos métodos orais de educação dos surdos, como provaram nossas pesquisas de campo com o projeto FAPERGS feito de abril a outubro 2001, muito da narrativa do projeto do qual participei como organizadora em conjunto com Miranda e Martins. O método da pedagogia dos surdos usado no projeto consiste em introduzir a língua de sinais como língua de comunicação, introduzindo inclusive de forma nova a aprendizagem de pressupostos curriculares e a presença de professor surdo.

individuações na cultura propõe algumas fases cujas evoluções foram enunciadas por Widell (1992). Nesta estratégia de interpelação, das quatro fases da cultura surda⁶³ se nota diferentes perturbações. Nelas se sobressaem os aspectos da sobrevivência cultural que o povo surdo passou, enunciativas da resistência e a versão por mudanças para a cultura surda. A força da diferença cultural sempre vai mostrar uma versão camuflada violando os limites do espaço da outra cultura, motivando a sobrevivência.



Desenho 9: Na irrupção contínua de linguagens indecifráveis que mantêm nossa memória escrava, aqueles discursos fantasmas que entram em nosso mundo... As mãos e os olhos nos revelam a arte máica de um passado histórico e uma narrativa presente. São a marca evidente de nossa cultura visual, o "deafvi"!

Nos domínios do mundo tudo são espaços onde impera a ordem cultural. Então em quais espaços podiam os surdos impor sua locomoção? Certamente nos espaços coloniais que denunciavam a força da violação política do significado e que impediam qualquer ação. E aqueles obreiros surdos somente poderiam sentir-se no lugar da diferença e na alteridade surda na qual podia sobressair a cultura, oferecendo marcas na identificação do espaço do adversário. Entretanto daria espaço a reprodução de significâncias dos surdos na cultura fixada? Uma hibridação ou uma posição de desaparecer dos surdos? O isolamento social propôs uma pressão em vista de busca de espaços de sobrevivência. Para sobreviver eles têm de demarcar cultura-associações, e através de um processo que mantêm a resistência, a qual se nega a pertença à condição culturalmente diferenciada do mundo colonial (oralista). A reação a oralização levou a

⁶³ A fase de abertura (1866-1893), a fase de isolamento (1893-1980), a última parte da fase de isolamento e o começo da próxima fase (1960-1980) e, por último, a fase de manipulação

áreas opostas, onde o estereótipo e a discriminação como discursos do colonialismo tenderam a fantasias e a mania de perseguição levando a estratégias políticas de defesa. Estas invertidas não serviram ao aniquilamento, ao contrário novos territórios de sobrevivência se instalaram mesmo na proximidade do espaço do oralismo.

Não é difícil pensar o argumento de que o povo combina uma acumulação de sujeitos que se conciliam numa lei. Isto está inclusive propondo o modo pelo qual os surdos conservaram o aspecto repetitivo de se reconhecerem como sujeitos diferentes⁶⁴. Motivo pelo qual a alteridade, a diferença e a identidade surda insistem tão enfaticamente em manter a cultura e a língua de sinais, poderia ser devido a um respeito profundo por uma força criadora interior de natureza humana e social. *Essa força criadora possibilitou ao povo surdo descobrir uma linguagem realmente funcional e boa - a língua dos sinais - que facilitava seu desenvolvimento, apesar de todas as investidas contra ela.* Widell (1992) Minha situação interroga esta obrigação cultural de tornar-se, de ser, ou de ser visto como humano através da alteridade. Mas no círculo destas solitárias reuniões do povo surdo emerge um fato que é o preenchimento constante da enunciação através da diferença.

4.6 – Historia apesar de sob deslize ouvicêntrico

Um detalhe interessante, do historicismo, é que o tempo em que a língua de sinais foi usada entre 1780 e 1800 articula uma verdade: vários surdos conseguiram representar e colher significância em meio aos espaços acadêmicos na Europa. Mas eles tiveram sua *performance* especificamente no historicismo. Vamos aos exemplos :

Jean Massieu surdo, um dos mais famosos daqueles surdos dos banquetes de Paris. Tinha recebido estímulos para desenvolver as suas habilidades de enunciação tão importantes para a compreensão da linguagem. Porém, Massieu na verdade

pouco entendia dessas coisas. Ele era muito inteligente e suas próprias observações cuidadosas tinham formado sua compreensão da função da linguagem. Suas performances foram levadas para as cortes reais e nobres da Europa, cuidadosamente escritas para apoiar as teorias favorecidas e ganhar riquezas para seu professor. Seus próprios escritos, e mais particularmente os de seu aluno surdo mais brilhante, Laurent Clérc,⁶⁵ deram um quadro bastante diferente deste processo do que o presumido por seus "bem-feitores" (Wrigley, 1997 p.68).

O outro exemplo possível de *performance* de reinscrição acontece com Laurent Clérc surdo francês que, com Thomas Gallaudet, rumou para os Estados Unidos e ambos fundaram a escola de educação dos surdos, a atual Universidade de Surdos. Observa-se que o segundo, que não era surdo, teve seu nome na universidade. O primeiro, Clérc, surdo, ganhou apenas uma estátua no *campus* universitário..(Wrigley, idem) A narrativa perturbadora escreve outra história sobre os guardados da representação. Não visam significar o ato de tradução cultural, mas prevalecer o ato contínuo do essencialismo.

A infinita possibilidade do vir a ser, daqueles surdos de Paris, em sua posição orgânica desfaz a insignificância e promove novas posições em defesa de uma presença do jeito de ser surdo que constitui a alteridade, diferença e identidade. Um agrupamento dá origem a outro agrupamento quando o significado retrata e refrata compulsão pelo vir a ser. O objetivo principal era manter a característica de vida, o vir a ser dos surdos, além de oferecer representação nas mais diversas áreas. É simplesmente uma questão de racionalidade que passa por meio de experiências, bem como de filosofias das diferenças culturais se instalando no espaço do orgânico precariamente vazio. Importa notar que mesmo com as características específicas da alteridade, diferença e identidade propõem formas de organização que ultrapassam as

⁶⁴ Na história feita pelos surdos se torna freqüente a repetição do discurso onde os surdos que inteiraram o espaço cultural o transladaram para outros territórios conservando as questões culturais.

⁶⁵ Laurent Clerc foi um dos professores surdos formados pela escola de paris, discípulo de Sicard.

organizações coloniais. Seriam aqueles surdos iniciantes um grupo de líderes orgânicos nativos? Aquelas Associações de Surdos, nas suas modalidades, se desenvolviam pela Europa. No aparente os líderes eram elementos do povo surdo. Instâncias mais fortes como mostra Skliar (1997) tinham proposto a entrada da dominação alemã que nada mais era que o oralismo.

Os surdos norte-americanos que tiveram outras propostas que as da Europa devido à presença de Clerc têm outros espaços de construção. São eles que vão propor continuar com novos espaços na interpelação discursiva. Com os aportes dos anos 60 do século XX as condições na América mudam, e apesar de que o povo surdo europeu ainda se encontrava na fase de isolamento, havia, agora novas condições na América para que viesse à tona. A proposta de construção cultural pode vir a público com o reconhecimento no rol das línguas que teve a língua de sinais.

Minha ênfase a este tempo epifânico apesar dos deslizes ouvicêtricos é da nomeação do advento do memorável na América, de potentes fontes simbólicas e afetivas de identidade cultural inclusive em Educação está que para o povo surdo hoje, se constituiu de novo um elemento importante. Reorientou-se e a reivindicação atual a ser povo é uma constante como forma impetrante de política ligada ao seu outro que levanta a si próprio.

P A R T E V

SER E ESTAR SENDO

Um estar sendo como processo e não como um estado identitário essencializado...

Um estar sendo com vibração e não como uma acentuação exagerada.

Um estar sendo que pode nos remeter tanto à idéia daquilo que é inominável com a noção do acontecimento.

(Skliar, 2003)

Se nos consideramos surdos não significa que temos uma paranóia. Significa que estamos sendo o outro com nossa alteridade. Somos o surdo, o povo unânime reunido na autopresença da língua de sinais, da linguagem que evoca uma diferença de outros povos, da cultura visual, do jeito de ser. Somos alteridades provadas pela experiência, alteridades outras. Somos surdos!

Toda nossa caminhada como surdos foi feita por experiências numa linha diferente da linha ouvicêntrica que os “ouvintes” querem para nós. Houve transações entre nós, mas prevaleceu o signo do ser surdo na experiência, uma experiência que tem no diferente de ser o aspecto visual.

Entre a proposta do “ouvinte” e a proposta do surdo surge esta diferença de ser, esta diferença que é perpassada pela experiência única e intransferível de cada sujeito. Experiências vividas em cada tempo, em cada realidade, em cada situação, nunca repetidas por outros, nunca iguais. Eis as experiências surdas no estar sendo surdos.

5.1- Estar sendo surdos

Uma das coisas que pretendo colocar aqui é a respeito do ser e do estar sendo surdo. Como funciona isto de ser e de estar sendo surdo? Que elementos entram na constituição? Um dos mais conhecidos líderes surdos internacionais⁶⁶ se expressou em certa ocasião da seguinte forma:

Estoy consciente de lo que es ser sordo y estamos orgullosos de nosotros mismos como personas sordas, orgullosas de nuestra lengua y de nuestra cultura. Nuestra función como sordos nos permite tomar conciencia de nosotros mismos y respaldar a nuestros iguales. (Juan Eugenio Ravelo-Mendoza, 2002).

Esta afirmação permite uma introdução a exploração do que entendo como ato narrativo do ser surdo⁶⁷. Neste ser e estar sendo entra a maioria dos surdos e envolve a temporalidade e a espacialidade como política. O estar sendo surdo entre nós é considerado um estar na experiência surda componente ativo que se agencia nas dinâmicas de poder constitutivas do povo surdo. É uma experiência na convivência do ser na diferença, no espaço de uma cultura, de um povo.

O sentido que Juan Eugenio dá ao ser surdo, estar sendo surdo tem o aspecto experiencial e cultural. Segue que isto surge como elemento das narrativas surdas quando elas afirmam aquilo que consideramos experiencial e necessário ao surdo. Esta afirmativa inclusive discute as articulações que constituem a alteridade, a diferença e a identidade surdas, tanto pode ser de um líder surdo como Juan Eugenio, como de todos

⁶⁶ Líderes internacionais, líderes surdos que se sobressaem nas lutas do povo surdo.

⁶⁷ Ser surdo se refere ao surdo na sua diferença sócio-política-cultural, longe das atribuições que nos inferem com muita literatura: com maior ou menor grau de perda auditiva, ou ainda se referindo a surdez, a minoria lingüística, deficiência. Esta linguagem clínica, os estereótipos, o ato de empequenecer não

os surdos que se encontram na instabilidade da alteridade específica do povo surdo. Este aspecto na diferença depende em boa parte das narrativas que se contam e são contadas a partir da experiência de ser. No entanto, não se constitui uma narrativa semelhante a todas as narrativas do estar sendo surdo, mas constitui parte integrante da maioria que vive no espaço do povo surdo.

Notadamente reflete bem a diferença de ser surdo, a diferença que vai desde o ser líder ativo nos movimentos e embates que envolvem uma determinada função ativa, até daqueles outros que iniciam contatos nos contornos de fronteiras⁶⁸. Este estar sendo surdo é um espaço que depende muito do jeito de ser surdo ou no centro do disco cultural em torno do qual giram. Bem como de resíduos que subsistem para a constituição de identidades essenciais constitutivas dos mais diversos grupos⁶⁹ ou povos que constituem a temporalidade significativa da modernidade tardia.

5.2 - A experiência do ser surdo

A colocação de Juan Eugenio é uma oportunidade para o contato referente ao objeto final de interesse: ser surdo⁷⁰.

As identidades essenciais, imanentes aos surdos mostram narrativas constantes e idênticas a de Juan Eugenio. Nas pesquisas tive ocasião de encontrar narrativas bastante enfatizantes da intenção de desvendar a experiência referente a estas identidades orientadas no sentido de ser surdo. Igualmente o produto nestas pesquisas que, em sua maioria deve se fazer presente identifica os aspectos da experiência. Inclusive exhibe o conceito surdos como um conceito fluído o qual a epistemologia esgota o conhecimento

interessam a minha tese, somente interessa enquanto questão filosofia pós-moderna, interessa no momento de ser questão crítica.

⁶⁸ Contornos de fronteiras. Entendo as identidades essenciais como constantes do centro de um disco elástico em torno do qual existem as fronteiras. Andar na fronteira equivale a o hibridismo.

⁶⁹ A babel de grupos hoje é saliente. Não existem mais maiorias e minorias, existem rupturas salientes em torno de um eu diferente, existem alteridades que não se descrevem, existem identidades múltiplas.

⁷⁰ Ser surdo na experiência implica em uma resposta aqueles que se refugiam comodamente sob a palavra deficiência e a nomeiam em sua epistemologia. Equivale a uma recusa a ser na diversidade, um assumir a diferença.

presente na experiência e no jeito de ser do povo surdo (sem deixar que hibridismos fiquem à margem) e não mais o conceito da cura, da incapacidade, da invalidez. Não mais o conceito de ser surdo falante ou não falante, mas exclusivamente com sua língua e linguagem próprias e que pode optar ou não por utilizar-se da fala ou da língua portuguesa para intermediar o intercâmbio cultural⁷¹ na fronteira.



Desenho 10: *Diga que queremos o direito de ser reconhecidos surdos como somos, com este jeito, com este idioma. E queremos ser atores da política surda também.*

O que propõe a experiência? Larrosa (2000) acentua a experiência do ser *como algo que nos passa, ou o que nos acontece ou o que nos toca*. Eu diria que no surdo, a experiência é algo que nos passa, nos fica e que passa a ser parte de nós depois de ter experienciado. A experiência nos fica, mas a informação que leva a experiência, se esvai como diz o mesmo autor: *a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiências*.

Minha incursão pela pesquisa enfatiza o momento em que sentimos a aproximar mais e mais os níveis de compreensão do ser e do estar sendo surdo ou o conceito de ser surdo e estar sendo surdos. Se perguntarmos aos surdos: o que é ser surdo? Entre as muitas narrativas temos resposta: *ser surdo é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, mas de uma experiência que nos toca* (MW). Um que-fazer político que

⁷¹ A identidade surda existe desde que a pessoa passa a se utilizar dos olhos para fazer interação com o semelhante, ela não se dilui nos meios sociais ouvintes. (Perlin, 1998, p. 54).

envolve a diferença. Experiência de ser surdo ou experiência visual significa mais que a utilização da visão, como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de ser povo surdo, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura⁷².

5.3 – Estar sendo surdo e o outro surdo

A preocupação de Juan Eugenio com o seu outro semelhante está transparecendo de forma a que ele se sente responsável pelo outro, pelo povo. E daí? O advento da nova linguagem, do memorável do outro, da surpreendente juventude⁷³ com que o surdo se ocupa com o outro surdo, toca de sobremaneira e não pode ser deixado ao acaso. Por estas idéias de individuação, Levinas chama atenção para as interativas com o processo:

Desde o momento que o outro me olha, eu sou responsável por ele, sem nem sequer ter que tomar responsabilidades em relação com ele; sua responsabilidade me incumbe para que eu vá mais além ... (Levinas 2000, p. 80)⁷⁴

Este ir mais além entre os surdos se apresenta permeado de significações. O que preocupa ao surdo com o outro surdo, o que o preocupa com esta responsabilidade? O que faz do surdo um agente responsável com o rosto do outro surdo? O que o coloca aí com tanto interesse pelo outro surdo? Voltar a pensar a questão de relação de alteridade

⁷² Como o computador, letreiros luminosos, TDD, Podemos citar também aqui a leitura labial um mecanismo que os surdos utilizam, visto ser de difícil compreensão e de difícil possibilidade de acertar na comunicação.

⁷³ Talvez eu pudesse citar outra forma de narrar, mas fiquei tão cativada quando uma pesquisadora narrou o seguinte: “a forma de tratar o surdo pelo professor surdo não tem a superioridade do professor ouvinte, tem aquela solidariedade de surdo para surdo”, sim tem aquela solidariedade que é mais que responsabilidade pelo outro.

⁷⁴ Tradução minha do original em espanhol. *Desde el momento que el otro me mira, yo soy responsable de él sin ni siquiera tener de tomar responsabilidades en relación con él: su responsabilidad me incumbe. Es una relación con él; su responsabilidad me incumbe. Es una responsabilidad que va mas allá...*

surda e a dependência ou responsabilidade pelo outro surdo para espelhar-se? Completamente está-se diante de uma responsabilidade com o outro, responsabilidade que não é baseada na vitimação e no sofrimento no voltar-se contra a opressão colonialista, na responsabilidade para que ele seja o outro surdo, uma força moral, uma resistência. Um firmar-se como surdo; uma agência rearticulando o ser surdo e repelindo o estereótipo. Vejamos a narrativa surda:

Eles (ouvintes) determinaram que um grupo das crianças surdas fossem enviadas para outra escola. Por que? Porque para eles ouvintes, estas crianças surdas são muito difíceis. Claro que elas são e serão difíceis elas estão iniciando a escola, começando a conhecer o mundo e a sua sagacidade na desbaravação é tão intensa que elas se tornam hiperativas. Com um pouco de paciência teríamos controlado a situação. O lugar daqueles surdos era naquela escola, eu sou professora lá e sei que eles precisam de tempo para se adaptar. Se eles são tão rebeldes, precisamos saber que eu também fui, mas que os tempos são outros. Importa saber dialogar com estas crianças, mesmo que seja caso muito difícil. (R.)

Onde está a linguagem do surdo que entende do diferente surdo está a responsabilidade pelo outro surdo. A linguagem que entende o outro surdo está com o surdo na sua experiência semelhante, na sua tensão de responsabilidade pelo outro. Uma responsabilidade que admite a diferença e a alteridade, inclusive admite epifania.

5.4 – Formas traduzíveis de narrar o ser surdo

A partir dessa narrativa da experiência e do jeito de ser surdo surgem as formas de citar a diferença de ser, olhar de dentro do ser surdo e desta forma, destacar aqui a diferença de ser surdo na temporalidade e na espacialidade em que experienciamos o ser surdo acolhendo a narrativa das identidades essenciais. A forma de narrar o ser que

Skliar (2003) em seu livro, no prelo, aborda numa forma dinâmica, está sendo traduzida aqui e pode ser também compreendida no olhar o ser surdo ou outro surdo. O experimentar o ser surdo nunca se apresenta igual. Cada surdo tem sua experiência, sua diferença.

Num primeiro ponto entra a bem conhecida representação daqueles surdos que se atribuem, ou que sendo surdos ou – mesmo os ouvintes dizem dos surdos - atribuem a si ou a outros surdos como anormalidade, como deficiência, como falta de algo, como seres incompletos cujos significados se perdem nos conceitos da palavra “surdez”.

Num segundo ponto a outra conhecida representação daqueles que vêem o surdo num aspecto de fronteira, de corpo amorfo e incontrolável, uma espécie de mente selvagem, a linguagem utilizada pelos surdos: ininteligível ou na ausência ou na não-capacitação para o abstrato. É o surdo que não está vivendo na experiência, no além, no ser surdo.

Num terceiro ponto está a representação do outro surdo como o desordenado, uma visão de ambivalência, imperfeição, porque ele simplesmente quer ser o outro, na sua alteridade infinita com sua linguagem diferente, com a língua de sinais, a cultura, o povo surdo. É um discurso que se admite, ser incoerente, inconsistente, mas que na realidade representa o surdo do ponto de vista ouvicêntrico.

O último ponto da representação é do surdo, do outro surdo aspecto que assume formas com uma contra-narrativa, como no caso de Juan Eugenio, na qual os significados amplos remetem com a diferença sócio-cultural e onde encontram os aspectos mais profundos e questões da diferença, do hibridismo que Bhabha e outros autores abordam.

Neste último ponto da representação, os surdos podemos rebater as críticas daqueles que impõem para nós a identidade ouvinte como se fosse hegemônica,

centrada, única⁷⁵. Ao mostrar a diferença de ser podemos mostrar a pedagogia da diferença contrapondo a política da inclusão e do bilingüismo⁷⁶ e mostrando os horrores que considerarem como normais ou como centro das decisões sobre os outros.

5.5 – O traduzível do ser surdo

A narrativa de Juan Eugenio é uma consequência do que Derrida (1997) chama de: *falar a pureza secreta de uma linguagem*. É uma narrativa de um dos sujeitos que pensa no novo jeito de ser surdo. Ele está entre aqueles no povo surdo que não vêm aspectos estereotipados: “surdez”, deficiência, menos-valia deficiência, um mal nocivo, vergonhoso, diabólico; ele está entre aqueles que experienciaram. Os temas do primeiro caso estão entre termos que se sobressaem nas narrativas de surdos de periferia ao referir-se a sua diferença. Mas estas narrativas não estão somente nos espaços surdos, os territórios ouvintes contêm esta narração de forma mais insofismável.

Há os que assumem posições estereotipadas em relação ao ser surdos. É normal numa situação em que se trata *de fabricar o outro* como diz Ramón García (1998, p.40): *Esculpmos o outro, traço por traço num processo social e cotidiano*. Então quando os surdos propõem mudanças de representação, reivindicam repetindo que isto de política surda é gueto⁷⁷, que é “surdismo”, ou que colocam conceitos estereotipados como fazem

⁷⁵ Said (1990) elaborou belas descrições das identidades eurocêntricas, centradas no homem oriental e europeu de onde inclusive estamos usando o termo ouvicentrismo.

⁷⁶ O bilingüism uma metodologia que usa a língua de sinais e os processos educativos ouvintes nas escolas de surdos é menos violento que o bilingüismo da inclusão onde as vezes há apenas um ou dois surdos entre ouvintes, mas seguindo o aspecto lingüístico e a pedagogia ouvinte. Ele é contestado no sentido da pedagogia ouvinte. O povo surdo quer muito mais que isto quer uma pedagogia do jeito de ser. Isto não é nenhum surdismo, nenhum gueto como nos acusam, é antes uma pedagogia por si rica de significados para a diferença, para o ser surdo. Ultimamente temos presenciado no bilingüismo tendências de ouvintização e de oralização marcantes, inclusive a visão do surdo como deficiente transparece camuflada ou como no exemplo: para que o surdo não seja visto como inferior, o intérprete deve fazer pelo surdo os trabalhos. Neste sentido questionamos a inferiorização do surdo e o assistencialismo.

⁷⁷ Segundo constatamos as posições ouvicêntricas nos apontam guetos, mas esta acusação começa a ter respostas pois os surdos atualmente estão colocando a impossibilidade de vivência nos meios “ouvintes” onde as exigências de convivência são inacessíveis aos surdos formando outros guetos, como o exemplo do oralismo que levou ao genocídio da língua de sinais, da arte surda, do povo surdo, ou a posterior inclusão entre os deficientes que gerou clínicas no lugar de escolas de surdos com pedagogia de surdos, fazendo de nós doentes, deficientes, inválidos.

a maioria. Parece-me que o ser surdo está obrigado a uma *produção disciplinada da vida* como cita Foucault (1978).

A oposição ao outro parece estar determinada por critérios de racionalidade. Neste ponto, é importante a pergunta: Que é ser surdo? Como represento os surdos? Perguntas, que esclareçam, que conheçam nossas diferenças, levem a entender a experiência e que conheçam as nossas diferenças e nos tratem como tal é a questão para que não se interponham anormalidades: *Aqueles que antes de aplicar a noção de normal ao diferente - doente, deficiente - se aplicam a si mesmos*. Foucault (1996). Num dos muitos contatos e debates sobre esta atitude, um dos surdos narrou o seguinte:

Não quero que façam como fez um professor que, após termos lhe falado de toda esta diferença por horas e horas, ele nos remete um trabalho onde repete tudo novamente: “surdez”, deficiência auditiva, decibéis, incapacidade, não-aprendizagem. Um olhar bem esta posição impede uma invenção pessoal do ser surdo como deficiência. Precisamos voltar a pensar bem no porquê enfatizamos uma representação do outro surdo como alteridade deficiente, como selvagem, ou como ser desordenado. (J.)

5.6- Passar pela experiência de ser surdo

A experiência de ser surdo designa um passar a ser o “outro”. Skliar (2002) em uma palestra⁷⁸ diz que a experiência como *uma questão muito banalizada, pouco sublinhada e apresentada como uma hipótese que já está quase pronta*. E a experiência surda é muito mais que algo pronto, se traduz como uma orientação, trabalho, ação para a liberação do jeito de ser surdo.

⁷⁸ *É o outro que retorna ou é um eu que hospeda? Notas sobre a pergunta obstinada pelas diferenças em educação*. Palestra na semana acadêmica da UFRGS (2002).

Nós surdos nascemos num povo de ouvintes e nos transformamos em surdos. A *experiência é este processo que nos passa* (Larrosa 2002) e leva a ser o outro surdo. Tudo parte de uma reflexão geral sobre o que o termo surdo dá a entender. Ser surdo numa palavra parece simplesmente se desenrolar. Então parece que o que define o processo de ser surdo não especifica por tempo de formação, de transformação, mas o ato de estar sendo surdo agora. Mas existe o ato de transformação que se desenrola continuamente numa temporalidade, a partir da experiencição do estar sendo surdo.

O surdo trabalha sua transformação em surdo, é a experiência que ele está vivenciando. Essa agência experiencial tem três aspectos como citados por Skliar (2002):

- ✓ A experiência que o surdo faz no contato com a essência que está no outro surdo. É um ato de ir construindo a identidade, ato que permite novamente colocar a questão não resolvida das identidades nunca prontas, fragmentadas, em contínua construção, em uma temporalidade do deslocamento cultural.
- ✓ A experiência no ato do surdo dar de sua experiência, do estar sendo surdo ao outro surdo novamente entra a pretensão das identidades em questão de dependência, que tem necessidade do outro semelhante.
- ✓ A experiência que simplesmente se transforma em resistência. Ela vai além da resistência e transforma em pretensão a sua pureza, de origem reposicionando as identidades transculturais. Uma experiência que evidencia que somos multiformes plurais visto que acontecem inclusive outras trocas como no caso de hibridismos.

Este aspecto permite entrever o conteúdo do nosso ser surdo, nossa própria experiência como surdos ou se quiseram do jeito de ser de Juan Eugenio. Tem a ver com o pessoal, com a individualidade ou experiência de quem vai assumir/assumiu o ser o outro surdo. Protagoniza sobre a experiência de quem é surdo e está sendo surdo nesse tempo de formação. Manifesta-se na passagem para o programa: vir a ser surdo. É a nossa experiência a que vai aí dentro do programa do vir a ser surdo proposto pela maioria do povo surdo. Mas digamos que o problema da experiência formatação do ser

surdo é essa experiência: é só a experiência vivida, quanto a experiência pensada do próprio surdo é maior, ela refere a respeito da experiência dos outros surdos que tem a ver com essa responsabilidade ética de um povo, com a política, com o intercâmbio com a outra cultura. Neste contexto de experiência de si, Larrosa diz mais:

(A) própria experiência de si não é senão o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade. É a própria experiência de si que se constitui historicamente como aquilo que pode e deve ser pensado. A experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo, etc. Larrosa (1994 p 43):

Skliar (2002), dá ênfase a essas duas experiências: a experiência vivida e a experiência pensada. Deduzindo de sua reflexão percebo que as formas de viver a experiência surgem de dentro-e-como a diferença entre ambas delinea os fatos. Assim temos que a experiência que é vivida o ser surdo que o inclui com sua diferença, seu dia-a-dia. A experiência que é pensada e que se refere aos líderes, ativistas, militantes surdos, os mais adentrados na cultura surda, que implicam com as experiências vividas.



Desenho 11: Aquilo que estava no outro surdo era o igual que eu queria, tinha a comunicação que eu queria o que era dele era meu também.

A experiência supõe uma transformação e não uma estatização em vista do ser. Ela concebe a produção do sujeito, as articulações da diferença, a constituição da alteridade e da identidade. Sendo experiência propõe o deslocamento contínuo do estar sendo surdo. Como movimento, hospeda as projeções do estar sendo e do devir. A experiência vivida aquela da maioria dos surdos, a experiência pensada se torna mais centrada nesta troca com o outro, neste ato de ser com a responsabilidade ético/cultural de um povo.

O ser e o estar sendo surdo se constituem como identidade como diferença, como alteridade no interior das representações surdas. A experiência de ser surdo nasce não entre ouvintes, mas entre surdos. A leitura que realizei desta afirmação de Woodward: *As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossa identidade* (W. 2000 p. 55) e foi no sentido da experiência de identificação, de ser. Eu sou o outro no sentido de que há outro semelhante, não um modelo no sentido único, mas na identificação com outros semelhantes, uma vez que estes outros também se identificam com outros semelhantes. Para Woodward são posições, para mim são múltiplas referências que constituem nosso ser surdo. Estas posições onde nasce a experiência do ser surdo podem ser os amigos surdos, o professor surdo, os colegas surdos. É como dizia aquele sujeito ativo na defesa de sua diferença surda: *“Devo a meu tio surdo minha percepção de ser diferente. Ele se escondia de mim porque a*

família não permitia, mas eu notava de longe que era surdo, ele sofria, se comunicava diferente. Mas minha vida com os surdos cresceu forte quando me encontrei entre eles, quando iniciamos fazer acontecer nossas posições políticas.”(CA). Esta narrativa não diz de um único foco de representação e no caso de única representação notei a tendência da cópia, uma certa carência de ser, de identificação, de .

5.7- Interferência da violência epistêmica: periodismo e acomodação

A vida privada e a vida política facilmente se entrecruzam sendo intensificados os meios de regulação e atos estes que alguns, como Hall (1997) chamam de “governo pela cultura”. Ou melhor, como Touraine exemplifica: *subordinação dos indivíduos à utilidade social* (Touraine, 1993). Ser surdo e viver em culturas diferentes sempre será uma existência em confronto. O confronto vem da crítica porque justamente porque faz parte do conteúdo desse programa (ser surdo) que a gente está vivendo e o ouvinte não admite. Eu sublinho o problema com o ouvintismo é a “experiência ouvinte ser mostrada como a única que vale”.

Os detalhes da violência constantemente neste confronto se referem sobretudo como os partidários do ouvicentrismo realmente fazem sua narrativa sobre o outro surdo. Seus detalhes se transformam em leis, em noção do necessário para identificação. Segundo estas representações, nas quais se tem um poço inesgotável de sentimentos benévolos e na posição de ajuda com posições que vão de A até Z por um homem ouvinte, todo poderoso, sentado como figura com a oralização e a fala , do qual não abre mão em todas as cadeiras sociais. E para o surdo uma alternativa seria encapsular-se nas regras da normalidade e do ouvinte. Pergunta-se se ele conseguirá? Ou se vai silenciar como forma de passividade? Conseqüentemente sempre há outros que silenciam como forma de resistência.

Viver entre culturas tão diferentes oportuniza um embate pessoal e conflituoso que se reflete, principalmente no que se refere à questão de ser. Mesmo que os surdos se recusem a aceitar ser encapsulados nesta sociedade de normais ouvintes alguns são facilmente convencidos, outros jamais se deixam convencer. A resposta positiva faz lembrar o que diz Derrida (1996): *O silêncio desse guia não pacífica nem apazigua nem nada, nenhum tormento, nenhuma tortura. Nunca fará calar sua memória. Inclusive poderia chegar a agravar o terror, as lesões e as feridas*⁷⁹. Realmente de nada ser vê insistir onde não há possibilidade.

Talvez para não dizer confusa, esta procedência que vai propor no domínio territorial, juízos sobre estas teorias que traduzem possibilidades onde não tem e atualmente o melhor seria dizer: já existem muitos trabalhos literários sobre esta forma de produzir o outro.

A saída para a proposta ouvinte se afigura bastante diversificada. Fazermos experiência naquela cultura pode nos remeter ao periodismo ou a acomodação. O periodismo como acentua Larrosa (2002) *destrói a experiência* porque ela não se realiza e *porque não há outra coisa que a aliança perversa entre informação e opinião*. E daí deste impulso, desta violência perversa de obrigar o surdo a copiar do ouvinte o que sobra? Sobra uma espécie de não se conseguir ter uma vida pessoal própria. Daí temos a maioria surda imersa na pobreza de suas formas de vida, da experiência de ser.

A proposta da inclusão escolar para os surdos, por exemplo, é uma das ocasiões que os “ouvintes” propõem para os surdos experienciar e aí podemos citar a palavra de Gergen: *Paga-se o preço da colonização já que o eu a cada novo fragmento pode gerar toda uma série de ajuizamentos* (G. 1992). A inclusão escolar tem muito deste periodismo de que Walter Benjamin⁸⁰ tem problematizado em várias de suas obras.

⁷⁹ Tradução minha do original em espanhol

⁸⁰ Citado por Larrosa 2000

Isto de inclusão pode levar o surdo ao que o filósofo Wittgenstein⁸¹ escreveu em uma oportunidade: *Os limites da linguagem (...) significam os limites de meu mundo.* Esta concepção tem uma particular representação sobre a experiência do eu, o necessário encontro com o grupo e pode aludir inclusive ao lugar de referência do sujeito surdo e sua compreensão do mundo.

5.8- Resistências: embates e territórios conquistados

O surdo na experiência do ser surdo se sente o outro e as resistências, devido a imposição da experiência ouvinte quando não são acompanhadas de silêncio, são resistências povoadas de significados. Mesmo que com sinais de silêncios ele resiste. Vejamos o que diz um dos surdos quando perguntado do “porquê faz política”:

Chamaram-me de rebelde e sinto isto de ser rebelde por dois lados. Por um lado a suspeita de que não sou suficientemente surdo, por outro é que não sou suficientemente ouvinte. Não me sinto em meu povo a maneira de um surdo que deixa o tempo correr e aguarda passivamente os resultados dos embates ou que entrega aos ouvintes as rédeas. Estou com os surdos na ponta da agência que movimenta o povo surdo na busca de sua identidade como povo. Estes espaços conquistados são os territórios de nosso povo, mesmo que não haja demarcação de terras como alguns povos, temos uma demarcação política, um compromisso político, ou se quiserem social e ético. (Mo.)

Vemos neste ponto o fechamento em torno de uma luta pelo local dos surdos. Mais adiante este mesmo líder surdo repete sobre as resistências difíceis:

⁸¹ Citado por Gergen

Estar entre ouvintes não se consegue nada. De repente com sua força eles querem o lugar para eles. Aqui entre eles não podemos ter nosso espaço, tudo volta a ser espaço do ouvinte. Precisa ter uma coisa dos surdos, só dos surdos para que nos sintamos à vontade, para que nos sintamos em nosso território.(Mo.)

Se existe um fechamento territorial em torno do caso da luta por um espaço próprio, existe igualmente um espaço onde os surdos buscam estar na possibilidade de gerar este espaço cultural onde se desenvolvem condições vitais.

[O] fechamento arbitrário é também o espaço cultural para a abertura de novas formas de identificação que podem confundir a continuidade das temporalidades históricas, perturbar a ordem dos símbolos culturais, traumatizar a tradição (Bhabha, 1998)

É esta a posição de muitos surdos que hoje ocupam espaços ouvicêntricos. Espaços em que estão obrigados a resistir, pois que sofrem violência ou que como dizia Derrida: *pode chegar a agravar o terror, as lesões e as feridas*. E o surdo nestes espaços continua insistindo pelo seu espaço, espaço que é antes uma diferença, pois que quer seu lugar seu direito a ser diferente e que não será igual aos ouvintes nunca.

Mas haveria alguma coisa que os surdos encontram nos ouvintes? Os espaços ouvintes permanecem? Sim, nada há que vá contra esta posição como acontece na declaração da mulher surda de 27 anos.

A busca de nossa diferença é uma busca de diferença, nunca será um separatismo, nunca cairemos num gueto, nunca estaremos separados. Apenas temos de ser diferentes. Nós buscamos ser surdos apenas. Buscamos nossa diferença. Jamais quisemos nos separar dos ouvintes mas viver como somos. Trabalhamos com ouvintes, atuamos com ouvintes e nosso desejo é solidarizar com ouvintes na nossa diferença não na deficiência. Os ouvintes

temem ser passados para trás, temem que lhes tomamos o lugar. Não é nossa intenção tomar-lhes o lugar, mas dizer que somos diferentes e como tal queremos ser tratados. (M).

Não obstante este aspecto de requerer da diferença, surge aquele outro surdo afirmando:

Eu quero aprender português, eu sei o quanto é importante, mas isto não vai quebrar minha diferença, vai me projetar como surdo, vai me possibilitar afirmar a mim mesmo. Pode me aproximar da perfeição do ouvinte, mas continuarei sendo eu mesmo, surdo.(R).

Esta é a narrativa surda que está em nos espaços da política surda. Esta ação suplanta a ação profética da simultaneidade. A resistência dos surdos não é um aparteid aos ouvintes é uma caminhada para a diferença.

5.9 - Os dias da diminuição

Estas diferenças que o surdo prova não são bem aceitas. O exercício da autoridade ouvicentrica continua produzindo efeitos de sujeição ao olhar imediato, coletivo da cultura ouvinte. Esta autoridade cultural requer modos de discriminação cultural. Algumas de suas práticas reconhecem a diferença mesmo elaborada por saberes estereotipados, outras não como esta do médico clínico que escreveu o seguinte:

O deficiente auditivo perdeu o sentido mais importante para a integração do Eu no mundo, sofre mais que o cego. É geralmente tristonho, solitário, sensível, tímido e frustrado porque a natureza, súbita ou progressivamente, roubou-lhe o sentido da audição. Desconfiado e sensível, é este o personagem com o qual o médico se defronta tentando restituir-lhe o que a natureza retirou - o sentido da audição, sem o qual é impossível qualquer contato verdadeiramente humano. Simpático ou antipático, é uma

pessoa que sofre, profundamente, por tão humilhante patologia
(Carvalho 2003).

A saga deste médico se resume a atividades nos meios do Oriente, onde a maioria continua com este discurso colonialista da deficiência e que se tem a uma evidência de que os surdos são vistos como dependência e como não conseguem impor a visão de uma postura independente. Os surdos do Oriente vivem nesta dura máscara do iluminismo, vivem-na de forma que são impedidos de falar sua realidade?

Continuo me interrogando: Como é tida esta sensação de diminuição experienciada no Oriente? Como ela se firma no sul onde estamos e onde se processa nossa saga de surdos? Há significação do outro, significação do surdo não na mesma intensidade. Uma diferenciação de região para região. No caso que impera o modo de representação que marginaliza e arremeda seu poder de ser modelo como se sente o surdo? Que experiência vive ele?



Desenho 12: Acusas-me!!!??? (Resistências à diminuição na inclusão).

5.10 - A experiência da diminuição

A presente idéia do sujeito surdo numa perspectiva redutora faz ocorrer mais que uma experiência, algo que se passa imanente ao sujeito. Como seria esta sensação de adentramento do efeito da diminuição colocado pela arremedação do ser ouvinte. Seria

inevitável perceber que o sujeito surdo está vivendo seus dias da diminuição? Estaria ele vivendo uma sensação de adentramento a uma pequenez, na sua inabilidade, na sua incapacidade, na sua insuficiência? Ela se processa no momento do encontro com o outro, no momento em que este outro lhe impõe esta condição de humilhação, de miserabilização, no jogo da luta pela vida?

Estes que impõem a humilhação realmente o fazem, pois acreditam na sua superioridade, sua razão, sua capacidade, sua superioridade em razão de algo. Comportam-se de modo a disfarçar em razão desta experiência de superioridade, ao desprezo das massas, dos sujeitos, particularmente. Eles retêm o dom de empequenecer o outro, torná-lo mínimo, infantilizá-lo, esvaziá-lo, torná-lo deficiente como focalizou Larossa (2003 p. 295).

As situações de vivência da diminuição entre os surdos são sucessivas e gritantes. Vamos a um fato de minha vida de pesquisadora. Eu estava fazendo pesquisa sobre as identidades surdas e, durante esta pesquisa, tive a feliz visita de uma jovem de 19 anos. Ela sentou aí à minha frente, premida pela imposição da mãe e pela fonoaudióloga, que se tornara cúmplice da mãe. E tentava colocar para mim esta angústia, esta fuga, esta insatisfação que lhe causavam as aulas de oralização que vinha fazendo. Embora gostasse de aprender oralizar, ela sentia-se incapaz. *Eu não sei o que significa a palavra santa e perguntei para minha mãe, ela não me entendeu, não compreendeu a minha pergunta, me mandou repeti: santa, santa, santa. Porque sou assim, porque não consigo entender?* Este sentimento de frustração a sujeitava a sentir-se diminuída. Mas este sentimento envolve não somente a língua, inclusive o conhecimento. Até onde chega o repulsar do ouvinte através do arremedar sua própria superioridade?

Como professora surda tenho notado que as crianças surdas dão mais valor ao professor ouvinte devido ao que ele se impõe como autoridade. Isto me faz sofrer, me faz sentir que não sou o que poderia ser para eles. Continuam a me considerar inferior, enfraquecida. Onde eles pegam esta imagem de eu ser menos?

Onde eles pegam este princípio? Sou eu que transmito ou é o ouvinte que me transmite? E nisto não sou apenas eu, igualmente os outros professores surdos sentem. Vivo uma experiência que me diz que não sou acionável, que o ouvinte tem mais. Mas o que é este mais se minha vida é idêntica a estas crianças surdas.

Inevitavelmente a auto-estima do professor ouvinte passa na escola para a criança surda. É um círculo no qual o processo de diminuição que a criança surda presencia, repete e passa adiante. E nesta perspectiva redutora emerge a visão deslocada da imagem estereotipada do ser surdo.

Os dias da diminuição são contínuos e marcados por ameaças do comando colonialista. No momento, por exemplo, que um surdo participa de um concurso ele que tem língua oficial⁸² terá de utilizar a língua oposta em prejuízo da sua. O que isto lhe impõe? A sensação de continuar sendo enfaticamente numa representação parcial, a idéia de que ele não pode ser, a imagem coercitiva do homem colonizado continua em aspectos insignificantes quando nos mais variados espaços da decisão discursiva da compulsão colonial.

Meu interesse pelo outro diminuído esteve em busca das suas raras narrativas. Difícil achar, difícil abranger suas narrativas, mas elas estão aí pululantes, mesmo que escondidas.

Entre estas vítimas da diminuição estão os que escondem; escondem como se fosse crime narrar as deformações da diminuição; como se fossem acoçados pelo medo; como se fosse crime narrar os crimes dos que se tornaram “donos do outro”. Mas talvez isto seja apenas suposições minhas. Contudo nas minhas tentativas de fazer narrar não foram tão frutíferas. Por um lado percebe-se que à medida que um silêncio afeta o reprimido no momento que ele demonstra que calou a marca dos dias cruciais da diminuição, por outro, aprende-se a respeitar o que é lentamente desfeito, aqueles

rebites que dão lugar a procura compulsiva de palavras e sinais semi-esquecidos, recobertos pelo indizível. O jogo narrativo dos pesadelos emerge de um turbilhão. A conspiração do silêncio em torno do silêncio colonial, o silêncio que deve ser observado diante do que é politicamente correto.

As sagas de diminuição são tantas quantas são os surdos A minha intenção era narrar aqui as muitas narrativas. Entre elas quero citar a mais significativa.

A cena se passou num momento de debate sobre questões ensaiadas na Tese. Debates com o povo surdo num daqueles recantos mais obscuros da inclusão⁸³. Um surdo agente ativista narrando sobre a situação de falta de escolaridade entre os surdos do município onde vive, chegou a conclusão de que todos os surdos estão repetindo: *porque me acusas?* Isto deve-se ao fato que as fábricas onde trabalham estão obrigando a que eles tenham instrução de ensino médio. O ativista surdo disse a um surdo: você deve ir a escola, pois senão não terá salário e a fábrica não quer surdos sem escolarização. O surdo respondeu o com o seguinte sinal, cuja tradução é difícil: *você me acusa*⁸⁴. Daí muitos dos surdos da região passaram a repetir o mesmo sinal como resposta a seu não-interesse pela escola. Perguntado pela posição da escola, respondeu com toda a evidência: ouvicêntrica.

O que é, o que vem a ser uma escola ouvicêntrica? As escolas da inclusão, todas elas trazem as marcas do homem ouvinte falante...

⁸² A Língua de Sinais Brasileira – LIBRAS possui status de língua oficial no Brasil a partir de abril de 2002.

⁸³ O Estado de S. Catarina, onde o presente ensaio se desenrola, não tem escolas de surdos e é denunciado pelos surdos como o Estado mais inclusivo do Brasil.

⁸⁴ O sinal utilizado, na tradução para o português pode ser da palavra aproximada: “acusar”, mas também pode significar uma repulsa única a toda colonização que devem enfrentar na escola, ou uma repulsão para que não sejam excluídos do grupo.

EPIFANIA: O SER E O ESTAR SENDO SURDO

Todavia, os textos dos banquetes (de Paris) revelam não somente um alto nível de discurso surdo, mas o fato de que esses discursos contemplavam também certos princípios com os quais surdos menos literatos e oradores se identificavam. (Ladd, 2003)

É difícil encontrar algum surdo, conhecedor de sua cultura e viverdor nestes ambientes de cultura surda, que se sinta bem afirmando ser do povo ouvinte. As diferenças acontecem de forma crítica. As narrativas colhidas para as malhas deste ensaio primam pelo interior desta diferença de ser. Parecem significar uma nostalgia, um desejo constante de vir a ser povo não uma diversidade, pois diversidade leva a encarar a inexistência como uma questão que implica com a identidade como fazem aqueles da periferia que negam, não conseguem captar, ou ainda não têm consciência das questões que propõem um cerne. *A nostalgia não é no sentido de uma saudade do passado, mas de certas coisas que gostaríamos de ter e fazer, um clima envolvente, uma atmosfera deliciosa* na expressão de Madan Sarup (1995).

Estar no além da colonização, estar no povo surdo que não é nenhum novo horizonte nem abandono do passado é o presente vigorando, é o presente do povo surdo que propõe sentido a esta experiência, a esta diferença social. Estar no povo surdo não é no sentido estar somente num centro. É está presente como referencial, mas não é aí um enredo único, pois permite as múltiplas formas de ser.

6.1 – Ser surdos, povo surdo, nação surda

Tentei procurar um presente enunciativo pós-colonial provável que desse consistência a este ensaio. Nas narrativas surdas enfatizamos constantemente a questão das identidades essenciais que mais se sobressaem nos momentos da agência política. Aquelas identidades que estão mais orientadas no sentido de ser surdo. A diferença surda está sendo significada no seu referencial naquilo que os surdos em Paris, durante os banquetes,⁸⁵ produziram. A referência como povo surdo vem desde estes inícios. A cultura surda naqueles anos de Paris não se constitui uma agência de menos-valia a parte, ela é um elemento chave e existia em toda sua capacidade virtual. O que mais se evidencia a herança cultural do povo surdo, a língua de sinais, já estava provada pela carga de significados. Realmente não provinha daí, quem sabe o que fora feito antes com a língua de sinais? E realmente ela estava aprimorada e capaz de carregar com desenvoltura aspectos de profundidade como qualquer outra língua mesmo na sua curta originalidade? Segue a isto como parte da cultura do povo a presença de outros significados que faziam mediação com respeito a outras posições.

O povo surdo entrou na história com os mesmos “signos” que construíam essas histórias e identidades mencionadas em Paris, inclusive já na diferença do ser surdo. É o caso onde entra a significação ou a essência para dar referência e significados aquilo que constitui sua cultura, sua naturalidade como um povo e os aspectos que tornam este povo diferente de outro povo.

E hoje esta tradição é trazida para dentro de nossas vidas. Ela aflora nos momentos como surdos, nossas tardes de chá, nossos espaços conquistados com aquela indiscreta nostalgia em relação a uma “nação imaginada”, na verdade uma nostalgia das culturas vividas de importantes “locais” que foram profundamente transformados.

⁸⁵ Aludimos aos banquetes de Paris, sendo que o primeiro deles em 1834 organizado por Ferdinand Berthier e seus colegas visava celebrar os 100 anos do nascimento de L Epée, o professor ouvinte que

O movimento do significado de diferença do povo surdo está na imagem no movimento de seu signo. Esse espaço dá a vantagem de introduzir o significado povo, uma constante da formação simbólica da autoridade enquanto povo de que ele se serve para as narrativas de sua identidade, ou de onde estas narrativas devem começar.

6.2 – Celebrar a surpreendente disseminação

O nosso afastamento como povo nos remete a tensão interna. O povo surdo não é em si um fim acabado, pronto. Ele representa de leve os limites de uma “comunidade homogênea” na concordância como as forças que significam os interesses das identidades.

Não há entre os surdos um consenso comum quanto a povo. Uns enfatizam o aspecto de comunidade, outros de associação, outros ainda de grupo, ou de luta. Alguns se referem a esta diferença pela língua de sinais, outros como minoria, como grupo subalterno.

Podemos dizer que o nosso espaço está na população mundial de surdos que segundo a FMS⁸⁶ é uma população de 70 milhões de surdos no mundo⁸⁷ e nos movemos na multiplicidade de povos como a FMS enfatiza.

O que Anderson evoca como comunidade imaginada quando pergunta: *Qual figura mais significativa poderia significar a comunidade imaginada do presente tempo histórico?* (1993, p. 61) Na verdade Anderson remete aos significados simbólicos específicos da vida do povo nos quais a essência se dilui enraizada na vivência diária. Entendo que quando se fala de povo surdo, dilui-se o elemento entre os presentes. Assim a questão das identidades fica representada na enérgica capacidade que o povo

introduziu a língua de sinais na educação dos surdos em Paris. Posteriormente estes banquetes se converteram em espaços de defesas contra o oralismo, de conquistas e de sobrevivência para o povo surdo

⁸⁶ Federação Mundial de Surdos, atualmente com sede na Finlândia

tem como ponto enunciativo, como lugar performativo, como espaço de individualidade.

A denominação “comunidade surda” na temporalidade presente envolve os mais diferentes elementos, uma vez que quando entra no tema epistemológico perfaz a presença de surdos e ouvintes, ouvintes que Miranda (2001) houve por bem diferenciar entre elementos simpatizantes e surdos. Notadamente na “comunidade surda” as relações são comuns, as leis vigentes imperam entre surdos e ouvintes, o respaldo da representação das diferentes identidades rearticula sempre de novo em torno a uma luta contra a repressão desta diferença de uma forma semelhante que difere da diferença e a defende expondo-a para a produção de efeitos de identidade.



Desenho 13: Deafhood – ser surdo – quero que você me toque do meu lado de dentro, me chame pelo meu nome: “surdo”.

Nossa existência como surdos, hoje tem a sensação de viver nas fronteiras do deslizamento, do trânsito em espaço e tempo que se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e de identidade, uma sensação de falta de orientação, de

⁸⁷ Os dados são da FMS: www.wfdnews.org

direção. O espaço do povo surdo é esta sensação de segurança para onde sempre de novo voltam os surdos.\

Sem dúvidas o espaço do povo surdo propõe uma autogeração constante e acontecem articulações com um ganho de significações, pois a cultura, por si estrutura as posições numa noção coletivista, estabelece linguagens e direções. Esta posição de representação surda é mais evidente nos meios culturais quando adentra os espaços de outros povos.

6.3 - O espaço já constituído do povo surdo

A denominação de povo surdo existe mais o aspecto de determinar sua pureza como diferença específica. Constantemente temos algumas colocações que prevalecem dando significações à denominação das agremiações de surdos como esta frase que foi citada por uma ativista intérprete sobre um dos tantos embates para fazer prevalecer nas regiões nordestinas do Brasil a presença de língua de sinais nas repartições públicas: *Difícil ... quero pedir paciência a vocês. A um povo (o povo surdo) que foi por tanto tempo sacrificado, espezinhado...* é notável que nesta citação o peneiramento vai colocar como presente o povo surdo e não denominação de comunidade surda⁸⁸ como costumeiramente é feito.

Como se desenvolve esta significação de surdo, o resumo de nossas identidades sociais? Temos claro que através da cultura, através destes significados para nos identificarmos e que fazem parte de uma cultura nacional.

O constitutivo do povo surdo:

- ✓ Cisão do sujeito no povo: a função de ser povo surdo articula as diferenças surdas nos aspectos que as significam e liga as significâncias culturais com sua variação.

⁸⁸ O termo comunidade surda já é comum quando determina este contingente de pessoas surdas e ouvintes na agência pela mudança, pelos parâmetros de uma nova civilização ao povo surdo.

- ✓ Memória histórica: na memória histórica existe uma energia contínua da que constitui permanentemente a imagem da tradição do povo.
- ✓ Enigma da linguagem: enquanto estabelece diferenciação das posições enunciativas e é também ponto de gestação destas posições enunciativas e suas linguagens.
- ✓ Capacidade representativa: atua como signo diferenciador do eu.
- ✓ Movimento de significação. Nos espaços de controle há um espaço de significação para sua população. O espaço oferece significâncias identitárias para seus indivíduos.

6.4 – O outro surdo – questões de alteridade, diferença e identidade

A individuação do surdo se socorre em um momento de deslocamento. É um incidente instantâneo, um movimento pulsional. Em nosso tempo, o processo de fixação do sujeito como surdo se abre lateralmente. Ele se joga de volta sobre a significância de sua diferença. Ele retorna como outro, o diferente, a alteridade. Diz-se que não é o conceito que dele fizeram, mas o conceito que ele faz de si mesmo. O retorno do surdo acontece quando ele liberta-se das amarras do colonialismo, das proposições de narrar-se como ouvinte, das propostas intersubjetivas de ambos. É então o afastamento, um colocar-se no além, no horizonte.

Este devir, esta epifania do surdo surge como Gabilondo, (2001, p. 141) exemplifica:

A tarefa resulta, pois, clara. Trata-se de liberar a diferença. Liberar, para inaugurar, da sujeição, cuja primeira figura é a sujeição ao sentido comum, um experts em reconhecer o que é idêntico e em estabelecer a universalidade do sujeito que

*conhece. Porém a questão não é buscar o que é comum sob a diferença, senão pensar diferencialmente a diferença.*⁸⁹

Nós como povo surdo temos necessidade desta diferença, que insere numa profundidade cultural e que identifica na nossa diferença. Esta diferença também se distingue quando falamos de identidade surda, do jeito de ser surdo.

Para os surdos uma questão de relações entre os surdos e de relações com outros grupos humanos, está em ser surdo. É na pertença ao povo surdo que acontece um processo para a constituição de dinâmicas de poder: identidade, língua de sinais, políticas surdas, cultura surda, artes surdas. Para esta afirmativa valem os avanços presenciados no ambiente dos surdos, ou seja, os avanços nos campos da educação bem como o avanço sócio-cultural-lingüístico que temos alcançado, os novos rumos, graças às pesquisas iniciadas e inclusive as com presença de pesquisadores surdos.

Nas buscas da trama do ensaio, de repente vejo à minha frente alguns surdos me dizendo: *como ser surdos?* Ou correndo atrás de informações sobre o ser surdo, a história, pesquisando, resgatando. Isso, se por um lado é promissor, por outro é muito triste porque é o sinal que muitos não tem contato com a história do povo surdo, com as tradições, com seus conhecimentos, com sua identidade. Ao mesmo tempo não se sentem muitos bem nem à vontade entre os ouvintes. Talvez aqui devesse citar: o *conceito de diáspora que Paul Gilroy (1997)*⁹⁰ *cita como um dos conceitos que nos permitem compreender algumas das identidades que não tem “pátria” e que não podem simplesmente ser atribuídas a uma única fonte. São identidades sensíveis e também que provocam outras identidades sensíveis.*

6.5 - A conspiração de ser surdo

⁸⁹ Tradução minha do original espanhol

⁹⁰ Citado por Woodward 2000.

O que ainda amplia esta possibilidade de epifania? O ser e o estar sendo surdos dependem destes significados conectados a sua realidade incomensurável contida na dinâmica do ser. O que levou Ladd, (2003), pesquisador surdo, a buscar outra expressão, o *deafhood* para a língua inglesa para deixar claro este irrepresentável da diferença do ser surdo? Quem somos os sujeitos históricos que somos irrepresentados na totalidade do ouvicentrismo? Quebrado o espelho do ouvinte nós surgimos com nossa força. Nós surdos buscamos ser o outro, ser em nossa alteridade. Claro está que buscamos o deslocamento de nosso ser. Nos transformamos no sujeito surdo dos territórios pós-modernos, das narrativas pós-coloniais. Vamos ao que escreve Ladd:

“...O que uma pessoa surda pode tornar-se?”. Em que nos poderíamos ter nos transformado, não tivéssemos nossa língua de sinais e professores surdos sido removidos da nossa educação após o Congresso de Milão de 1880, uma data tão cheia de significado para nós quanto é 1492 é para os nativos das Américas...Quem é o que éramos nos séculos anteriores antes dessas proibições existirem, quando profissionais Surdos e orgulho Surdo era notoriamente mais fortes? E o que se pode trazer para o presente desses tempos que pode nos informar os passos...que devemos tomar no século 21?

O ímpeto de responder essas perguntas, o processo de tornar-se – estes eu chamei de Deafhood. Deafhood declara que o como nós temos sido nesses últimos 120 anos não é tudo o que somos de verdade. [O conceito Deafhood] afirma que existe um senso Surdo de ser, tanto dentro do indivíduo quanto no coletivo, tal qual um rio, que se propulsiona contra a barragem e não pode descansar enquanto não encontra uma forma que o conduza ao mar da vida, onde todas as almas são capazes tanto de encontrar sua auto-expressão integral quanto se interpenetrarem. ” (L., 2003, p. 3-4)⁹¹

⁹¹ Tradução do original inglês por Janie Gonçalves.

Este ser, estar sendo e vir a ser seria fantasioso da minha parte se não desse a entender a visão clara do leito do rio. Pressupõe o interpelativo efetivo, as agências capazes de interpelar, e ditar os termos de imagens epifânicas próprias. A especularidade da consciência surda oferece uma estrutura interpelativa ao ser alteridade surda. E esta estrutura interpelativa está designando o devir ao surdo. A alteridade surda é o referencial que aconchega e interpela ao vir a ser. Ladd, neste ponto capta os limites discursivos e epistêmicos desta alteridade surda e de sua agência chamativa e articuladora na perspectiva pós-colonial, removendo do espaço colonial para as negociações fronteiriças da tradução cultural.

6.6 – Ser surdo: a demanda simbólica da diferença dos povos surdos

O enigma de escrever a história de ser o outro na sua alteridade, diferença e identidade, bem como a experiência desmedida de luta e sobrevivência na construção de uma cultura, no seio de um povo é um outro lugar onde se problematiza uma questão que sobrepõe a problemática do ser surdo. A questão de ser diferente, ou melhor, denominada por Fanon⁹²: o *“movimento flutuante que o povo está moldando”*, acirra este ensaio e propõe a agência nesta perspectiva. A diferença insiste na existência de um processo de alteridade, de matéria, de origem. A não se pode reter a idéia de que a substância fundamental não se renova, faz entrever outros conceitos de entender esta posição como a da essência não mutante, possivelmente como algo móvel.

A narrativa da essência como estável faz lembrar, no modernismo, as formas fixas e estáveis que torna impossível de articular as diferenças culturais. A existência do conceito único de cultura atrapalha igualmente a diferença surda. A essência no conceito colonial já nomeia esta performatividade como ato de recitação. A nós surdos não interessa tanto uma substância fundamental, interessa mais a conhecida expressão

⁹² Bhabha (1998, p 215) faz uma citação bastante de acordo ao pensamento de Fanon.

de Fanon⁹³: *zona de instabilidade oculta, identificação cultural, lugar de enunciação*. Neste ponto dá uma rica referência para a instantaneidade do movimento do ser surdo, calculando o centro e as fronteiras abertas.

Segundo o Prof. Tomaz Tadeu da Silva (2000), *o essencialismo é a tendência a caracterizar certos aspectos da vida social de um povo como tendo uma essência ou núcleo natural ou cultural fixo ou imutável*. A necessidade de usar essência e essencialismo sempre pode voltar quando referir a identidade à cultura seja do indivíduo ou do povo surdo e remete a que é possível agrupar as posições fixas, modelos fixos o núcleo “essência” supositivo. No entanto no povo surdo não acontece o repetir apartir de uma essência, acontecem identificações a partir de múltiplos pontos culturais, de produções próprias dos sujeitos.

Nem todos os povos surdos são idênticos. Nem todas as experiências surdas se parecem e a sua demanda simbólica mesmo entre tumultos, não emerge no registro da repetição de um no outro. A diferença é movimento presente e repetitivo na oscilação da autoridade cultural surda.

Hoje não se descarta o hibridismo cultural devido à presença da globalização e a idéia de um *essencialismo estratégico* (Bhabha 1998), surge quando se trata de elucidar nossa identidade de povo. Por isto nada pode nos mover a teorizar como povo fixo, puro, pronto, antes ter como povo na desordem, no conflito, na variação, na epifania, no constante vir a ser..

⁹³ Idem.

PARTE VII

AS PRODUÇÕES DO ESTAR SENDO

O estar sendo surdo não somente gira em torno de um centro cultural, como em torno do povo surdo, do ser o outro, do estereótipo surgido nas proposições do colonialismo, mas produz significações culturais. As significações tanto podem ser reproduzidas do ponto de vista colonial como pós-colonial.

Muito precisa ser feito, porque nossa cultura não é multicultural. A cultura ouvinte sempre teve dificuldade em considerar a diferença como aspecto cultural.

As produções coloniais são visíveis. O drama que se desenrola a estas dramáticas cenas coloniais cotidianas não é difícil de detectar. O sujeito gira em torno do estereótipo para retomar a um ponto aonde vai se identificar com o colonizador. O estereótipo vigora como uma agência repressiva, controladora. O exemplo disso é aquela cena, cujo olhar do sujeito surdo captei com minha câmera num de nossos muitos colóquios. O surdo rejeitava a outro surdo visto que ele julgava que este surdo era inferior, pois anteriormente já divisara esta posição no olhar do professor ouvinte. Ele se afastara de si próprio, rejeitara sentir-se surdo como o surdo fora rebaixado por aquele olhar colonizador. A sua identificação remetera para uma identificação com o ouvinte. Este surdo processava um olhar de subjetivação. O efeito do poder colonial é produtivo, também é disciplinador.

O meu espaço de ensaio não requer um adentramento nas questões de produção colonial. A minha pretensão para entrar em produções que vigoram no artefato do ouvinte, é minada. Esta posição exhibe uma posição de delírio que medeia as relações

normais; o surdo escravizado por sua inferioridade e o ouvinte escravizado por sua superioridade, uma neurose.

As produções pós-coloniais aparentes são produções culturais. A diferença cultural introduz repentinamente aquele choque da significação ou interrupção da questão suplementar. Há a base de conhecimentos, de engajar-se na guerra de contestação, o estabelecimento de novas formas de sentido e estratégias de identificação.

O reconhecimento do signo emergente da diferença cultural produzida no movimento entre a interpelação pedagógica e a performativa nunca é harmoniosa nem pré-estabelecida. Ela tende a posições na qual a pulsão cultural é presente, isto é semelhança de símbolo ao mesmo tempo diferente e diferencial.

7.1 - A construção da identidade dos povos surdos

Existe presença de preconceito marcando a visão do surdo como povo na sociedade brasileira. Para muitos os surdos não são “civilizados”, são selvagens, violentos, preguiçosos, deficientes ou, em outros casos, são objeto de caridade como parte montante dos deficientes do País. Repito que esta posição, como diz Bhabha (1998, p. 105) o estereótipo é a principal estética do discurso do colonialismo. É evidente que precisamos contornar esta linguagem e o jeito colonial de narrar e visualizar, para iniciar o contato com identificações ou representações sociais e políticas do povo surdo. Trocar estas situações de preconceito, do estereótipo pela diferença e suas modalidades enunciativas. O povo surdo deve sobressair-se pelo seu modo de viver, seus costumes, sua diferença, seus elementos simbólicos, seus ritos.

A história das relações entre os surdos e ouvintes é uma longa história na qual decorre repressão. Grande parte dos 700 milhões de surdos do mundo todo foram e são

vítimas de desintegração⁹⁴ a grande maioria destes se encontram expatriados em grupos que não lhes dá possibilidade de surgir como nação e como povo. Sobreviventes a um genocídio praticado através escola, da família, da sociedade, das várias políticas educacionais, sociais e lingüísticas. Tudo isso era e, em muitos casos, continua sendo, acompanhado por uma representação do sujeito colonial que mina os próprios surdos, a voltar-se contra si próprios, tornar-se um oposto, para justificar as violências e discriminações exercidas contra eles. Muitas gerações de estudantes surdos foram (de)formadas por visões desse tipo inclusive em livros didáticos. Procedimentos idênticos ocorreram fora da sala de aula pelas modalidades enunciativas da linguagem colonial.

As raízes culturais que contribuíram para a afirmação dos valores inerentes à identidade e alteridade dos povos surdos, até aqui rememorados, são múltiplas: do espírito dos surdos que sobreviveram a Paris ao espírito dos surdos que hoje continuam a luta pelo ser surdos as contribuições dos povos surdos latino-americanos. Estes diferentes fatores encerraram na memória dos povos surdos uma seiva capaz de os acordar, estabilizar e promover. Reconhecendo este dado histórico, no processo em curso, rumo a uma nova ordem para o povo surdo, não se poderá ignorar a sua herança adquirida, dado que uma boa parte daquilo que ela produziu nos campos educacional, lingüístico foi com vistas a sua sobrevivência.

Sem ceder a qualquer impulso nostálgico e sem se contentar com uma geminação automática dos modelos do passado, mas abrindo-se para os novos e recentes desafios, será preciso inspirar-se com constância criativa nas raízes que distinguiram a história surda. Igual base tem a necessidade de nova linguagem para a atuação cultural. A memória histórica é exigida, mas, também, sobretudo sem marginalizações, sem linguagens redutíveis a concorrer para o estabelecimento como povo, a unir as diversas tradições culturais para dar vida a uma diferença em que o

⁹⁴ A política da desintegração do povo surdo acontece de uma forma bastante crescente. As escolas hoje, sem possibilidades de oferecer ao surdo uma educação onde eles podem compartilhar juntos a sua diferença, são as mais segregadoras, e suas posições desintegrantes.

respeito pelos direitos, a solidariedade e a criatividade permitam a cada surdo realizar as suas aspirações mais dignas.

Uma tarefa verdadeiramente complicada apresenta-se aos ouvintes! Será necessário que, no respeito de uma justa concepção de povo surdo eles saibam dar aos valores surdos (língua, cultura, ritos) aquela profunda origem de tipo *transcendente* que se exprime na abertura para a extensão surda. Necessário seria, diante deste aspecto, partir para uma linguagem que corte uma relação de dominação e estabeleça o respeito pela irredutibilidade do surdo como o outro o diferente.

7.2 – As significâncias discursivas

Encontro-me em vias de repetir o que já disse. As produções do discurso surdo são condizentes com seu espaço seja ele colonial ou pós-colonial. A possibilidade de uma linguagem de irredutibilidade se torna complexa e os próprios surdos entram em ambivalências.

As produções do discurso surdo no aspecto colonizador são no sentido da fuga e do ser surdo tido como estereótipo. Como se ser surdo devesse ser banido, ou ser colocado sob o signo do mal. Trata-se de uma forma de produzir o outro como quer Baudrillard. O discurso do surdo na ótica do colonizador reproduz o surdo como o colonizador. Por quê? Parafraseando Baudrillard (2000): *o outro em sua singularidade irredutível se tornou perigoso e insuportável e por isto se torna necessário de exorcizar sua sedução*. Notadamente nas fronteiras da cultura surda se poderia ler o outro surdo desta forma.

É evidente que neste ensaio corro o perigo de purificar os discursos. Eles não se apresentam homogêneos, harmonizados, se apresentam praticamente hibridizados seja dentro do discurso colonial, como em alguns aspectos hibridizantes ou no pós-colonial.

Nos discursos culturais onde acontece o *ser e o estar sendo o outro surdo* que se adentra nos espaços pós-coloniais, assumem em sua irredutibilidade. Alguns continuam com as vozes dos derrotados, com discursos estereotipados, outros hibridizam discursos outros, outros enfim encaixam na estratégia da nova linguagem.



Desenho 14: *Somos surdos! Queremos ser surdos! A nossa organização objetiva a defesa de nossa cultura. Temos uma riqueza cultural. Não queremos ser ouvintes, mas surdos no sentido da palavra. Surdos mesmo, com nossa cultura, nossa arte, nossa história, nossa garra.*(L.)

De forma mais significativa, os surdos que optaram pela irredutibilidade do ser e do estar sendo surdo, inclusive pelo povo surdo, pela nova linguagem pela identificação ou representação política do povo surdo têm seu próprio discurso. Thoma (2002) cita a discussão de Peter o personagem do filme: *Som e Fúria*⁹⁵ no momento em que ele discute com o pai sobre a sua diferença. Cito aqui parte do discurso:

PAI de PETER: *Não é, não é uma deficiência. É uma deficiência....*

⁹⁵ *Som e Fúria* (Sound and Fury). Direção de Josh Aronson e Roger Weisberg. USA: 2001. (60min), son.col.

PETER: *Você considera surdez deficiência, mas eu não considero. Do fundo do coração sei que Heather será bem sucedida. Eu acredito. O implante será uma perda para a família.*

Peter é este surdo que continua produzindo os discursos significados na nova linguagem, nova política de ser e estar sendo surdo, de ser surdo na diferença. Ele é pai de Heather, surda e entende seu povo e seu mundo. Ele não acredita que o desvendante mundo de Heather será inabitável, pelo simples fato de ela ser surda. O avô de Heather investe fortemente no estereótipo da deficiência, da in-coexistência possível com o ser surdo, porém Peter rechaça esta idéia do surdo em sua imagem alienada, sua alteridade inscrita no discurso perverso da identidade colonial.

Para Peter como para outros surdos é um constante sentir a amargura de que “eles querem ocupar nosso lugar” como disse L uma de minhas entrevistadas. Numa de minhas incursões e indagações a sobre estas narrativas, outra surda a quem me apresentei sinalizava esta invasão: *um convite colonizador, um permanente infligir do artifício do ouvinte para ser inscrito no corpo surdo* (GL.). É sempre o retorno da narrativa como tentativa de reduzir o outro. A hegemonia requer a interação e a alteridade para ser efetiva, para reduzir populações politizadas, representando-se em sua vontade coletiva e solidária.

Não se trata de solidariedade com o outro como quer Lévinas (1947) justamente porque todas estas modalidades destruiriam a alteridade do outro e o reduziriam a um “alter-ego” subsumido no si mesmo.

7.3 - Produções culturais

A diferença cultural surda participa de uma lógica de subversão semelhante à linguagem do discurso redutível. Partindo do pressuposto de que a cultura surda não se mistura às outras culturas como já escrevia anteriormente:

A cultura surda como diferença se constitui numa atividade criadora. Símbolos e práticas jamais conseguidos, jamais aproximados da cultura ouvinte. Ela é disciplinada por uma forma de ação e atuação visual. Já afirmei que ser surdo é pertencer a um mundo de experiência visual e não auditiva. Sugiro a afirmação positiva de que a cultura surda não se mistura à ouvinte. Isso rompe o velho status social representado para o surdo: “o surdo tem de ser um ouvinte”, afirmação que é crescente, porém oculta socialmente. Rompe igualmente a afirmação de que o surdo seja um usante da cultura ouvinte. A cultura ouvinte no momento existe como constituída de signos essencialmente auditivos. No que tem de visual, como a escrita igualmente tem a constituição de signos audíveis. Um surdo não vai conseguir utilizar-se de signos ouvintes como, por exemplo, a epistemologia de uma palavra. Ele somente pode entendê-la até certo ponto, pois a entende dentro de signos visuais. O mesmo acontece com a pronúncia do som de palavras. (Perlin, 1998).

Reconheço que a diferença cultural dos surdos emerge como diferença naquela fenda do pós-colonial⁹⁶. Deve-se então conhecer e compreender a cultura surda com uma questão de diferença, um espaço que exige posições que dão uma visão do entre lugar, da alteridade, da diferença e da identidade.

O que é este cortar de direitos para a cultura surda? Para ilustrar, recordo o que narrou sobre sua infância uma pesquisadora surda:

Quando eu tinha quinze anos, entrei para na Associação de Surdos, sem que meus pais soubessem, pois os professores os tinham informado não ser lugar para meninas como eu e/ou que

⁹⁶ No pós-colonialismo, quando se trata em alusão a surdez, entra o termo ouvintismo que caracteriza a forma de superioridade do ouvinte sobre o surdo, muitas vezes a forma de determinar tudo sobre o surdo, cortar-lhe direitos, barrar-lhe caminhos.

era um lugar onde não havia segurança, mas para mim eram os surdos, eram iguais a mim, eram o meu grupo e era lá que eu queria estar entre eles, lá que eu me esentia bem. Aos poucos, consegui mostrar a meus pais que este lugar eu tinha contato com a identidade surda e a cultura surda, eu tinha me encontrado.(G.)

Esta posição de não permitir aos surdos freqüentar seu par têm provocado o surgimento das identidades flutuantes. É avaliando a violência com que os surdos impuseram o signo da cultura e suas lutas contra a ameaça de violação política que podemos compreender os seus atuais espaços e poderes que a constituem como cultura e os seus direitos de vir a ser cultura em sua alteridade de narrar-se.

A diferença cultural que existe entre as duas culturas surda e ouvinte, coloca uma visão onde vemos um espaço ou território do diferente, um espaço onde vemos: *uma violação dos limites do espaço significante, ela permite no próprio nível do discurso uma contra divisão de objetos, usos, significados, espaços e propriedades* (Barthes)⁹⁷

⁹⁷ Citado por Bhabha, 1998



Desenho 15: Eu me recuso a escolha da oralização, da partilha do conhecimento concebida como “submissão às leis culturais dos ouvintes” e entro na defesa das culturas surdas. Ao fazer essa recusa, defendo a construção de um movimento social surdo local, unido à construção de um movimento sócio-cultural surdo internacional, no espírito daquele que está sendo construído a nível mundial. (G.)

Stuart Hall (1997), falando da centralidade da cultura, cita a *função de importância no que diz respeito à estrutura e a organização da sociedade moderna tardia, aos processos de desenvolvimento do meio ambiente global e disposição dos recursos econômicos e materiais*. Nisto também entra a produção de mudança de consciência, visto que vivemos em mundos diferentes e virtuais. Esta centralidade da cultura influi diretamente sobre a vida dos surdos, percebe-se claramente as transformações que ocorrem em meio aos movimentos que emergem em leituras de nosso mundo rechacando o que se interpõe a nosso jeito de ser..

São visíveis as transformações que se processam como: o atual ensino de língua de sinais, a presença do intérprete, a existência do professor de língua de sinais, do professor surdo, os Estudos Surdos, os pesquisadores surdos, o modo de vida das famílias surdas, o estilo de vida, o aumento de mulheres surdas que residem sozinhas, novas tecnologias como; centrais telefônicas, celulares digitais, porteiros luminosos, facilidades para a vida dos surdos. Novos jeitos de ser surdo, seu modo de comprar, olhar, comunicar, escolher, socializar. Inclusive mostra uma curiosa nostalgia de desejo cultural, de opção pelos locais de cultura.

As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda elas se moldam de acordo com maior ou menor representatividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro desta representatividade cultural também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, da redutibilidade, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes. A cultura surda é o lugar para o sujeito surdo construir sua subjetividade de forma a assegurar sua sobrevivência e a ter seu *status quo*, nas múltiplas culturas, múltiplas identidades. Para o surdo, não é: tudo é cultura, mas o que tem significado essencial para a constituição da existência tem a dimensão cultural, um significado, uma política. A cultura é uma parte constitutiva do político surdo que por sua vez impõe inclusive os limites culturais. Ladd, o pesquisador surdo, vê na cultura uma para o povo surdo:

...a cultura é a chave que temos em comum com outros povos colonizados e grupos lingüísticos. O poder econômico e político pode ou não ser a força propulsora por detrás da opressão lingüística. Mas tanto a chave quanto a fechadura que a faz girar é a cultura. Um povo pode existir sem uma língua viva única para si mesmo, mas sem cultura não existe nenhum 'povo' (L. 2003, p.8)⁹⁸

O efeito da incomensurabilidade cultural é que ela não é desistoricizada, e carrega consigo uma linguagem de que o povo se serve para uma atividade de articulação humana que dá sentido a racionalidade que altera o sujeito da cultura. A cultura como enunciação se concentra na significação no enunciativo para rastrear os deslocamentos e realinhamentos que são os resultados de articulações culturais. Assim os sujeitos culturais são sujeitos com história e experiência.

7.4 - Língua como centro dos segredos

⁹⁸ Tradução de Janie Gonçalves do original em inglês.

O imaginário de um povo expresso na sua língua traz um pouco de tudo: a paisagem física e humana, os espaços culturais, os ventos do conhecimento, a memória e os tempos, a identidade e a história. A questão que mais traz consonância com o ser do povo surdo e seus embates é a língua de sinais. Cada povo surdo tem a sua língua de sinais assim temos Língua de Sinais do Brasil , a Língua de Sinais Argentina. A luta dos povos surdos pela língua dos sinais coincide com a preservação de sua identidade e alteridade e também sua diferença. No Brasil , como em outras nações as autoridades demoram em oficializá-la, movidos pela lógica do medo e da homogeneidade das línguas nacionais.

Para a maioria dos surdos, a língua de sinais “é seu chão natural”, cujos significados são recheados por suas tradições, referência básica dos valores vitais, premissas de significados, campo da história. Para os “ouvintes”, é uma mercadoria que pode ser comprada, vendida ou invadida ou rechaçada, sinônimo de poder. A razão pela qual os povos surdos exigem poder viver em seu território com seus enunciados é atravessada pela *différence* da língua de sinais como variável e contendora de sistemas simbólicos. E essa diferença na produção de uma estrutura de simbolização é crucial para a produção do sentido.



Desenho 16: Língua de sinais: Nossas narrativas nativas em língua de sinais não têm o “caos” que atinge as nossas narrativas em uma língua oral.

Os atrasos na aprovação de medidas contém a problemática de caminhos e descaminhos, identidades e diferenças entre as línguas. Não é possível e até não é desejável a substituição de uma língua, pois que o problema da língua é uma coisa e o das linguagens é outra, porque se trata de referentes distintos, de realidades diferentes. Não há mal algum nisto.

Isto exige que haja políticas culturais que procedessem a uma certa unificação dos interesses e das trocas dos produtos culturais entre as línguas respeitando suas diferenças. O surdo ganha muito com esta diferença.

Por outro, penso que ela deveria ser unida em termos das trocas recíprocas dos bens e benefícios que dizem respeito a cada povo.

7.5 – A escrita⁹⁹ da língua de sinais

O mais recente discurso surdo está na produção de registro escrito da língua de sinais. A diferença neste ponto é a necessidade da língua ser representada como presença epistemológica própria. A língua de sinais não é universal, no entanto a universalidade da escrita da língua de sinais é atestada por Stumpf quando fala do sistema de escrita de sinais:

O SignWrite pode registrar qualquer língua de sinais sem passar pela tradução da língua falada. O fato de o sistema representar unidades gestuais faz com que ele possa ser aplicado a qualquer língua de sinais do mundo. Para usar signwriting, é preciso saber bem uma língua de sinais. Cada língua de sinais vai adaptá-lo à sua própria ortografia.(S. 2002, p. 62)

Para os partidários do ouvicentrismo isto escrita de língua de sinais, assume uma “estrangeiridade” pois vai designar signos de representação própria a uma língua que eles negam existir ou que a inferiorizam. Daí indagações: Para que esta língua escrita? E os discursos e temores prosseguem: ela atrapalha o português escrito, é perda de tempo.¹⁰⁰ Se competisse a nós surdos responder diríamos: *lógico, para escrever*

⁹⁹ A escrita da língua de sinais está tramitando com diversas denominações existem alguns termos em inglês sign write, sign writing e em português: escrita de sinais, língua de sinais escrita, etc...

¹⁰⁰ Stumpf, pesquisadora surda, e em sua visita a Alemanha notou que as crianças lêem em língua de sinais escrita, mas não são estimuladas a escrever visto que é considerado como perda de tempo, por outro lado é intenso o exercício de escrever em alemão. Ela cita seu encontro com o menino surdo alemão. Na ocasião ele estava usando 2 aparelhos auriculares, e perguntou-lhe se ela sabia escrever em sinais. Diante da resposta afirmativa ele pediu-lhe para mostrar o sinal (nome) no quadro-negro. Diante deste fato a criança ficou pasma. Eu me senti estranha, narra a pesquisadora, e pensava que ele sabe escrever e percebi que ele queria escrever mas não conseguia. Na sala de aula, há muita escrita em sinais pelas paredes pendurados cheios e ricos, porém servem só para ler. As leituras dos surdos alemães são rápidas e acompanhadas com a LS, continuam escrevendo o alemão. O professor diz que eles têm dificuldade de escrever em alemão e o uso da escrita de sinais serve para que eles escrevam em alemão.

nosso pensamento, registrar nossas idéias de forma mais simples. Stumpf também mostra que há no interior do povo surdo interesse crescente pela língua escrita inclusive o pedido de incentivo.

A comunidade surda que sofreu um grande crime quando teve sua língua discriminada por séculos, merece o apoio dos pesquisadores e lingüistas par resgatar seu poder de escrever em sua língua nativa. (Stumpf, 2002, p. 69)

Claro está que em vista da experiência com a língua oral escrita até hoje ter nos lançado na menos-valia, nossa pretensão é de que a criança surda aprenda em língua de sinais escrita para não ter de se utilizar da complicada língua de fronteira escrita como acontece em minha tese e que pode levar inclusive a equívocos e nossas produções acadêmicas sejam traduzidas para o português.

Cumpre notar que na linguagem a palavra escrita não é de um individuo só, ela também é propriedade de outrem como diz Derrida. Ela se torna “de alguém” só quando ele se apropria da palavra, adaptando-a a sua intenção expressiva. Propositadamente temos duas definições a que atinge os ouvintes e a que atinge os surdos: palavra escrita não existe numa linguagem neutra. Precisamos tornar a palavra nossa para poder escrever. Daí porque o português escrito para os surdos se apresenta como problema sem solução. Então a língua de sinais escrita cai facilmente no agrado das crianças surdas como a novidade, *o brinquedo mais bem aceito* como declarou um professor surdo.

Insistir com os surdos que utilizem o português escrito é o mesmo que insistir que se utilize intenção alheia. Os surdos não conseguimos tornar a palavra dos ouvintes como nossa. A este respeito vejamos Bakhtin (1997)

A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social.

Acredito que isto possibilita que lutemos pelo significado da presença da língua de sinais escrita rompendo com um conjunto de associações difíceis, porque são ouvicêntricas, e damos às palavras escritas novas flexões próprias porque retêm um significado visual. Tudo que os surdos construímos e significamos pela escrita é transformado pelo intercâmbio e ação mútua com a forma visual. O significado escrito em português surge da “diferença” entre o que é visto ou que vem direto da audição de outra pessoa ou do pensamento. O jeito de captar a informação e decifrá-la pela língua de sinais escrita, em suma, é essencial ao significado, ao desenvolvimento do pensamento próprio do povo surdo.

Narrativas e preensões são frequentemente sentidas pelos surdos este é o depoimento de uma surda professora de Língua de Sinais.

...existe uma linha que causa desvirtuamento na originalidade da língua de sinais. Falando de originalidade nós compreendemos a posição lá onde a língua de sinais tem origem. Compreendemos originalidade, uma vez que a língua de sinais deve surgir diretamente do sujeito/povo surdo e ser em constituição de signos visuais não ligados diretamente à constituição de significados em português e sim com signos de significados visuais que emergem de dentro, do fundo do ser surdo (fez sinal de deaf food). Neste caso sempre temos de ter presente os sinais mais próximos do gestuno, pois tem mais originalidade. Não seria o caso da necessidade dos professores de língua de sinais terem conhecimentos de gestuno? Eu acho que só didática não chega,

falta noção de originalidade da língua de sinais. Neste ponto busca-se a originalidade virtual da língua. Penso que dentro da Constituição Brasileira nós não deveríamos impedir que criem estes sinais, mas sim deveríamos advertir, pois eles se constituem num desvirtuamento da língua. É certa a necessidade de se advertir que não se criem outros sinais quando tem outros já existentes. É certa também a necessidade de se advertir da possibilidade de se fazer uma babel de sinais dentro da nossa língua e depois os ouvintes nos imporem a culpa de não sabermos controlar. A língua de sinais escrita é nossa saída enquanto língua, enquanto existem estes deslizes inclusive de produções acadêmicas¹⁰¹ nos impondo inferioridades a língua de sinais (B.).

A interferência dos ouvintes na língua de sinais tem gerado muitos protestos por parte dos surdos com a criação de outros sinais e o esquecimento dos sinais tidos como importantes guardados devido a sua trajetória. Para os surdos o uso da língua escrita como aspecto da cultura é importante para a conservação dos sinais, bem como a diferença porque é essencial ao significado. Sem a escrita, o significado não teria como existir e se conservar. Há uma parte nesta tese onde trato do português de fronteira, inclusive com demonstração teórica; ele é complexo por determinar a invenção de outra forma para a língua escrita em português. Nota-se inclusive nesta forma a presença de equívocos na interpretação. Sabemos que existe a diferença entre o que está escrito em uma língua estrangeira e o que tem escrito numa língua própria que significa, que tem significado como significante do escritor.

Durante séculos ... uma escrita fez falta para os surdos sempre dependentes de ler e escrever em outra língua que não podem compreender bem, vivendo com isso uma grande limitação. (Stumpf, 2002, p. 63)

¹⁰¹ Há produções acadêmicas que são problemáticas e equivocadas em vista da língua de sinais pela não

Entendemos o que é ser surdo e escrever na própria língua que não apenas não se utilizam de certas características auditivas, mas também porque conseguimos marcar uma “diferença” de “outros” que podem colocar no papel o domínio do saber, o desenvolvimento, a tecnologia de um povo que se sobressaem por sua língua escrita.

O uso da língua escrita, mesmo que seja *pra perder o agrafo*, tem sua importância fenomenal. Ela será o chão, o referencial de cultura, como língua escrita opera uma reterritorialização cultural, língua que será terra fértil para a expressão e transmissão do pensamento relacionando-a com a alteridade. Como isto? Se pudéssemos ler as obras dos escritores surdos em língua de sinais teríamos como sustentar que a arquitetura do pensamento do surdo pode co-existir em igualdade a arquitetura filosófica de um pensador oral. Concluiríamos aqui o campo destas tristes e insistentes vítimas do ouvicentrismo e nossas perdas diminuições, deserções dos campos educacionais das ouvicêntricas tramas da inclusão.

7.5 - Estar sendo surdo e a política

Um tipo particular de transformação discursiva são os rastros de construção política. Talvez não devesse separar a política de toda agência cultural, contudo seu sabor se regula pela diferença do ato.

Ao mesmo tempo em que é visível o discurso codificado e melancólico, as vozes se abrem ao político e fazem o ato de introjeção e se apropria antecipadamente a incorporação da identificação cultural e política. Às vezes preferindo que sua vida seja sonhada por outro, outras preferindo que o outro imponha seu saber prefere imitá-las porém na hora de defrontar com a prática e com o espaço social que ocupa, reverte a opacidade e se apropria da atitude de superioridade ouvinte contestando-a. Desta perspectiva os espaços do hibridismo são camuflados e surge uma agência contestadora funcionando numa espécie passagem para as situações de embate. A estrutura desta

agência devolve para campos semelhantes ao de outros povos na luta pela independência.

As identidades políticas quando contêm iniciações já válidas transferem seu discurso adequado, transferem enunciações políticas do ato de hibridismo para o processo de tradução e transvalorção. O espaço político deste tipo requer um posicionamento sóciohistórico. Em contraposição o resultado chamado política da diferença propõe para o movimento do povo surdo a construção do espaço pós-moderno civilizado no qual impera o ser povo surdo e sua política da diferença.

7.6 - O discurso da diferença na educação do surdo o discurso da pedagogia dos surdos

Foi visível na maior parte da história onde uma pedagogia ouvicêntrica e a sua relação com alteridade surda se mostrou contraditória. O passado sempre nos pôs a nós surdos em atemorizadoras circunstâncias. As filosofias vigorantes eram voltadas para a perfeição do ser, esquecendo e fazendo com que qualquer vida fora deste padrão fosse considerada e quando não era banida, era condenada tendo como critério a normalidade.



Desenho 17: Pesados fones em nossos ouvidos, microfones nas nossas mãos, os tambores e os instrumentos de som nas salas de aula... Porque a deficiência e não a diferença?

No Estado do Rio Grande do Sul, esta filosofia teve suas estratégias vigorosas. Nossa primeira escola foi uma escola oralista, fundada em 1921¹⁰² onde os alunos surdos eram orientados a converter-se em ouvintes adotando a oralização, a língua de sinais era punida com castigos corporais. Extinta materialmente esta escola nos permitiram sinalizar¹⁰³, mas continuou na imposição¹⁰⁴ como principais a fala e a leitura.

Quando os surdos¹⁰⁵ sonhávamos a escola de surdos nos moldes dos Mestres Surdos de Paris nos deram possibilidades materiais para concretizar o sonho de uma escola de surdos com professores surdos, mas em seguida nos tiraram a escola¹⁰⁶, nos colocaram na inclusão (não entre ouvintes como hoje) entre os deficientes. Pesados fones nos ouvidos, inclusive microfones nas mãos¹⁰⁷, foram aplicar no momento em que os ouvintes decidiam treinar o ouvido colocaram tambores, sinetas, etc na escola de surdos.

O que sobrou desta história? Os surdos buscaram noutros espaços a transformação dos sujeitos, rechaçaram as atitudes despóticas e revidaram a produção de sua identidade nos espaços políticos.

¹⁰² Escola fundada pela professora alemã Louise Shmidt, esta professora utilizou com a técnica oralista criada pelo também alemão Samuel Heinick.

¹⁰³ A outras escolas de surdos surgidas em 1956, 1960 e 1962 na Capital permitiam a sinalização, mas ao mesmo tempo incluíam entre os deficientes.

¹⁰⁴ Um dia escrevi um artigo intitulado “imposturas”, imposturas eram discursos e práticas onde nos impunham fronteiras

¹⁰⁵ Na década de 50 os surdos estávamos lutando no sul pelo implante de uma escola de surdos já que todas as raízes culturais do povo surdo da França tinham se espalhado no repertório do povo surdo do RS. O povo surdo do RS notadamente viveu anos sob imposições despóticas, mas ultimamente a demanda de sua identificação revidou seu espaço.

¹⁰⁶ Uma história triste da escola para surdos ganha do Governo do Estado, porém as forças de poder ideológico deram outros destinos ao prédio e os surdos foram levados a narrar-se como deficientes.

¹⁰⁷ No meu contato com pesquisadores surdos conheci estes retratos que sobraram como lembrança da escola, retratos horrorizantes que Rangel a pesquisadora surda vai utilizar.

Atualmente esta pedagogia apresenta sua crise que se espalha pelas escolas dos surdos. Em alguns casos, surdos passam a assumir o controle desta pedagogia dita fracassada. Em outros, sonham mais alto e a discussão nos bastidores é: por que não instituir uma pedagogia de surdos, como alternativa ao fracasso e ao controle da educação para a cultura, para ser o surdo. O currículo e a pedagogia de surdos já foram delineados no documento que educação nós surdos queremos durante o Pré-Congresso de 1998.

Está, atualmente, em vigor a inclusão entre ouvintes, e não mais entre os deficientes, fato que nos obriga a estratégias para salvaguardar nossa identidade, nossa cultura, nossa língua, nossa diferença. Daí porque nos últimos anos¹⁰⁸ os surdos se posicionam como ninguém contra a inclusão.

Quando surgem os professores surdos, surge a pedagogia dos surdos, acontecem mudanças significativas no currículo de surdos provocadas pelo movimento imanente da diferença, fazendo com que nesta mudança provocada pela diferença os alunos surdos forcem posições participantes, criativas, interessados pela sua diferença, pela escola de surdos, por sua mudança num local cultural. Surge a necessidade de se formar o surdo como professor de surdos, inclusive na oferta de líder nativo e usuário de língua de sinais nos meios educacionais onde estão presentes.

O professor surdo está traduzindo para a pedagogia o tradicional jeito surdo de captar o conhecimento, a imagem do ser surdo como o outro diferente e esta natural e desembaraçada forma de ser surdo na alteridade.

7.6.1 - O discurso da diferença na educação dos surdos

Na entrada da temporalidade tardia somos colocados frente a frente com a magia de uma palavra capaz de estabelecer uma divisão entre significantes e significados que

compõem os dois períodos. Trata-se da palavra diferença. Seu discurso nos múltiplos espaços sociais impõe novos modos de se pensar. Inclusive adentra o mundo da educação e o coloca em agitação provocando um incômodo, quando não gerando outras posições, mesmo modificando e fazendo surgir outros espaços pedagógicos, novas descobertas que vem a ofuscar o brilho já apagado da tradicional educação institucional e seu círculo colocando a descoberto e mostrando as falhas do sistema.

No espaço da temporalidade pós-moderna¹⁰⁹ a palavra diferença tem um aspecto indiscutível. Ela se diferencia de diversidade de todos modos, vai mais além dos significados imediatos que contêm as expressões comuns apesar da diferença, contêm o sentido do outro. O sentido como o outro é anunciado pela palavra diferença nos espaços pós-modernos se torna inviável dentro da sociedade e da educação constituídas nos espaços modernos onde se busca cultivar/formar o outro a partir de outros que já tiveram experiência e aderiram ou adquiriam também na mesma cultura. A diferença se preocupa com o outro como o outro para um espaço social ou uma educação cuja pedagogia seja historicamente uma pedagogia da diferença. No espaço da diferença existe uma pedagogia que difere da diversidade aninhada nos espaços modernos e que se preocupa com o outro que, para o social ou a educação moderna, é problemático e entra com o conceito de deficiente de incapacitado de necessitado de vir a ser moldado. A diferença sublinha este outro no seu ser outro sustentando sua voz de alteridade. Esta voz de alteridade não se constitui problema senão o discurso do outro, do seu estar sendo na diferença.

7.6.2 - Pensando o aspecto da educação que temos

Entramos na problemática da educação no contexto pós-moderno e em face da investida da magia da palavra “diferença”. Somos convidados a olhar bem o que está aí,

¹⁰⁸ No ano de 2000 e seguintes os surdos se uniram numa caminhada contra a inclusão, fato que fez do RS o único Estado brasileiro a não utilizar a inclusão dos surdos nas escolas.

¹⁰⁹ O pós-modernismo no que se apresenta como espaço de leitura do modernismo e sua atitude colonizadora permite em por em suspense as estratégias e representações de normalização e normalidade (Skliar 2003).

diz Skliar (2002). Somos convidados a lançar olhares sobre a educação. É ainda Skliar quem propõe duas perguntas : *Que é que perguntamos quando perguntamos sobre a educação? Por que ´perguntamos pela educação?*

Uma das primeiras respostas que a educação nos sugere/sugeriu acima é que na realidade ela não está sendo fiel a sua finalidade e que se encontra numa inconstância. Estamos, portanto diante de um aspecto preocupante neste modo de pensar a educação. Preferimos ocuparmos de novo a procurar pela educação desfazendo logo o problema visto que o que se apresenta é uma transformação e um procurar pelo não natural, pelo defeituoso, tendendo de novo um vir a ser educação de inclusão para a princípio para o apropriado.

O espaço e o tempo da modernidade contém a educação como uma transformação para aquilo que o outro deve ser na mesmidade que as identidades se multiplicam a partir de outras já conhecidas, que se constroem na semelhança, se encaixam, aonde não há lugar para o diferente, aonde o novo se encaixa no antigo, num círculo vicioso, na monotonia. Este aspecto educativo é o que nos remete para uma reforma de nós mesmos numa interminável fila de textos, de currículos, de didáticas e de dinâmicas que levam à burocratização do outro e sua inclusão curricular, num currículo onde impera o modelo do homem branco, europeu, moderno. E para que isto aconteça nossas, mudanças vigoram em aumentar ou diminuir o numero, em incluir aqueles que são diferentes, em forçar os diferentes a devorar um currículo e em acusá-los de débeis , de rebeldes caso este currículo não lhes sirva.

Há casos em que deficientes não conseguem acompanhar os progressos educacionais como no caso dos surdos, por exemplo, cogitou-se ultimamente a reduzir mais e mais este currículo. Salvaguarda-se assim a sua invenção, tudo fazendo para que o outro entre neste currículo sem perguntar se ele quer este currículo. Em suma, um currículo que proíbe e nega a diferença do outro. Um currículo obrigando a repetição da mesmidade. Repetindo que o outro está mal sendo o que é e que deve deixar de ser para vir a ser na mesmidade.

Trata-se de uma pedagogia que impõe ao outro a transformação isto é: ser o outro da mesmidade, uma pedagogia que nega a alteridade, que fala em nome da igualdade e da tolerância. Uma pedagogia da diversidade, do colonial, da integração do outro. Uma pedagogia que inclui, no sentido da palavra: junta num lugar aquilo que está disperso, para que se torne encapsulado, para que venha se constituir o outro, mesmo como menos válido.

7.6.3 - A variante

Um outro espaço e tempo da pós-modernidade é o espaço onde se encontram as representações, as identidades fragmentadas, o outro como outro. Nesta linha a sociedade ou a educação moderna já ocorre num evento improvável quanto impossível em vista de não admitir a diferença. A educação enquanto permanecer na unicidade da temporalidade única, em temporalidades que levam ao outro na visão européia, ou na visão moderna, não poderá atender a diferença nem a inclusão na diferença.

Temos de pensar a sociedade que se desloca para o espaço e a temporalidade do outro. Primeiramente o que significa isto? Que aspecto teria de colocar ali para que seja na diferença? Qual aspecto para que o outro seja ele mesmo? Qual espaço para que o outro retorne como o outro na sua diferença, na sua alteridade? Como se processa o retorno do outro sem ser o que estamos sendo? Em sentido, como se processa o retorno do surdo como surdo sem ser como o ouvinte

Temos de partir para uma pedagogia da diferença que desordene a ordem, a coerência a pretensão de significados e epistemologias. Uma pedagogia onde o que-fazer do outro, do diferente se sobressaia. Uma pedagogia na qual o outro exista como raça, etnia, cultura, anormalidade, imigração, delinqüência. Uma pedagogia que deixe este outro na sua diferença sem considerá-lo anormal, excluído, mas concedera-la na sua diferença, na sua alteridade.

7.6.4 - Como pensar o espaço do outro?

Nada melhor para afirmar o espaço do outro que citar aqui as palavras que me foram ditas durante uma entrevista para definir as identidades surdas: *Aquilo de meu encontro com outro surdo tinha o igual que eu queria, tinha a comunicação que eu queria, o que identificava ele, identificava a mim também.*(PA)

Notadamente estas colocações refletem bem a diferença de **ser surdo**, a diferença que vai desde o ser líder ativo nos movimentos e embates que envolvem uma determinada função ativa, até daqueles outros que iniciam contatos nos contornos de fronteiras¹¹⁰. Este estar sendo surdo é um espaço que depende muito da essencialidade ou do disco em torno do qual giram. Bem como de resíduos que subsistem para a constituição de identidades essenciais constitutivas dos mais diversos grupos¹¹¹ que constituem a temporalidade significativa da modernidade tardia. Auge Marc, diante da diferença cultural do outro, sugere fazer duas perguntas:

Como é que é próprio do indivíduo humano mover-se numa cultura que surge ao mesmo tempo como limite e a condição de sua existência singular? O que torna a especificidade de uma cultura particular ao considerar que, qualquer que seja seu lugar na sociedade, todos aqueles que pertencem a esta cultura levam de alguma maneira sua marca? (M. 1999: 17)

Estas perguntas evidentemente colocam a afastamento do social da normalidade, e propõem a busca do complemento necessário a sua aderência ao lugar de acordo com as regras sociais ou aspectos culturais que constitui para si.

¹¹⁰ Contornos de fronteiras. Entendo as identidades essenciais, ou ainda um essencialismo estratégico de que fala Bhabha como constantes do centro de um disco elástico em torno do qual existem as fronteiras. Andar na fronteira equivale a o hibridismo.

¹¹¹ A babel de grupos hoje é saliente. Não existem mais maiorias e minorias, existem rupturas salientes em torno de um eu diferente, de essencialidade e ou de uso de essencialismo estratégico.

7.6.5 - O olhar para o surdo?

Na construção de uma pedagogia de surdos, visto que toda inclusão no contexto moderno é também uma exclusão do ser surdo, é preciso que esteja presente a essencialidade que acompanha este “ser outro surdo”. É preciso que se molde o fazer pedagógico no que-fazer da diferença presente. Vejamos agora as diferenças que a ótica sobre o surdo pode propor:

1. Num primeiro olhar entra a bem conhecida representação de atribuir ao surdo, (ou que alguns surdos se atribuem a si mesmos) como anormalidade, como deficiência, como falta de algo, como seres incompletos cujos significados se perdem nos conceitos da palavra “surdez”. Ou uma espécie de mente selvagem, um tipo de linguagem ininteligível ou na ausência, ou na não capacitação para o abstrato.
2. Num segundo olhar está o outro surdo como o desordenado, uma visão de ambivalência, imperfeição, porque ele simplesmente quer ser o outro, na sua alteridade infinita.
3. O último olhar envolve a representação do surdo como o outro surdo como o normal onde o corpo assume formas tentando construir uma contra-narrativa, como no caso de Juan Eugenio, de igual força a da palavra “surdez” no qual os significados amplos não convém mais com a diferença sócio cultural e aonde encontrar os aspectos mais profundos e questões da diferença, do hibridismo que Bhabha (1998) e outros autores abordam.

7.6.6 - Porque precisamos de Pedagogia da diferença?

Novos paradigmas estão se fazendo surgir no horizonte. E em contraste o ser outro e a sua alteridade despontam nas tramas do pós-moderno. A essência de ser, a

identidade, a alteridade, a diferença surgem e se fazem marcos necessários da dinâmica interna da individualidade.



Desenho 18: As escolas da inclusão são de procedência ouvicêntrica fala-se de histórias de homens ouvintes lançando uma sombra sobre a cultura surda, como se não existisse história cultura e tecnologia surda. Nestas escolas da inclusão a placa que funciona ao alto contém o seguinte: “aqui se formam homens brancos, atléticos da audição, cientificizados na língua oral e escrita”,

Para Skliar (2003) um atributo essencialista pode ter vigor como aspecto negativo para o modernismo e se infiltrar na educação. Atribuir uma idéia à essencialidade como uma deficiência, significa uma estratégia de pouca valia para com o que é antes de tudo uma atitude essencial, uma estratégia onde as atitudes experienciais de vida que constituem no espaço outro da diferença.

É preciso, antes de tudo, nos adentrarmos no espaço do pós-colonial. Entrar lá naquele espaço outro onde o “povo gosta de estar” (Bhabha 2002). É preciso retomar aqui este aspecto da essencialidade do ser diferente, esta atitude experiencial e teorizá-la no seu aspecto de validade invertendo a lógica habitual de que tudo que é diferente de mim é maléfico. Assim temos o espaço positivo das diferenças entre os grupos, o espaço constitutivo do ser o outro na sua etnicidade, e instâncias culturais motivadoras, tais

como a língua, o jeito de ser, o modo de encarar a vida, em síntese a atitude experiencial de vivência no essencial das diferenças comuns ao grupo, etnia ou povo.

A diferença como pedagogia nos permite retomamos esta atitude experiencial, o aspecto essencial como inovador no processo de aprendizagem sem causar interferência na radicalidade do ser diferente, respeitando a alteridade.

7.6.7 - A pedagogia da diferença como pedagogia do surdo – Aspectos da pedagogia

Qual língua, qual currículo, qual professor, qual povo, qual cultura para que o surdo seja radicalmente o outro na sua essencialidade?

1. A língua que acompanha esta pedagogia é a língua de sinais. Deve ser a língua do surdo e desde cedo ele deve iniciar contatos com ela. Ela não é somente a sinalizada, senão também a língua de sinais escrita.
2. Os conteúdos para os surdos não devem ser inferiores aos dos ouvintes, inclusive devem ter outras noções já que o surdo vai ter de conviver numa sociedade ouvinte e isto não quer dizer oralização, mas como ser surdo hoje? Notadamente as crianças surdas gostam muito de informações sobre a sociedade em geral.
3. O português como língua estrangeira tem lugar especial nesta pedagogia, além disso os surdos querem aprender outras línguas como o inglês.
4. O ambiente entra na pergunta por qual povo a pedagogia de surdos deve adotar. A essência dos surdos, sua pertença a um povo diferente, sua cultura e história.
5. Acompanha uma forte tecnologia direta para a aquisição visual do conhecimento.
6. Tecnologias de comunicação à distância

7.6.8 - Pedagogia da diferença e professores surdos

Uma das maiores dificuldades do professor surdo está na observância do processo educacional. Ele se sente um marginal, e ao mesmo tempo um revolucionário diante do processo educacional vigente que envolve seu povo. Qual processo histórico, social, e cultural teve o objetivo de apoiar exclusiva e amplamente sua visão da educação dos surdos? Conseqüentemente a sua idéia sempre foi absorvida pelo processo colonial. Ela inclusive é tão repetida pelos modelos históricos como o oralismo e o bilingüismo que o declaram deficiente, o controlam, e lhe impõem na memória, no corpo, na história esta visão inclusive lhe tirando o espaço da essencialidade.

O espaço que o professor surdo encontra trata-se do espaço da luta interna entre diferença de ser e exigência de subordinação a esta milenar estratégia da aparente normalidade do ouvinte.

7.7 - Inclusão/Exclusão?

Nos encontramos defronte a uma narrativa e a um legado quando utilizamos a palavra diferença. Esta palavra mexe com seus adeptos. Obriga a um a viravolta, uma atitude revolucionária, a uma instabilidade, uma errância, uma busca teórica. Inclusive a implicância de visualizar que a diferença obriga a fazer uma inclusão nas diferenças e devia-se pensar a exclusão das diferenças como um aspecto a ser trabalhado. No entanto isto não ocorre quando usamos a educação sob o aspecto formal da temporalidade moderna onde a inclusão significa excluir a deficiência e trazer para a normalidade e não significa como o pós-moderno sugere: incluir na diferença da alteridade.

É evidentemente certo que com a educação que vigora hoje, incluir o surdo numa escola de surdos ou incluir o surdo numa escola de ouvintes tem a mesma significação. Como? Foi observado durante estas colocações, sem presença da representação do surdo em sua alteridade significativa, sem pedagogia da diferença não haverá inclusão escolar. A inclusão social acontece a partir da inclusão do surdo numa

pedagogia da diferença onde o surdo constrói sua subjetividade como diferente do ouvinte.

Sabemos desde Platão que a pedagogia é constitutiva de um olhar de cima. E para que este olhar seja possível temos que fabricar retórica e ontologicamente um abaixamento: a infância, o povo, os estudantes, os emigrantes, os imorais, os pobres, os desempregados, os trabalhadores, os consumidores, os jovens, os professores, os ignorantes, os selvagens... os outros..., sempre definindo por uma distância: pelo que lhes falta, pelo que necessitam, pelo que não são, pelo que deveriam ser, por sua resistência a submeter-se às boas intenções dos que tratam do que sejam como deveriam ser.(Larrosa 2003 op.291)

É preciso considerar que os povos surdos são povos que constroem e reconstróem de maneiras diferentes suas próprias culturas, suas formas de viver e de pensar a educação para as novas gerações. Essas múltiplas maneiras surdas de pensar, de relacionar-se com os ouvintes, de construir a vida são inspiradoras para a superação de alguns dos grandes desafios da prática pedagógica constantes na inclusão.

F I N A L

VOLTANDO A TESE: EXISTE CONCLUSÃO?

Quero propor como pergunta a este ensaio, minha tese, neste espírito de conclusão. Na verdade se afigura como pouco a dizer como pouca conclusão. Haverá conclusão? Ao recusar o movimento colonial como momento enunciativo do surdo, sei pela história que tudo isto pode novamente ser uma utopia. Haverá conclusão? Muitas pesquisas poderão ser feitas neste ponto. Não se trata, portanto de um final feliz, de conclusões, mas de iniciativas a serem feitas.

Contudo o meu argumento no fim desta tese é de que a noção de reserva social na espacialidade do entre tempo pós-colonial não é uma contradição, é antes uma celebração social da alteridade do ser e do estar sendo surdos, da diferença cultural surda que harmoniza como povo, diferença proclamada na diferença, ocasionando um discurso crítico e elucidando uma nova estrutura epistemológica. Uma celebração do fim da alteridade deficiente contestada na espacialidade do colonizador.

Se não fosse aquela política alemã do século XIX impondo a alteridade deficiente para todos os surdos do planeta, poderíamos perguntar: estamos livres enfim? Liberdade não é o termo. O termo é que vivemos no interior de representações sociais constitutivas de um poder dinâmico e que os surdos conseguimos apenas alguns afastamentos ou afrouxamentos do poder. Continuamos olhando a imagem do ouvinte falante imponente e sentado no seu trono atlético uma alegoria que Edward Said tão bem soube nos legar.

A agência pós-colonial sempre retorna com uma violência calma para interrogar o discurso colonial e estabelecer uma contra-narrativa do homem distorcido ou da alteridade deficiente.

O que devemos fazer não é simplesmente mudar o que temos, mas sim aprender a viver um tempo novo, uma temporalidade significativa. Que tempos são estes? Tempos pós-coloniais, pós-estruturalistas? Contudo a vida neles não será a mesma, é preciso crer nesta possibilidade de ser em outro tempo, em outro espaço, na cultura favorável, nos espaços da diferença. Ser surdos não como diminuídos, mas como humanos, como seres históricos na diferença.

O que quero dizer é que essa interação cultural não deve ser feita com hegemonia de uma cultura sobre a outra, isolando-a como se fora cultura minoritária, subalterna ou gueto, ou impedir aos surdos de conquistar e expandir os seus locais de cultura.

A chave para promover uma interação cultural é sempre a percepção de que os surdos temos uma cultura diferente. O que significa sermos marginalizados deslocados diaspóricos? O que significa estarmos entre aqueles cuja presença é vigiada, ou vista com sentido de recusa – como já me aconteceu em muitas ocasiões – de estereotipismo, de negação de alteridade deficiente? Certamente que estará aí a recusa ao outro ser na sua diferença, na sua alteridade infinita, significa inclusive chamar o outro a mesmidade, a situações egoísticas.

Os surdos têm de fazer a vida como povo surdo, com cultura, história, artes. Com jeito de povo. Merecidamente para que eu não termine esta conclusão num ponto triste como aquele em que Skliar acrescenta que a vida foi embora:

A vida foi embora da escola, e a única solução que achamos para fazê-la retornar foi a de retratá-la no currículo. Fizemos séries e ciclos com a vida. Mas não vivemos a vida na escola. Nem vivemos nossa vida, nem vivemos a vida deles, nem vivemos a vida dos outros. Não vivemos na escola... Fizemos um simulacro de compreender a vida na escola, mas não a celebramos. (S. 2003, p. 240)

A vida tem de ser perene no povo surdo. Temos de chamar os anciãos surdos para que eles voltem a narrativas nas tardes de chá, os feitos de nosso povo para que a vida vivida seja a nossa e se renove não somente no povo surdo, mas dentro de nossas casas, escolas, organizações, territórios; inclusive entre nossos jovens e adultos surdos que clamam pelo direito de ser diferente, por uma alteridade radical surda, por ser e estar sendo surdos.

BIBLIOGRAFIA

- Adorno, T. El ensaio como forma. In *Notas de literatura*. Barcelona: Editorial Ariel, 1962.
- Anderson, B. *Comunidades imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. México: FCL, 1993.
- Andersson, Y. The deaf world as a linguistic minority. In S. Prillwitz & T. Volhaber (Ed.), *Proceedings of the International Congress on Sign Language Research and Application, Sigum Press, Hamburg*, pp. 155-161.
- Bakhtin, M. *Marxismo e Filosofia a Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- Baudrillard, J. *a troca impossível*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002
- Baudrillard, J.; Guillaume, M. *Figuras de la alteridad*. México: Taurus, 2000.
- Bhaba, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- Carvalho, I. *Protetização auditiva*. Revista do Conselho Federal de Medicina Dez/2002 – Jan/2003
- Costa, M.W. A pesquisa-ação na sala de aula e o processo de significação. In Silva, L.H. *A escola cidadã no contexto de globalização*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- Chambers, I. *Migração cultura e identidade*. London: Routledge, 1994.
- Derrida, J. *El monolingüismo del otro. O la prótesis del origen*. Buenos Aires: Manantial, 1997.
- Foucault, M. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1997
- Foucault, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996.
- Foucault, M. *Historia de la sexualidad. Volumen 1: La voluntad de saber*, Madrid, siglo XXI, 1978
- Gabilondo, A. *La vuelta del Outro. Diferença, identidade, alteridad*. Madrid: Editorial Trotta, 2001.

- Gergen, K.J. *El yo saturado. Dilemas de la identidad en el mundo contemporáneo*. Barcelona: Piados, 1992.
- Giddens, A. *Modernidad y identidad del yo. El yo y la sociedad en la época contemporánea*. Barcelona: Península, 1995.
- Hall, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. Porto Alegre: *Educação & Realidade*, , v.22, n.2, 1997.
- Haraway, D. J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In SILVA, Tomaz.T. *Antropologia do Cyborgue – As vertigens do pós-humano/* organização e tradução de Tomás Tadeu da Silva – Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- Huysen, A . Mapeando o pós-moderno. In Buarque de Holanda, H. (Org.) *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- Karnopp, Parecer sobre a proposta de Tese de Gladis Perlin. 2000.
- Ladd, P. *Understanding Deaf Culture : In Search of Deafhood* Clevedon : Multilingual Matters, 2003.
- Larraín, J. *Modernidad, razón y identidad en América Latina*. Santiago de Chile: Andres Bello, 1996.
- Larrosa, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*: nº 19, Jan-abr, 2002.
- Larrosa, J. *Pedagogia y fariseísmo: sobre la elevación y el rebajamiento en Gombrowicz*. *Educação e Realidade*, Campinas, v. 24, nº 82, abril 2003.
- Larrosa, J. *Pedagogia y fariseísmo: sobre la elevación y el rebajamiento en Gombrowicz*. *Educação e Realidade*, Campinas, v. 24, nº 82, abril 2003.
- Larrosa, J. Tecnologias do eu e educação. In Silva, T. (Org.) *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994
- Levinas, E. *Ética e Infinito*. Madri: Rogar, 2000.
- Marc, Augé. *O sentido dos outros*, Petrópolis: Vozes, 1998.
- Martins,R . *Língua de Sinais e Subjetividade*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUC, 2003.
- Mèlich, J. A resposta ao outro, a carícia. In Larrosa, J. & Pérez de Lara, N. (E.) *Imagens do Outro*. Petrópolis: Vozes, 1998.

- Miranda, W. *Comunidade dos surdos: olhares sobre os contatos culturais*. Porto Alegre: UFRGS/FACED: Dissertação de Mestrado, 2001.
- Mitchell, D. T. and Snyder, S. L. Introduction Disability Studies and the Double Bind of Representation, in Mitchell D. T. and Snyders S. L., editors *The body and phisycal difference.discourses of disability*. The University of Michigan Press, 1997.
- Mottez, B. Los banquetes de sordomudos y el nacimiento del movimiento sordo. *Revista do GELES*, Rio de Janeiro: n.6, p. 5-19, 1992.
- Perlin, G. *História dos surdos*. Florianópolis:UDESC/CEAD, 2002
- Perlin, G. Identidades Surdas. In: Skliar (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- Ramon Gacía. A propósito do outro. In Larrosa, J. & Pérez de Lara, N. (E.) *Imagens do Outro*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- Ravelo-Mendoza, J. E.. *Lengua de Señas e Identidad Sorda: ¿Cultura patológica? Una experiencia sobre la Lengua de Señas Venezolana en la Institucionalidad*. Washington Galaludet University - Deaf Way II, 2002
- Said, E. *Orientalismo. O oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- Santamaria, H. Do conhecimento de próprios. In Larrosa, J. & Pérez de Lara, N. (E.) *Imagens do Outro*. Petrópolis: Vozes. 1998.
- Sarup, M. Hogar, identidad y educación. In varios. *Volver a pensar la educación*. Volume I Madrid. Morata. 1995.
- Silva, T.T. A produção social da identidade e da diferença. In Silva T. T. da (Org.) *Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.A. a
- Silva, T.T. *Teoria cultural e Educação: Um vocabulário crítico*. Belo horizonte: Autêntica, 2000. b
- Skliar 2002. *É o outro que retorna ou é um eu que hospeda? Notas sobre a pergunta obstinada pelas diferenças em educação*. UFRGS 2002.
- Skliar C. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse a?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- Skliar C. *Jacotot-Rancière ou a dissonância inaudita de uma pedagogia (infelizmente) pessimista*. Educação e Realidade, Campinas, v. 24, nº 82, abril 2003.

- Skliar, C. A invenção e a exclusão da alteridade “deficiente” a partir dos significados da normalidade. In. *Das diferenças*. Revista Educação e Realidade. V 24, n2, Jul/dez, 1999. (15 -32)
- Skliar, C. A reestruturação curricular e as políticas educacionais para as diferenças: o caso dos surdos. In SILVA, L da., AZEVEDO J. C. & SANTOS E. *Identidade Social e Construção do Conhecimento*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1997. p. 242-306.
- Skliar, C. La Educación de los sordos: una reconstrucción histórica cognitiva y pedagógica. Mendoza: EDIUNC, 1997
- Skliar, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade . In: Skliar (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- Souza, R. Parecer sobre a proposta de Tese de Gladis Perlin. 2000.
- Stam, R. & Shohat, E. *Estereótipo, realismo e representação racial*. Imagens, local, n. 5: p. 70-84, ago./dez. 1995.
- Stumpf, M. Transcrição de Língua de Sinais Brasileira em signwriting. In Lodi A. C. (Orgs.) *Letramento e Minorias*. Porto Alegre: Mediação, 2002
- Thoma, A. *O cinema e a flutuação das representações surdas – Que drama que se desenrola neste filme? Depende da perspectiva...* UFRGS/FACED: Tese de Doutorado, 2002.
- Touraine, A . *Uma visão crítica da modernidade*. Cadernos de sociologia. Porto Alegre, Volume 5, p. 32-41, 1993.
- Vallejo, C. Poesia completa, Rio de Janeiro: Rioarte, 1984.
- Veiga-Neto, A . Michel Foucault e os Estudos Culturais. In Costa, M (Org.) *Estudos Culturais em Educação*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- Veiga-Neto, A . Olhares... In Costa, M. (Org.) *Caminhos investigativos*. Porto Alegre: Mediação, 1996.
- Woodward, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In Silva T. T. da (Org.) *Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- Wrigley, O. *The Politics of Deafness*. Washington: Gallaudet University Press: 1997.